UNE ✦ SACRA

Bruxaria e Wicca

Filosofia Oculta — Livro I

✦ ✦ ✦

Heinrich Cornelius Agrippa

Tradução (edição 1.4)

Créditos

Autor	Heinrich Cornelius Agrippa
Data	1533 (tradução inglesa de 1651)
Idioma original	Latim
Versão	Tradução (edição 1.4)
Tradução	Tradução popular, a partir da versão inglesa de J. F. (1651)
Fonte	Wikisource — Three Books of Occult Philosophy (1651)
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

Heinrich Cornelius Agrippa von Nettesheim (1486–1535), nascido em Colônia, foi médico, jurista, soldado e professor, e passou a vida viajando pela Alemanha, França, Itália e Países Baixos.

Ainda jovem, por volta de 1510, escreveu uma primeira versão dos Três Livros da Filosofia Oculta, que só publicou, ampliada, em 1533.

A obra reúne, num sistema só, o que o Renascimento sabia de magia: o neoplatonismo de Marsilio Ficino, a Cabala cristã de Pico della Mirandola e Johannes Reuchlin, a astrologia e as antigas autoridades, de Plínio a Hermes Trismegisto.

Agrippa divide o universo em três mundos — o elementar, o celeste e o intelectual — e dedica um livro a cada um.

O Livro I, aqui traduzido, é o da magia natural: os quatro elementos e suas qualidades, as "virtudes ocultas" das pedras, plantas e animais, as simpatias e antipatias, as coisas regidas por cada planeta, as ligaduras, os perfumes, os anéis, a fascinação, as paixões da alma, o poder das palavras, dos nomes e dos encantamentos.

Os livros II (magia celeste: números, quadrados mágicos, astrologia) e III (magia cerimonial: Cabala, anjos e demônios) estão no Une Sacra como livros à parte.

O livro tornou-se a grande enciclopédia do ocultismo ocidental e serviu de fonte para grimórios, para a Ordem Hermética da Aurora Dourada e para a magia moderna.

O próprio Agrippa, em 1526, escreveu Da incerteza e vaidade das ciências, em que diz ter abandonado a magia, mas manteve a publicação da Filosofia Oculta. A tradução inglesa de 1651, assinada "J. F."

(John French), foi a primeira e é a mais conhecida; a grafia antiga do inglês foi mantida.

Fonte: https://en.wikisource.org/wiki/Three_Books_of_Occult_Philosophy

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

I. Como os magos recolhem as virtudes do mundo tríplice, conforme se declara nestes três livros

II. O que é a Magia, quais são as suas partes e que qualidades devem ter os que a professam

III. Dos quatro Elementos, de suas qualidades e de suas misturas mútuas

IV. Da consideração tríplice dos Elementos

V. Das maravilhosas naturezas do Fogo e da Terra

VI. Das maravilhosas naturezas da Água, do Ar e dos Ventos

VII. Das espécies de compostos, que relação têm com os Elementos, e que relação há entre os próprios Elementos e a alma, os sentidos e as disposições dos homens

VIII. Como os Elementos estão nos Céus, nas Estrelas, nos Diabos, nos Anjos e, por fim, no próprio Deus

IX. Das virtudes das coisas Naturais que dependem imediatamente dos Elementos

X. Das virtudes ocultas das coisas

XI. Como as virtudes ocultas são infundidas nas diversas espécies de coisas pelas Ideias, com o auxílio da Alma do Mundo e dos raios das Estrelas; e que coisas abundam mais nesta virtude

XII. Como se infundem virtudes particulares em indivíduos particulares, mesmo da mesma espécie

XIII. De onde procedem as virtudes ocultas das coisas

XIV. Do Espírito do Mundo, o que é e como, à maneira de meio, une as virtudes ocultas aos seus sujeitos

XV. Como devemos descobrir e examinar as virtudes das coisas por via de semelhança

XVI. Como as operações de diversas virtudes passam de uma coisa a outra e se comunicam umas às outras

XVII. Como pela inimizade e pela amizade se hão de provar e descobrir as virtudes das coisas

XVIII. Das inclinações das inimizades

XIX. Como se hão de provar e descobrir as virtudes das coisas que estão nelas especificamente, ou em algum indivíduo por via de dom especial

XX. Que as virtudes naturais estão em algumas coisas em toda a sua substância, e em outras em certas partes e membros

XXI. Das virtudes das coisas que estão nelas só durante a vida, e das que permanecem nelas mesmo depois da morte

XXII. Como as coisas inferiores estão sujeitas aos corpos superiores, e como os corpos, as ações e as disposições dos homens se atribuem às estrelas e aos signos

XXIII. Como saberemos sob que estrelas estão as coisas naturais, e que coisas estão sob o Sol, as quais se chamam solares

XXIV. Que coisas são lunares, ou estão sob o poder da Lua

XXV. Que coisas são saturninas, ou estão sob o poder de Saturno

XXVI. Que coisas estão sob o poder de Júpiter e são chamadas joviais

XXVII. Que coisas estão sob o poder de Marte e são chamadas marciais

XXVIII. Que coisas estão sob o poder de Vênus e são chamadas venéreas

XXIX. Que coisas estão sob o poder de Mercúrio e são chamadas mercuriais

XXX. Que todo o mundo sublunar, e as coisas que nele estão, são distribuídos aos planetas

XXXI. Como as províncias e os reinos são distribuídos aos planetas

XXXII. Que coisas estão sob os signos, as estrelas fixas e suas imagens

XXXIII. Dos selos e caracteres das coisas naturais

XXXIV. Como, por meio das coisas naturais e de suas virtudes, podemos extrair e atrair as influências e virtudes dos corpos celestes

XXXV. Das misturas das coisas naturais umas com as outras, e de seu proveito

XXXVI. Da união das coisas misturadas, e da introdução de uma forma mais nobre e dos sentidos da vida

XXXVII. Como, por certas preparações naturais e artificiais, podemos atrair certos dons celestes e vitais

XXXVIII. Como podemos atrair do alto não só dons celestes e vitais, mas também certos dons intelectuais e divinos

XXXIX. Que podemos, por certas matérias do mundo, despertar os deuses do mundo e seus espíritos servidores

XL. Das amarrações, de que espécie são e de que modos se costumam fazer

XLI. Dos feitiços e de seu poder

XLII. Das virtudes maravilhosas de algumas espécies de feitiçarias

XLIII. Dos perfumes ou sufumigações, seu modo e poder

XLIV. A composição de alguns fumos apropriados aos planetas

XLV. Dos colírios, unções, filtros de amor e suas virtudes

XLVI. Das ligaduras e suspensões naturais

XLVII. Dos anéis e suas composições

XLVIII. Da virtude dos lugares, e quais lugares convêm a cada estrela

XLIX. Da luz, das cores, das velas e das lâmpadas, e a que estrelas, casas e elementos se atribuem as diversas cores

L. Da fascinação e de sua arte

LI. De certas observâncias que produzem virtudes maravilhosas

LII. Do semblante e do gesto, do porte e da figura do corpo, e a que astros cada um deles corresponde; de onde a fisiognomonia, a metoposcopia e a quiromancia, artes de adivinhação, tiram seus fundamentos

LIII. Da adivinhação e de suas espécies

LIV. De diversos animais e outras coisas que têm significação nos augúrios

LV. Como os auspícios se verificam pela luz do instinto natural, e de algumas regras para descobri-lo

LVI. Das adivinhações pelos clarões e relâmpagos, e de como se devem interpretar as coisas monstruosas e prodigiosas

LVII. Da geomancia, hidromancia, aeromancia e piromancia, quatro adivinhações dos elementos

LVIII. Da ressurreição dos mortos, e de dormir e ficar sem alimento muitos anos seguidos

LIX. Da adivinhação pelos sonhos

LX. Da loucura e das adivinhações que se fazem quando os homens estão acordados, e do poder do humor melancólico, pelo qual os espíritos às vezes são induzidos nos corpos dos homens

LXI. Da formação do homem, dos sentidos externos e também dos internos, e da mente; do tríplice apetite da alma e das paixões da vontade

LXII. Das paixões da mente, sua origem, diferença e espécies

LXIII. Como as paixões da mente mudam o próprio corpo, mudando os acidentes e movendo o espírito

LXIV. Como as paixões da mente mudam o corpo por via de imitação a partir de alguma semelhança; também da transformação e transporte dos homens, e que força tem a potência imaginativa não só sobre o corpo, mas sobre a alma

LXV. Como as paixões da mente podem agir fora de si sobre o corpo de outrem

LXVI. Que as paixões da mente são ajudadas por uma estação celeste, e quão necessária é a constância da mente em toda obra

LXVII. Como a mente do homem pode unir-se à mente e às inteligências dos corpos celestes e, junto com elas, imprimir certas virtudes maravilhosas nas coisas inferiores

LXVIII. Como nossa mente pode mudar e ligar as coisas inferiores àquilo que deseja

LXIX. Da fala e da virtude das palavras

LXX. Da virtude dos nomes próprios

LXXI. De muitas palavras juntas, como em sentenças e versos, e das virtudes e ligaduras dos encantamentos

LXXII. Do maravilhoso poder dos encantamentos

LXXIII. Da virtude da escrita, e de fazer imprecações e inscrições

LXXIV. Da proporção, correspondência e redução das letras aos signos celestes e aos planetas, segundo várias línguas, com uma tabela que o mostra

I. COMO OS MAGOS RECOLHEM AS VIRTUDES DO MUNDO TRÍPLICE, CONFORME SE DECLARA NESTES TRÊS LIVROS

✦

Visto que há um mundo tríplice, Elementar, Celeste e Intelectual, e que todo inferior é governado pelo seu superior e recebe a influência das virtudes dele, de modo que o próprio Autor original e principal de tudo, por meio dos Anjos, dos Céus, das Estrelas, dos Elementos, dos Animais, das Plantas, dos Metais e das Pedras, transmite de si mesmo a nós as virtudes de sua Onipotência, para cujo serviço fez e criou todas essas coisas: os sábios não julgam de modo algum irracional que nos seja possível subir pelos mesmos degraus através de cada mundo até o próprio mundo original, o Criador de todas as coisas e Causa primeira, de onde todas as coisas são e procedem; e também gozar não só das virtudes que já estão nas espécies mais excelentes de coisas, mas, além delas, atrair do alto novas virtudes.

Daí vem que buscam as virtudes do mundo Elementar com o auxílio da Medicina e da Filosofia Natural, nas várias misturas das coisas naturais; depois as do mundo Celeste, nos seus Raios e influências, segundo as regras dos Astrólogos e as doutrinas dos Matemáticos, juntando as virtudes Celestes às primeiras: além disso, ratificam e confirmam tudo isso com os poderes de diversas Inteligências, mediante as sagradas Cerimônias das Religiões.

A ordem e o desenvolvimento de tudo isso procurarei expor nestes três livros, dos quais o primeiro contém a Magia natural, o segundo a Celeste e o terceiro a Cerimonial.

Mas não sei se não será presunção imperdoável da minha parte que eu, homem de tão pouco juízo e saber, me lance tão confiante, ainda na minha juventude, a um empreendimento tão difícil, tão árduo e intrincado como este. Por isso, de tudo o que aqui já foi dito por mim e do que ainda direi, não quero que ninguém concorde, nem eu mesmo concordarei, senão na medida em que for aprovado pela Igreja Universal e pela Congregação dos Fiéis.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

II. O QUE É A MAGIA, QUAIS SÃO AS SUAS PARTES E QUE QUALIDADES DEVEM TER OS QUE A PROFESSAM

✦

A Magia é uma faculdade de virtude maravilhosa, cheia de altíssimos mistérios, que contém a mais profunda contemplação das coisas mais secretas, juntamente com a natureza, o poder, a qualidade, a substância e as virtudes delas, bem como o conhecimento da natureza inteira; e ela nos instrui acerca da diferença e da concordância das coisas entre si, donde produz os seus efeitos maravilhosos, unindo as virtudes das coisas pela aplicação de umas às outras e aos seus sujeitos inferiores adequados, juntando-as e entrelaçando-as por completo pelos poderes e virtudes dos Corpos superiores.

Esta é a Ciência mais perfeita e principal, aquela espécie sagrada e mais sublime de Filosofia e, por fim, a perfeição mais absoluta de toda a mais excelente Filosofia.

Pois, visto que toda Filosofia reguladora se divide em Natural, Matemática e Teológica (a Filosofia Natural ensina a natureza das coisas que estão no mundo, pesquisando e investigando as suas Causas, Efeitos, Tempos, Lugares, Formas, Acontecimentos, o seu Todo e as suas Partes, e também

O número e a natureza das coisas

Chamadas Elementos, o que geram Fogo, Terra e Ar;

De onde os Céus tiveram o seu princípio;

De onde vem a maré, de onde o arco-íris, vestido de alegres cores.

O que faz as nuvens que se juntam e escurecem

Lançarem relâmpagos e o estalo do trovão;

O que produz as chamas noturnas e os cometas;

O que faz a Terra inchar e depois tremer:

Qual é a semente dos metais e do ouro,

Que virtudes e riquezas guarda o cofre da Natureza.

Todas essas coisas a Filosofia natural, observadora da natureza, abrange, ensinando-nos, segundo a Musa de Virgílio:

————————De onde todas as coisas fluem,

De onde o homem, o animal; de onde o fogo, a chuva e a neve,

De onde vêm os terremotos; por que o oceano inteiro bate

Por sobre as suas margens e depois recua de novo:

De onde a força das ervas, a coragem e a fúria das feras,

Todas as espécies de pedras, de répteis e de frutos.

Mas a Filosofia Matemática nos ensina a conhecer a quantidade dos corpos naturais, enquanto estendidos em três dimensões, e também a compreender o movimento e o curso dos Corpos Celestes.

————————Como, em grande pressa,

O que faz as estrelas douradas marcharem tão rápido;

O que faz a Lua às vezes mascarar o rosto,

E também o Sol, como se caído em desgraça.

E, como canta Virgílio:

Como o Sol governa com os doze signos do Zodíaco

A esfera que é medida em redor com linhas,

Ela dá a conhecer o caminho estrelado dos Céus,

E os estranhos eclipses do Sol e da Lua.

Também Arcturo e as estrelas da chuva,

As Sete Estrelas e igualmente o Carro de Carlos,

Por que os sóis de inverno correm tão depressa para o poente;

O que faz as noites tão longas antes de passarem?

Tudo isso é compreendido pela Filosofia Matemática.

———————Assim, pelos Céus podemos prever

Todas as estações; os tempos de colher e semear,

E quando convém lançar-se ao mar profundo,

E quando ir à guerra, e quando dormir em paz,

E quando arrancar as árvores e de novo

Plantá-las, para que deem fruto em abundância.

Ora, a Filosofia Teológica, ou Divindade, ensina o que é Deus, o que é a Mente, o que é uma Inteligência, o que é um Anjo, o que é um Diabo, o que é a Alma, o que são a Religião, as instituições sagradas, os Ritos, os Templos, as Observâncias e os sagrados Mistérios: instrui-nos também acerca da Fé, dos Milagres, das virtudes das Palavras e das Figuras, das operações secretas e dos mistérios dos Selos e, como diz Apuleio, ensina-nos a entender corretamente e a ser versados nas Leis Cerimoniais, na equidade das coisas Santas e na regra das Religiões.

Mas, para me recompor, estas três faculdades principais a Magia as abrange, une e põe em ato; com justiça, pois, foi tida pelos Antigos como a mais alta e mais sagrada Filosofia.

Foi, como sabemos, trazida à luz por autores sapientíssimos e escritores famosíssimos, entre os quais principalmente Zamolxis e Zoroastro foram tão célebres que muitos creram terem sido eles os inventores desta Ciência.

Seguiram as suas pegadas Ábaris, o Hiperbóreo, Carmondas, Damigeron, Eudoxo e Hermipo; houve também outros homens eminentes e escolhidos, como Mercúrio Trismegisto, Porfírio, Jâmblico, Plotino, Proclo, Dárdano, Orfeu, o Trácio, Gog, o Grego, Germa, o Babilônio, Apolônio de Tiana; Ostanes também escreveu excelentemente nesta Arte, cujos livros, estando como que perdidos, Demócrito de Abdera recuperou e publicou com os seus próprios Comentários.

Além disso, Pitágoras, Empédocles, Demócrito, Platão e muitos outros filósofos renomados viajaram para longe por mar a fim de aprender esta Arte;

e, tendo voltado, divulgaram-na com maravilhosa devoção, estimando-a como um grande segredo.

Também é bem sabido que Pitágoras e Platão foram aos Profetas de Mênfis para aprendê-la e percorreram quase toda a Síria, o Egito, a Judeia e as Escolas dos Caldeus, para não ignorarem os mais sagrados Monumentos e Registros da Magia, e também para se proverem de coisas Divinas.

Quem, portanto, deseja estudar nesta Faculdade, se não for versado na Filosofia natural, em que se descobrem as qualidades das coisas e se encontram as propriedades ocultas de cada Ser, e se não for hábil nas Matemáticas, nos Aspectos e nas Figuras das Estrelas, de que depende a sublime virtude e propriedade de cada coisa; e se não for instruído na Teologia, em que se manifestam aquelas substâncias imateriais que dispensam e administram todas as coisas, não poderá de modo algum entender a racionalidade da Magia.

Pois não há obra feita por pura Magia, nem obra puramente Mágica, que não abranja estas três Faculdades.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

III. DOS QUATRO ELEMENTOS, DE SUAS QUALIDADES E DE SUAS MISTURAS MÚTUAS

✦

Há quatro Elementos, fundamentos originais de todas as coisas corpóreas: Fogo, Terra, Água e Ar, dos quais se compõem todos os corpos inferiores elementados, não por modo de amontoá-los juntos, mas por transmutação e união; e, quando se destroem, resolvem-se em Elementos.

Pois nenhum dos Elementos sensíveis é puro, mas são mais ou menos misturados e aptos a transformar-se uns nos outros: assim como a Terra, tornando-se lamacenta e dissolvendo-se, torna-se Água, e esta, tornando-se espessa e dura, volta a ser Terra; mas, evaporada pelo calor, passa a Ar, e este, inflamado, passa a Fogo, e este, extinto, volta outra vez a Ar, mas, esfriado de novo depois da combustão, torna-se Terra, ou Pedra, ou Enxofre, e isto se manifesta pelo Raio.

Platão também era desta opinião, que a Terra era completamente mutável e que os demais Elementos se transformam tanto nela como uns nos outros, sucessivamente. Mas é opinião dos filósofos mais sutis que a Terra não se transforma, mas é amolecida e misturada com outros Elementos, que a dissolvem, e que ela volta de novo a si mesma.

Ora, cada um dos Elementos tem duas qualidades específicas, das quais retém a primeira como própria de si, e na outra, como meio-termo, concorda com o que vem logo depois dele. Pois o Fogo é quente e seco, a Terra seca e fria, a Água fria e úmida, o Ar úmido e quente.

E assim, dessa maneira, os Elementos, segundo duas qualidades contrárias, são contrários uns aos outros, como o Fogo à Água e a Terra ao Ar. Além disso, os Elementos são opostos entre si por outro aspecto: pois uns são pesados, como a Terra e a Água, e outros são leves, como o Ar e o Fogo. Por isso os Estoicos chamaram aos primeiros passivos, e aos últimos ativos.

E ainda outra vez Platão os distingue de outra maneira e atribui a cada um deles três qualidades, a saber: ao Fogo, brilho, sutileza e movimento; à Terra, porém, escuridão, espessura e repouso. E segundo essas qualidades os Elementos do Fogo e da Terra são contrários.

Mas os outros Elementos tomam emprestadas as suas qualidades destes, de modo que o Ar recebe duas qualidades do Fogo, sutileza e movimento, e uma da Terra, a saber, a escuridão. Do mesmo modo a Água recebe duas qualidades da Terra, escuridão e espessura, e uma do Fogo, a saber, o movimento.

Mas o Fogo é duas vezes mais sutil que o Ar, três vezes mais móvel e quatro vezes mais brilhante; e o Ar é duas vezes mais brilhante, três vezes mais sutil e quatro vezes mais móvel que a Água. Por isso a Água é duas vezes mais brilhante que a Terra, três vezes mais sutil e quatro vezes mais móvel.

Assim, pois, como o Fogo está para o Ar, assim o Ar está para a Água, e a Água para a Terra; e de novo, como a Terra está para a Água, assim a Água está para o Ar, e o Ar para o Fogo.

E esta é a raiz e o fundamento de todos os corpos, naturezas, virtudes e obras maravilhosas; e quem conhecer estas qualidades dos Elementos e as

suas misturas realizará facilmente coisas maravilhosas e assombrosas, e será perfeito na Magia.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

IV. DA CONSIDERAÇÃO TRÍPLICE DOS ELEMENTOS

✦

Há, pois, como dissemos, quatro Elementos, sem cujo perfeito conhecimento nada podemos efetuar na Magia. Ora, cada um deles é tríplice, de modo que o número quatro perfaça o número doze; e, passando pelo número sete ao número dez, haja um progresso até a suprema Unidade, da qual depende toda virtude e operação maravilhosa.

Da primeira Ordem são os Elementos puros, que não são compostos nem mudados, nem admitem mistura, mas são incorruptíveis, e não dos quais, mas pelos quais as virtudes de todas as coisas naturais são levadas ao ato. Ninguém é capaz de declarar as suas virtudes, porque podem todas as coisas sobre todas as coisas. Quem os ignora nunca poderá realizar nenhuma coisa maravilhosa.

Da segunda Ordem são os Elementos compostos, mutáveis e impuros, mas tais que podem pela arte ser reduzidos à sua pura simplicidade, e cuja virtude, quando assim reduzidos à simplicidade, aperfeiçoa acima de tudo todas as operações ocultas e comuns da natureza: e estes são o fundamento de toda a Magia natural.

Da terceira Ordem são aqueles Elementos que originalmente e por si mesmos não são Elementos, mas são duas vezes compostos, variados e mutáveis uns nos outros. São o Meio infalível e por isso se chamam a natureza intermediária, ou Alma da natureza intermediária: pouquíssimos há que entendam os seus profundos mistérios.

Neles está, por meio de certos números, graus e ordens, a perfeição de todo efeito em qualquer coisa que seja, Natural, Celeste ou Supraceleste; são cheios de maravilhas e mistérios e são operativos, tanto na Magia Natural como na Divina: pois destes e por meio deles procedem as ligaduras, as soluções e as transmutações de todas as coisas, o conhecimento e a predição das coisas futuras, e também a expulsão dos maus espíritos e a obtenção dos bons.

Ninguém, portanto, sem estas três espécies de Elementos e o seu conhecimento, se fie em que é capaz de operar alguma coisa nas Ciências ocultas da Magia e da Natureza.

Mas quem souber reduzir os de uma Ordem aos de outra, os impuros aos puros, os compostos aos simples, e souber entender distintamente a natureza, a virtude e o poder deles em número, graus e ordem, sem dividir a substância, alcançará facilmente o conhecimento e a operação perfeita de todas as coisas Naturais e dos segredos Celestes.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

V. DAS MARAVILHOSAS NATUREZAS DO FOGO E DA TERRA

✦

Há duas coisas (diz Hermes), a saber, o Fogo e a Terra, que bastam para a operação de todas as coisas maravilhosas: o primeiro é ativo, a segunda passiva. O Fogo (como diz Dionísio), em todas as coisas e através de todas as coisas, vem e vai-se brilhante; está em todas as coisas brilhante e, ao mesmo tempo, oculto e desconhecido.

Quando está por si mesmo (sem que lhe venha outra matéria em que manifeste a sua ação própria), é ilimitado e invisível, suficiente por si para toda ação que lhe é própria, móvel, cedendo-se de certo modo a todas as coisas que lhe estão próximas, renovador, guardião da natureza, iluminador, não compreendido pelas luzes veladas, claro, dividido, ressaltante, voltado para o alto, rápido no movimento, elevado, sempre suscitando movimentos, compreendendo outro sem ser ele mesmo compreendido, sem necessidade de outro, crescendo secretamente por si e manifestando a sua grandeza às coisas que o recebem, Ativo, Poderoso, invisivelmente presente em todas as coisas ao mesmo tempo; não tolera afronta nem oposição, mas, como que por vingança, reduz de súbito as coisas à obediência a si, incompreensível, impalpável, não diminuído, riquíssimo em todas as suas dispensações.

O Fogo (como diz Plínio) é a parte ilimitada e danosa da natureza das coisas, sendo duvidoso se destrói ou produz a maioria das coisas.

O próprio Fogo é uno e penetra todas as coisas (como dizem os Pitagóricos), espalhado também nos Céus e brilhante; mas no lugar infernal é estreitado, escuro e atormentador; no meio do caminho participa de ambos. O Fogo, pois, em si mesmo é uno, mas no que o recebe é múltiplo, e em sujeitos diferentes distribui-se de maneira diferente, como atesta Cleantes em Cícero.

Esse fogo que usamos é tirado de outras coisas. Está nas pedras e é tirado delas pelo golpe do aço; está na Terra e faz que esta, depois de escavada, fumegue; está na Água e aquece as fontes e os poços; está na profundeza do Mar e faz que este, agitado pelos ventos, se aqueça; está no Ar e o faz (como vemos muitas vezes) arder.

E todos os Animais e seres vivos quaisquer, bem como todos os Vegetais, são conservados pelo calor; e tudo o que vive, vive em razão do calor nele encerrado. As propriedades do Fogo que está no alto são o calor, que torna todas as coisas fecundas, e a luz, que dá vida a todas as coisas.

As propriedades do Fogo infernal são um calor abrasador, que consome todas as coisas, e as trevas, que tornam todas as coisas estéreis.

O Fogo Celeste e brilhante afugenta os espíritos das trevas; também este nosso Fogo feito com lenha os afugenta, na medida em que tem analogia com aquela Luz Superior e é o seu vehiculum; e também daquele que diz: Eu sou a Luz do Mundo, que é o verdadeiro Fogo, o Pai das luzes, de quem procede todo bem que nos é dado; o qual envia a luz do seu Fogo e a comunica primeiro ao Sol e aos demais corpos Celestes e, por meio destes, como instrumentos mediadores, transmite essa luz ao nosso Fogo.

Assim, pois, como os espíritos das trevas são mais fortes no escuro, assim os bons espíritos, que são Anjos de Luz, são fortalecidos não só por aquela luz Divina, do Sol e Celeste, mas também pela luz do nosso fogo comum.

Daí vem que os primeiros e mais sábios instituidores das Religiões e Cerimônias ordenaram que as Orações, os Cânticos e toda espécie de Culto Divino não se fizessem sem velas acesas ou tochas. (Daí também aquele significativo dito de Pitágoras: Não fales de Deus sem Luz.)

E mandaram que, para afugentar os espíritos malignos, se acendessem Luzes e Fogos junto aos cadáveres dos mortos e que não fossem retirados até que se cumprissem santamente as expiações e eles fossem sepultados.

E o grande Jeová em pessoa, na antiga Lei, ordenou que todos os seus Sacrifícios fossem oferecidos com Fogo e que o Fogo ardesse sempre sobre o Altar, costume que os Sacerdotes do Altar sempre observaram e guardaram entre os Romanos.

Ora, a base e o fundamento de todos os Elementos é a Terra, pois ela é o objeto, o sujeito e o receptáculo de todos os raios e influências Celestes; nela estão contidas as sementes e as virtudes seminais de todas as coisas; e por isso se diz que é Animal, Vegetal e Mineral.

Fecundada pelos outros Elementos e pelos Céus, produz por si mesma todas as coisas; recebe a abundância de todas as coisas e é como que a primeira fonte de onde todas as coisas brotam; é o centro, o fundamento e a mãe de todas as coisas.

Tomai dela quanto quiserdes, separada, lavada, depurada, sutilizada; se a deixardes ao ar livre por pouco tempo, ela, cheia e abundante de virtudes

Celestes, produzirá por si mesma Plantas, Vermes e outros seres vivos, e também Pedras e brilhantes centelhas de Metais.

Nela há grandes segredos, se alguma vez for purificada com o auxílio do Fogo e reduzida à sua simplicidade por uma lavagem conveniente. É a primeira matéria da nossa Criação e o mais verdadeiro Remédio capaz de nos restaurar e conservar.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VI. DAS MARAVILHOSAS NATUREZAS DA ÁGUA, DO AR E DOS VENTOS

✦

Os outros dois Elementos, a saber, a Água e o Ar, não são menos eficazes que os anteriores; nem falta à natureza meio de operar neles coisas maravilhosas. Tão grande é a necessidade da Água que sem ela nenhum ser vivo pode viver. Nenhuma Erva, nenhuma Planta, sem ser umedecida pela Água, pode lançar ramos.

Nela está a virtude seminal de todas as coisas, especialmente dos Animais, cuja semente é manifestamente aquosa. Também as sementes das Árvores e das Plantas, embora sejam terrosas, precisam necessariamente apodrecer na Água antes de poderem frutificar, quer sejam embebidas da umidade da Terra, quer do orvalho, da chuva ou de qualquer outra Água que se lhes ponha de propósito.

Pois Moisés escreve que só a Terra e a Água produzem alma vivente. Mas ele atribui à Água uma dupla produção de coisas, a saber, das que nadam nas Águas e das que voam no Ar acima da Terra.

E que as produções feitas na Terra e sobre ela se atribuem em parte à própria Água, testifica-o a mesma Escritura, onde diz que as Plantas e as Ervas não cresciam porque Deus não tinha feito chover sobre a Terra. Tal é a eficácia deste Elemento da Água que a regeneração Espiritual não se pode fazer sem ela, como o próprio Cristo testificou a Nicodemos.

Muito grande é também a sua virtude no Culto Religioso de Deus, nas expiações e purificações; sim, a necessidade dela não é menor que a do Fogo.

Infinitos são os seus benefícios e diversos os seus usos, por ser ela aquilo em virtude de que todas as coisas subsistem, são geradas, nutridas e aumentadas. Daí que Tales de Mileto e Hesíodo concluíram que a Água era o princípio de todas as coisas e disseram que era o primeiro de todos os Elementos e o mais potente, e isso porque tem domínio sobre todos os demais.

Pois, como diz Plínio, as Águas engolem a Terra, extinguem as chamas, sobem ao alto e, estendendo as nuvens, reivindicam o Céu para si; e as mesmas, caindo, tornam-se a causa de todas as coisas que crescem na Terra.

Muitíssimas são as maravilhas operadas pelas Águas, segundo os escritos de Plínio, Solino e muitos outros historiadores; da sua maravilhosa virtude também Ovídio faz menção nestes versos:

——As águas de Amon cornígero ao meio-dia

São frias; quentes ao nascer e ao pôr do Sol.

A lenha posta no borbulhante Atamas se inflama

Quando a Lua está mais afastada do Sol.

As correntes cicônias petrificam as entranhas

De quem delas bebe, e o que nelas se lança.

O Crátis e o Síbaris (que rolam das montanhas)

Tingem o cabelo como âmbar ou ouro puro.

Algumas fontes, de natureza mais prodigiosa,

Não só mudam o corpo, mas também a mente.

Quem não ouviu falar da obscena Sálmacis?

Do lago etíope? pois quem dele

Apenas prova, já não conserva o juízo,

Ou cai logo num sono mortal.

Quem na fonte de Clitório mata a sede

Detesta o vinho e, abstêmio, ama só a água.

Com correntes opostas a estas corre o Lincesto:

Cambaleiam, como ébrios, os que dele bebem demais.

Um lago se ergue na bela Arcádia, de antigo

Chamado Feneu; suspeito por ser duplo:

Teme e abstém-te de beber dele à noite:

De noite é nocivo, salubre à luz do dia.

Josefo também relata a maravilhosa natureza de certo rio entre Arceia e Rafaneia, cidades da Síria, que corre com leito cheio durante todo o dia de Sábado e então cessa de repente, como se as nascentes se tapassem, e durante todos os seis dias se pode atravessá-lo a pé enxuto; mas de novo, no sétimo dia (sem que ninguém saiba a razão), as Águas voltam em abundância, como antes.

Por isso os habitantes daqueles arredores o chamaram rio do Sábado, por causa do sétimo dia, que era santo para os Judeus. O Evangelho também atesta um tanque das ovelhas, no qual quem primeiro entrasse, depois que a Água fosse agitada pelo Anjo, ficava curado de qualquer doença que tivesse.

A mesma virtude e eficácia, lemos, havia numa fonte das Ninfas Jônias, que ficava nos territórios pertencentes à cidade de Élis, numa aldeia chamada Heracleia, perto do rio Citéron: quem nela entrasse doente saía são e curado de todas as suas doenças.

Pausânias também relata que no Liceu, monte da Arcádia, havia uma fonte chamada Ágria, à qual, sempre que a secura da Região ameaçava a destruição dos frutos, ia o Sacerdote de Júpiter Liceu e, depois de oferecer Sacrifícios e orar devotamente às Águas da Fonte, segurando na mão um ramo de carvalho, mergulhava-o até o fundo da Fonte consagrada; então, agitadas as águas, um vapor que dali subia ao Ar era soprado em nuvens, que, juntando-se, cobriam todo o Céu; e estas, pouco depois desfeitas em chuva, regavam todo o país de modo saudabilíssimo. Além disso, Rufo, médico de Éfeso, além de muitos outros autores, escreveu coisas estranhas acerca das maravilhas das Águas, que, pelo que sei, não se encontram em nenhum outro autor.

Resta que eu fale do Ar. Este é um espírito vital que passa através de todos os Seres, dando vida e subsistência a todas as coisas, ligando, movendo e enchendo todas as coisas. Daí vem que os Doutores Hebreus não o contam entre os Elementos, mas o consideram um Meio ou cola que une as coisas, e como o espírito ressoante do instrumento do mundo.

Recebe imediatamente em si as influências de todos os corpos Celestes e depois as comunica aos outros Elementos, bem como a todos os corpos mistos; também recebe em si, como num espelho divino, as espécies de todas as coisas, tanto naturais como artificiais, e também de toda sorte de falas, e as retém; e, levando-as consigo e entrando nos corpos dos homens e de outros animais pelos seus poros, imprime-se neles, tanto quando dormem como quando estão acordados, e fornece matéria para diversos sonhos estranhos e adivinhações.

Daí dizem que vem que um homem, passando por um lugar onde alguém foi morto, ou onde um cadáver foi recém-escondido, se sente tomado de medo e pavor; porque o Ar daquele lugar, cheio das espécies terríveis do homicídio, sendo respirado, move e perturba o espírito do homem com espécies semelhantes, donde vem que ele se põe a ter medo. Pois tudo o que causa uma impressão súbita assombra a natureza.

Por isso muitos filósofos foram de opinião que o Ar é a causa dos sonhos e de muitas outras impressões da mente, pelo prolongamento das imagens, ou semelhanças, ou espécies (que se desprenderam das coisas e das falas e se multiplicaram no próprio Ar), até chegarem aos sentidos e depois à fantasia e à alma de quem as recebe, a qual, estando livre de cuidados e de nenhum modo impedida, esperando encontrar tais espécies, é informada por elas.

Pois as espécies das coisas, embora por sua própria natureza sejam levadas aos sentidos dos homens e dos outros animais em geral, podem contudo receber alguma impressão do Céu enquanto estão no Ar, em razão da qual,

juntamente com a aptidão e a disposição de quem as recebe, podem ser levadas ao sentido de um antes que ao de outro.

E daí é possível, naturalmente e longe de toda espécie de superstição, sem que intervenha nenhum outro espírito, que um homem seja capaz, em pouquíssimo tempo, de dar a conhecer o seu pensamento a outro homem que esteja a uma distância muito grande e desconhecida dele; embora não possa calcular com precisão o tempo em que isso se dá, deve necessariamente ser dentro de 24 horas; e eu mesmo sei como fazê-lo e muitas vezes o fiz. O mesmo também, em tempos passados, o Abade Tritêmio sabia e fazia.

⁂

Também, quando certas aparências, não só espirituais mas também naturais, emanam das coisas, isto é, por uma certa espécie de emanações de corpos a partir de corpos, e ganham força no Ar, oferecem-se e mostram-se a nós tanto pela luz como pelo movimento, tanto à vista como aos outros sentidos, e às vezes operam coisas maravilhosas sobre nós, como Plotino prova e ensina.

E vemos como pelo vento Sul o Ar se condensa em nuvens finas, nas quais, como num espelho, se refletem, a grande distância, representações de Castelos, Montanhas, Cavalos e Homens, e outras coisas, que, quando as nuvens se vão, logo desaparecem. E Aristóteles, nos seus Meteoros, mostra que o arco-íris se concebe numa nuvem do Ar como num espelho.

E Alberto diz que as efígies dos corpos podem, pela força da natureza, ser facilmente representadas num Ar úmido, do mesmo modo que as repre-

sentações das coisas estão nas coisas.

E Aristóteles conta de um homem a quem aconteceu, por causa da fraqueza da vista, que o Ar próximo dele se tornou como um espelho para ele, e o raio óptico refletia sobre ele mesmo e não podia penetrar o Ar, de modo que, para onde quer que fosse, julgava ver a sua própria imagem, com o rosto voltado para ele, ir adiante dele.

Do mesmo modo, pelo artifício de certos espelhos, podem-se produzir à distância no Ar, além dos espelhos, as imagens que quisermos; as quais, quando os ignorantes as veem, julgam ver aparições de espíritos ou de almas, quando na verdade não são mais que simulacros semelhantes a eles mesmos e sem vida.

E é bem sabido que, se num lugar escuro, onde não há luz senão pela entrada de um raio de Sol por algum buraquinho, se puser um papel branco ou um espelho plano diante dessa luz, poder-se-á ver neles tudo o que se faz lá fora, iluminado pelo Sol. E há outro artifício, ou truque, ainda mais maravilhoso.

Se alguém tomar imagens pintadas com arte, ou letras escritas, e numa noite clara as puser diante dos raios da Lua cheia, as semelhanças delas, multiplicadas no Ar, apanhadas para o alto e refletidas de volta junto com os raios da Lua, outro homem que esteja a par da coisa, a grande distância, as vê, lê e conhece no próprio âmbito e Círculo da Lua; arte de comunicar segredos que é na verdade muito proveitosa para Vilas e Cidades sitiadas, coisa que Pitágoras outrora fazia muitas vezes e que não é desconhecida de alguns nestes dias, e não me excluirei a mim mesmo.

E todas estas, e muitas mais, e maiores que estas, se fundam na própria natureza do Ar e têm as suas razões e causas declaradas na Matemática e na Óptica. E assim como estas semelhanças se refletem de volta à vista, assim também às vezes ao ouvido, como é manifesto no Eco. Mas há artes mais secretas que estas, pelas quais alguém pode, a distância muito remota, ouvir e entender o que outro fala ou sussurra baixinho.

Do Elemento aéreo vêm também os Ventos. Pois não são outra coisa senão Ar movido e agitado. Destes há quatro principais, que sopram dos quatro cantos do Céu, a saber: Noto do Sul, Bóreas do Norte, Zéfiro do Oeste, Euro do Leste; os quais Pontano, abrangendo-os nestes versos, diz:

O frio Bóreas sopra do cimo do Olimpo,

E do fundo flui o nublado Noto.

Do Febo poente voa o fecundo Zéfiro,

E o estéril Euro do nascer do Sol.

Noto é o vento do Sul, nublado, úmido, quente e doentio, que Jerônimo chama o copeiro das chuvas. Ovídio o descreve assim:

Sai voando o vento Sul, de asas gotejantes, que esconde

O seu aspecto temível em nuvens cor de breu,

O seu cabelo branco esvoaça, a barba inchada de aguaceiros;

Névoas lhe cingem a fronte, a chuva lhe jorra do peito.

Mas Bóreas é contrário a Noto e é o vento do Norte, feroz e rugidor, que dissipa as nuvens, torna o Ar sereno e prende a Água com a geada. Ovídio o

apresenta falando assim de si mesmo:

A força me convém: com ela tanjo as nuvens espessas;

Agito as ondas azuis, arranco os carvalhos nodosos;

Congelo a neve macia e açoito a Terra com granizo:

Quando assalto os meus irmãos no Ar,

(Pois esse é o nosso campo) chocamo-nos com tal ímpeto

Que os Céus trovejantes estremecem com os nossos encontros

E o relâmpago, arrancado das nuvens, fulgura do alto,

Quando voo pelas fendas da Terra

E a forço em suas cavernas ocas, faço

Tremer os fantasmas e estremecer o chão.

E Zéfiro, que é o vento do Oeste, é suavíssimo, soprando do Ocidente com brisa agradável; é frio e úmido, remove os efeitos do Inverno e faz brotar Ramos e Flores. A este é contrário Euro, que é o vento do Leste e se chama Apeliotes; é aquoso, nublado e voraz. Destes dois Ovídio canta assim:

Para a Pérsia e Sabá voa Euro;

Cujas gomas perfumam o nascer da rubra Manhã:

Junto à Tarde e à costa que arde

Com o Febo poente, sopra o florido Zéfiro:

Na Cítia o hórrido Bóreas tem o seu reino,

Sob o Boieiro e o Carro gelado:

A terra oposta a esta, Austro a encharca

Com chuvas fecundas e nuvens que sempre choram.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VII. DAS ESPÉCIES DE COMPOSTOS, QUE RELAÇÃO TÊM COM OS ELEMENTOS, E QUE RELAÇÃO HÁ ENTRE OS PRÓPRIOS ELEMENTOS E A ALMA, OS SENTIDOS E AS DISPOSIÇÕES DOS HOMENS

✦

Logo depois dos quatro Elementos simples seguem-se as quatro espécies de Corpos perfeitos compostos deles, que são as Pedras, os Metais, as Plantas e os Animais; e, embora na geração de cada um deles todos os Elementos concorram na composição, cada um deles, porém, segue e se assemelha a um dos Elementos, o que é mais predominante.

Pois todas as Pedras são terrosas, porque são naturalmente pesadas, descem e são tão endurecidas pela secura que não podem ser fundidas. Mas os Metais são aquosos e podem ser fundidos, o que os naturalistas confessam e os químicos acham verdadeiro, a saber, que são gerados de uma Água viscosa, ou de um azougue aquoso.

As Plantas têm tal afinidade com o Ar que, se não estiverem fora, ao ar livre, nem brotam nem crescem. Assim também todos os Animais

Têm em suas naturezas uma força fogosíssima,

E também brotam de uma fonte Celeste.

E o Fogo lhes é tão natural que, extinto ele, logo morrem. E, por outro lado, cada uma dessas espécies se distingue em si mesma em razão dos graus dos Elementos.

Pois entre as Pedras chamam-se especialmente terrosas as que são escuras e mais pesadas; e aquosas as que são transparentes e formadas de água, como o Cristal, o Berilo e as Pérolas nas conchas dos peixes; e chamam-se aéreas as que flutuam sobre a Água e são esponjosas, como as pedras da esponja, a pedra-pomes e a pedra Sophus; e chamam-se ígneas aquelas de que se extrai fogo, ou que se resolvem em Fogo, ou que são produzidas pelo Fogo, como os raios, as pederneiras e a pedra Asbesto.

Também entre os Metais, o Chumbo e a Prata são terrosos; o Mercúrio é aquoso; o Cobre e o Estanho são aéreos; e o Ouro e o Ferro são ígneos. Nas Plantas também as raízes se assemelham à Terra, em razão da sua espessura; as folhas, à Água, por causa do seu suco; as flores, ao Ar, por causa da sua sutileza; e as sementes, ao Fogo, em razão do seu espírito multiplicador.

Ademais, chamam-se umas quentes, outras frias, outras úmidas, outras secas, tomando os seus nomes das qualidades dos Elementos.

Entre os Animais também, uns são, em comparação com outros, terrosos e habitam as entranhas da Terra, como os vermes e as toupeiras e muitos outros pequenos bichos rastejantes; outros são aquáticos, como os peixes; outros aéreos, que não podem viver fora do Ar; outros ainda são ígneos, vivendo no Fogo, como as salamandras e os grilos, e os que têm calor ígneo, como os pombos, os avestruzes, os leões, e os que o sábio chama feras que respiram Fogo.

Além disso, nos Animais os ossos se assemelham à Terra, a carne ao Ar, o espírito vital ao Fogo e os humores à Água. E também estes humores participam dos Elementos, pois a bile amarela faz as vezes do Fogo, o sangue do Ar, a fleuma da Água e a bile negra, ou melancolia, da Terra.

E, por fim, na própria Alma, segundo Agostinho, o entendimento se assemelha ao Fogo, a razão ao Ar, a imaginação à Água e os sentidos à Terra. E também estes sentidos se dividem entre si em razão dos Elementos: pois a vista é ígnea, e não pode perceber sem Fogo e Luz; o ouvido é aéreo, pois o som se faz pelo golpe do Ar; o olfato e o paladar se assemelham à Água, sem cuja umidade não há olfato nem paladar; e, por fim, o tato é inteiramente terroso e toma por objeto os corpos grosseiros. Também as ações e operações do homem são governadas pelos Elementos.

A Terra significa um movimento lento e firme; a Água significa temor, indolência e frouxidão no trabalho; o Ar significa alegria e disposição amável; mas o Fogo, uma disposição feroz, rápida e colérica. Os Elementos, por conseguinte, são as primeiras de todas as coisas, e todas as coisas são deles e segundo eles, e eles estão em todas as coisas e difundem as suas virtudes por todas as coisas.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VIII. COMO OS ELEMENTOS ESTÃO NOS CÉUS, NAS ESTRELAS, NOS DIABOS, NOS ANJOS E, POR FIM, NO PRÓPRIO DEUS

✦

É consenso unânime de todos os Platônicos que, assim como no Mundo original e exemplar todas as coisas estão em todas, assim também neste mundo corpóreo todas as coisas estão em todas; e assim também os Elementos não estão só nestes corpos inferiores, mas também nos Céus, nas Estrelas, nos Diabos, nos Anjos e, por fim, em Deus, criador e exemplar original de todas as coisas.

Ora, nestes corpos inferiores os Elementos vêm acompanhados de muita matéria grosseira; mas nos Céus os Elementos estão com as suas naturezas e virtudes, isto é, de maneira Celeste e mais excelente que nas coisas sublunares.

Pois ali está a firmeza da Terra Celeste sem a grosseria da Água; e a agilidade do Ar sem transbordar os seus limites; o calor do Fogo sem queimar, apenas brilhando e dando vida a todas as coisas com o seu calor.

Entre as Estrelas também umas são ígneas, como Marte e o Sol; aéreas, como Júpiter e Vênus; aquosas, como Saturno e Mercúrio; e terrosas, como as que habitam a oitava Esfera, e a Lua (que, no entanto, por muitos é tida por aquosa), uma vez que, como se fosse Terra, atrai a si as águas Celestes, das quais, embebida, as derrama e comunica a nós, por causa da sua proximidade conosco.

Há também entre os signos uns ígneos, outros terrosos, outros aéreos, outros aquosos: os Elementos os regem também nos Céus, distribuindo-lhes estas quatro considerações tríplices de cada Elemento, a saber, o princípio, o meio e o fim: assim Áries possui o princípio do Fogo, Leão o progresso e aumento, e Sagitário o fim.

Touro, o princípio da Terra, Virgem o progresso, Capricórnio o fim. Gêmeos, o princípio do Ar, Libra o progresso, Aquário o fim. Câncer, o princípio da Água, Escorpião o meio e Peixes o fim. Das misturas, pois, destes Planetas e Signos, juntamente com os Elementos, são feitos todos os corpos.

Além disso, também os Diabos se distinguem uns dos outros por esta razão, de modo que uns se chamam ígneos, outros terrosos, outros aéreos e outros aquosos. Daí também aqueles quatro Rios Infernais: o ígneo Flegetonte, o aéreo Cocito, o aquoso Estige, o terroso Aqueronte.

Também no Evangelho lemos do Fogo do Inferno e do Fogo eterno, para o qual os Malditos serão mandados ir; e no Apocalipse lemos de um Lago de Fogo; e Isaías diz dos condenados que o Senhor os ferirá com Ar corrompido. E em Jó: Passarão das águas da neve ao extremo calor; e no mesmo lemos: Que a Terra é escura e coberta da escuridão da morte e de miseráveis trevas.

Além disso, estes Elementos estão também nos Anjos do Céu e nas Inteligências bem-aventuradas; há neles uma estabilidade da sua essência, que é uma virtude terrena, na qual está o assento firme de Deus; também a sua misericórdia e piedade é uma virtude aquosa purificadora.

Por isso o Salmista os chama Águas, quando, falando dos Céus, diz: Tu que governas as Águas que estão acima dos Céus; também neles o seu sopro sutil é Ar, e o seu amor é Fogo brilhante: por isso são chamados na Escritura as Asas do Vento; e noutro lugar o Salmista fala deles: Tu que fazes dos Anjos os teus Espíritos, e dos teus Ministros um fogo flamejante.

Também, segundo as ordens dos Anjos, uns são ígneos, como os Serafins, as Autoridades e as Potestades; terrosos, como os Querubins; aquosos, como os Tronos e os Arcanjos; aéreos, como as Dominações e os Principados. Não lemos também do Criador original de todas as coisas, que a Terra se abrirá e produzirá um Salvador?

Não se diz do mesmo que será uma fonte de Água viva, que purifica e regenera? Não é o mesmo Espírito que sopra o sopro da vida; e o mesmo, segundo o testemunho de Moisés e de Paulo, um Fogo consumidor?

Que os Elementos, portanto, se encontram em toda parte e em todas as coisas, a seu modo, ninguém pode negar: primeiro, nestes corpos inferiores, feculentos e grosseiros; nos Celestes, mais puros e claros; mas nos Supracelestes, vivos e em todos os aspectos bem-aventurados.

Os Elementos, por conseguinte, no mundo exemplar são Ideias das coisas a serem produzidas; nas Inteligências são poderes distribuídos; nos Céus são virtudes; e nos corpos inferiores, formas grosseiras.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

IX. DAS VIRTUDES DAS COISAS NATURAIS QUE DEPENDEM IMEDIATAMENTE DOS ELEMENTOS

✦

Das virtudes naturais das coisas, umas são Elementares, como aquecer, esfriar, umedecer, secar; e chamam-se operações, ou primeiras qualidades, e o segundo ato: pois só estas qualidades mudam inteiramente toda a substância, o que nenhuma das outras qualidades pode fazer.

E outras estão nas coisas compostas de Elementos, e estas são mais que primeiras qualidades; e tais são as que amadurecem, digerem, resolvem, amolecem, endurecem, adstringem, limpam, corroem, queimam, abrem, evaporam, fortalecem, mitigam, aglutinam, obstruem, expelem, retêm, atraem, repelem, entorpecem, conferem, lubrificam, e muitas mais.

As qualidades Elementares fazem num corpo misto muitas coisas que não podem fazer nos próprios Elementos. E estas operações chamam-se qualidades secundárias, porque seguem a natureza e a proporção da mistura das primeiras virtudes, como se trata amplamente nos livros de Medicina.

Como a maturação, que é a operação do calor natural segundo certa proporção na substância da matéria. A indução é operação do frio; assim também a congelação, e assim das demais.

E estas operações às vezes atuam sobre certo membro, como as que provocam a urina, o leite, as menstruações; e chamam-se terceiras qualidades, que seguem as segundas, como as segundas seguem as primeiras. Segundo,

pois, estas primeiras, segundas e terceiras qualidades, muitas doenças são tanto curadas como causadas.

Há também muitas coisas feitas com arte que os homens muito admiram, como o Fogo que queima a Água, a que chamam Fogo Grego, do qual Aristóteles ensina muitas composições no seu Tratado particular sobre este assunto.

Do mesmo modo se faz um Fogo que se extingue com azeite e se acende com Água fria, quando esta é borrifada sobre ele; e um Fogo que se acende com a Chuva, com o Vento ou com o Sol; e faz-se um Fogo chamado água ardente, cuja Confecção é bem conhecida, e que nada consome senão a si mesmo; e também se fazem Fogos que não se podem apagar, e óleos incombustíveis, e Lâmpadas perpétuas, que não se podem extinguir nem com Vento, nem com Água, nem de nenhum outro modo; o que pareceria inteiramente incrível, se não tivesse havido aquela famosíssima Lâmpada que outrora brilhava no Templo de Vênus, na qual ardia a pedra Asbesto, que, uma vez acesa, nunca se pode extinguir.

Também, ao contrário, a madeira ou qualquer outra matéria combustível pode ser preparada de tal modo que não receba nenhum dano do Fogo; e fazem-se certas Confecções com que, untadas as mãos, podemos carregar nelas Ferro em brasa, ou metê-las em Metal fundido, ou entrar com o corpo inteiro, untado primeiro com elas, no Fogo, sem dano algum; e coisas semelhantes a estas se podem fazer.

Há também uma espécie de linho, que Plínio chama Asbestum e os Gregos chamam ἀσβεϛον, que não é consumido pelo Fogo, do qual Anaxilau diz

que uma árvore envolvida nele pode ser derrubada com golpes insensíveis, que não se podem ouvir.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

X. DAS VIRTUDES OCULTAS DAS COISAS

✦

Há também nas coisas outras virtudes que não provêm de nenhum Elemento, como expelir o veneno, afugentar os vapores nocivos dos Minerais, atrair o Ferro ou qualquer outra coisa; e estas virtudes são uma consequência da espécie e da forma desta ou daquela coisa; donde também, sendo pequenas em quantidade, são de grande eficácia, o que não é concedido a nenhuma qualidade Elementar.

Pois estas virtudes, tendo muita forma e pouca matéria, podem muitíssimo; mas uma virtude Elementar, por ter mais materialidade, requer muita matéria para atuar. E chamam-se qualidades ocultas porque as suas Causas estão escondidas e o intelecto humano não pode de modo algum alcançá-las e descobri-las.

Por isso os filósofos chegaram à maior parte delas mais por longa experiência que pela investigação da razão: pois, assim como no estômago o alimento é digerido pelo calor, o que sabemos, assim também é transformado por certa virtude oculta, que não conhecemos; pois certamente não é transformado pelo calor, porque então seria transformado antes junto ao fogo que no estômago.

Assim há nas coisas, além das qualidades Elementares que conhecemos, certas outras virtudes inatas, criadas pela natureza, que admiramos e que nos assombram, por serem tais que não conhecemos e, na verdade, rara-

mente ou nunca vimos. Como lemos em Ovídio sobre a Fênix, ave única, que se renova a si mesma:

Todas as aves nascem de outras,

Mas há uma ave em toda a Terra,

Chamada pelos assírios Fênix, que o declínio

Da idade repara e semeia-se de novo a si mesma.

E noutro lugar:

O Egito veio ver este espetáculo maravilhoso:

E esta Ave rara é acolhida com deleite.

Há muito tempo Metreas causou grandíssimo assombro aos Gregos e Romanos a respeito de si mesmo. Dizia que nutria e criava uma fera que devorava a si mesma. Por isso muitos até hoje se perguntam que fera seria essa de Matreas. Quem não se admiraria de que se tirem peixes cavando a Terra, de que fazem menção Aristóteles, Teofrasto e o historiador Políbio?

E das coisas que Pausânias escreveu acerca das Pedras que cantam? Todos estes são efeitos de virtudes ocultas. Assim o avestruz coze o Ferro frio e duríssimo e o digere em alimento para o seu corpo; e dizem também que o seu estômago não pode ser ferido por Ferro em brasa.

Assim aquele peixinho chamado Equeneis refreia de tal modo a violência dos Ventos e aplaca a fúria do Mar que, por mais imperiosas e furiosas que sejam as tempestades, e mesmo com as velas enfunadas pelo vento, ainda

assim, com o seu simples toque, detém os navios e os faz ficar parados, de modo que de maneira nenhuma podem ser movidos.

Assim as salamandras e os grilos vivem no Fogo; embora às vezes pareçam arder, não sofrem dano. O mesmo se diz de uma espécie de Betume com que, diz-se, eram untadas as armas das Amazonas, de modo que não podiam ser estragadas nem pela espada nem pelo Fogo; e com o qual também, conta-se, Alexandre Magno mandou untar as Portas Cáspias, feitas de bronze.

Lemos também que a Arca de Noé foi calafetada com este Betume e que durou alguns milhares de anos sobre os montes da Armênia. Há muitas coisas maravilhosas deste gênero, dificilmente críveis, que no entanto se conhecem por experiência.

Entre elas, a Antiguidade faz menção dos Sátiros, que eram animais de forma metade homem e metade fera, mas capazes de fala e razão; um dos quais, refere São Jerônimo, falou certa vez ao santo Antônio, o Eremita, condenou o erro dos Gentios em adorar criaturas tão pobres como eles eram e pediu-lhe que orasse por ele ao verdadeiro Deus; e afirma também que um deles foi mostrado publicamente vivo e depois enviado ao Imperador Constantino.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XI. COMO AS VIRTUDES OCULTAS SÃO INFUNDIDAS NAS DIVERSAS ESPÉCIES DE COISAS PELAS IDEIAS, COM O AUXÍLIO DA ALMA DO MUNDO E DOS RAIOS DAS ESTRELAS; E QUE COISAS ABUNDAM MAIS NESTA VIRTUDE

✦

Os Platônicos dizem que todos os corpos inferiores são moldados segundo as Ideias superiores. Ora, definem a Ideia como uma forma acima dos corpos, das almas e das mentes, e dizem que é una, simples, pura, imutável, indivisível, incorpórea e eterna, e que a natureza de todas as Ideias é a mesma.

Ora, colocam as Ideias, em primeiro lugar, na própria bondade em si (isto é) em Deus, por modo de causa; e dizem que se distinguem entre si apenas por algumas considerações relativas, para que tudo o que há no mundo não seja uma só coisa sem variedade alguma, e que concordam na essência, para que Deus não seja uma substância composta.

Em segundo lugar, colocam-nas no próprio inteligível em si (isto é) na Alma do mundo, diferindo umas das outras por formas absolutas, de modo que todas as Ideias em Deus são na verdade uma só forma, mas na Alma do mundo são muitas.

Colocam-nas nas mentes de todas as outras coisas, quer estejam unidas ao corpo, quer separadas do corpo, por certa participação, e aí, por graus, vão

se distinguindo mais e mais. Colocam-nas na natureza, como certas pequenas sementes de formas infundidas pelas Ideias; e, por fim, colocam-nas na matéria, como Sombras.

A isto se pode acrescentar que na Alma do mundo há tantas Formas Seminais das coisas quantas Ideias na mente de Deus, formas pelas quais ela, nos Céus, acima das Estrelas, formou também para si figuras e imprimiu em todas elas algumas propriedades; destas Estrelas, pois, figuras e propriedades dependem todas as virtudes das espécies inferiores, bem como as suas propriedades; de modo que cada espécie tem a sua forma ou figura Celeste que lhe corresponde, da qual procede também um maravilhoso poder de operar, dom próprio que recebe da sua própria Ideia, por meio das Formas Seminais da Alma do mundo.

Pois as Ideias não são só causas essenciais de cada espécie, mas são também causas de toda virtude que há na espécie: e é isto o que muitos filósofos dizem, que as propriedades que há na natureza das coisas (virtudes que são, na verdade, operações das Ideias) são movidas por certas virtudes, a saber, tais que têm um fundamento certo e seguro, não fortuito nem casual, mas eficaz, poderoso e suficiente, que nada faz em vão.

Ora, estas virtudes não erram nas suas ações senão por acidente, isto é, em razão da impureza ou desigualdade da matéria: pois por esta razão se encontram coisas da mesma espécie mais ou menos poderosas, segundo a pureza ou a má disposição da matéria; pois todas as influências Celestes podem ser impedidas pela má disposição e insuficiência da matéria.

Daí que era Provérbio entre os Platônicos que as virtudes Celestes são infundidas segundo o merecimento da matéria; do que também Virgílio faz

menção quando canta:

As suas naturezas são ígneas e vêm do alto,

E, livres dos corpos grosseiros, movem-se divinamente.

Por isso aquelas coisas em que há menos da Ideia da matéria (isto é) as coisas que têm maior semelhança com as coisas separadas, têm virtudes mais poderosas na operação, sendo semelhantes à operação de uma Ideia separada. Vemos, pois, que a situação e a figura dos corpos Celestes é a causa de todas aquelas excelentes virtudes que há nas espécies inferiores.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XII. COMO SE INFUNDEM VIRTUDES PARTICULARES EM INDIVÍDUOS PARTICULARES, MESMO DA MESMA ESPÉCIE

✦

Há também em muitos indivíduos, ou coisas particulares, dons peculiares tão maravilhosos como na espécie, e também estes provêm da figura e situação das Estrelas Celestes.

Pois todo indivíduo, quando começa a existir sob um Horóscopo determinado e uma Constelação Celeste, contrai juntamente com a sua essência certa virtude maravilhosa, tanto de fazer como de sofrer algo notável, além daquela que recebe da sua espécie; e isto o faz em parte pela influência do Céu e em parte por aquela obediência da matéria das coisas a serem geradas à Alma do Mundo, obediência que é na verdade tal como a dos nossos corpos às nossas almas.

Pois percebemos que há isto em nós: que, segundo as nossas concepções das coisas, os nossos corpos se movem, e isso prontamente, como quando temos medo de alguma coisa ou fugimos dela.

Assim, muitas vezes, quando as almas Celestes concebem várias coisas, então a matéria se move obedientemente a elas; também na Natureza aparecem diversos prodígios em razão da imaginação dos movimentos superiores.

Assim também elas concebem e imaginam diversas virtudes, não só de coisas naturais, mas às vezes também de coisas artificiais, e isto especialmente se a Alma do operador estiver inclinada para o mesmo. Por isso Avicena diz que tudo o que se faz aqui deve ter estado antes nos movimentos e concepções das Estrelas e das Esferas.

Assim, nas coisas, os vários efeitos, inclinações e disposições são ocasionados não só pela matéria variamente disposta, como muitos supõem, mas por uma influência variada e uma forma diversa; não, na verdade, com diferença específica, mas peculiar e própria.

E os graus destas são distribuídos de várias maneiras pela Causa primeira de todas as coisas, o próprio Deus, que, sendo imutável, distribui a cada um como lhe apraz; com o qual, no entanto, cooperam as Causas segundas, Angélicas e Celestes, dispondo a matéria Corpórea e as outras coisas que lhes são confiadas.

Todas as virtudes, por conseguinte, são infundidas por Deus por meio da Alma do Mundo, mas por um poder particular das semelhanças e das inteligências que as governam, e pelo concurso dos raios e aspectos das Estrelas, num certo consenso harmonioso peculiar.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XIII. DE ONDE PROCEDEM AS VIRTUDES OCULTAS DAS COISAS

✦

É bem sabido de todos que há certa virtude no ímã, pela qual ele atrai o ferro, e que o diamante, com sua presença, tira essa virtude do ímã; assim também o âmbar e o azeviche, esfregados e aquecidos, atraem a si uma palha, e a pedra asbesto, uma vez acesa, nunca ou quase nunca se apaga; o carbúnculo brilha no escuro; a pedra aetites, posta acima do fruto nascente das mulheres ou das plantas, o fortalece, mas, posta abaixo, causa o aborto; o jaspe estanca o sangue; o pequeno peixe equeneis detém os navios; o ruibarbo expele a cólera; o fígado do camaleão, queimado, provoca chuvas e trovões.

A pedra heliotrópio ofusca a vista e torna invisível quem a traz consigo; a pedra lincúrio afasta as ilusões de diante dos olhos; o perfume da pedra lipáris chama todos os animais; a pedra sinoquite faz subir os fantasmas infernais; a pedra anaquite faz aparecer as imagens dos deuses. A enectis, posta sob os que sonham, provoca oráculos.

Há uma erva na Etiópia com a qual, segundo contam, se secam tanques e lagos e se abrem todas as coisas fechadas; e lemos de uma erva chamada latace, que os reis da Pérsia dão aos seus embaixadores para que, aonde quer que cheguem, tenham abundância de todas as coisas.

Há também uma erva cítica com a qual, provada ou ao menos mantida na boca, os citas, segundo contam, suportam doze dias de fome e sede; e Apuleio diz que lhe foi ensinado por um oráculo que havia muitas espécies de

ervas e pedras com as quais os homens poderiam prolongar a vida para sempre, mas que não era lícito aos homens alcançar o conhecimento dessas coisas, porque, tendo eles tão pouco tempo de vida, tramam o mal com todas as forças e tentam toda sorte de maldade; se estivessem seguros de um tempo muito longo, não poupariam nem os próprios deuses.

Mas de onde vêm essas virtudes, nenhum dos que publicaram enormes volumes sobre as propriedades das coisas o mostrou: nem Hermes, nem Boco, nem Aarão, nem Orfeu, nem Teofrasto, nem Thebith, nem Zenótemis, nem Zoroastro, nem Évax, nem Dioscórides, nem Isaac, o judeu, nem Zacarias, o babilônio, nem Alberto, nem Arnaldo; e, no entanto, todos eles confessaram o mesmo que Zacarias escreve a Mitrídates: que grande poder e os destinos humanos estão encerrados nas virtudes das pedras e das ervas. Mas, para saber de onde elas vêm, requer-se uma especulação mais elevada.

Alexandre, o peripatético, não indo além dos seus sentidos e das qualidades, é de opinião que essas virtudes procedem dos elementos e de suas qualidades, o que talvez pudesse ser tido por verdadeiro se elas fossem da mesma espécie; mas muitas das operações das pedras não concordam nem in genere nem in specie.

Por isso Platão e seus discípulos atribuem essas virtudes às Ideias, formadoras das coisas. Já Avicena reduz esse tipo de operação às Inteligências, Hermes às estrelas, Alberto às formas específicas das coisas.

E, embora esses autores pareçam contradizer-se uns aos outros, nenhum deles, se bem entendido, se afasta da verdade, pois todos os seus ditos são, na maior parte das coisas, o mesmo em efeito.

Porque Deus, em primeiro lugar, é o fim e o princípio de todas as virtudes; ele dá o selo das Ideias aos seus servos, as Inteligências, que, como oficiais fiéis, marcam todas as coisas a elas confiadas com uma virtude ideal; os céus e as estrelas, como instrumentos, dispõem entretanto a matéria para receber aquelas formas que residem na Divina Majestade (como diz Platão no Timeu) e que hão de ser transmitidas pelas estrelas; e o Doador das formas as distribui pelo ministério de suas Inteligências, que pôs como regentes e fiscais sobre suas obras, às quais se confia tal poder nas coisas a elas entregues, que assim todas as virtudes das pedras, ervas, metais e de todas as demais coisas podem vir das Inteligências governantes.

A forma, portanto, e a virtude das coisas vêm primeiro das Ideias, depois das Inteligências que regem e governam, depois dos aspectos dos céus que dispõem e, por último, das têmperas dos elementos dispostos, que correspondem às influências dos céus, pelas quais os próprios elementos são ordenados ou dispostos. Essas operações, portanto, realizam-se nestas coisas inferiores por formas expressas, nos céus por virtudes que dispõem, nas Inteligências por regras mediadoras, na Causa original por Ideias e formas exemplares, e todas elas devem necessariamente concorrer na execução do efeito e da virtude de cada coisa.

Há, por conseguinte, uma virtude e operação maravilhosa em cada erva e pedra, porém maior numa estrela; e, além desta, cada coisa recebe e obtém para si muitas coisas das Inteligências governantes, especialmente da Causa Suprema, com a qual todas as coisas mútua e exatamente se correspondem, concordando num consentimento harmonioso, como que em hinos, sempre louvando o altíssimo Criador de todas as coisas, assim como pelos três jovens na fornalha ardente todas as coisas foram chamadas a lou-

var a Deus com cânticos: Bendizei ao Senhor, todas as coisas que brotam sobre a terra, e todas as que se movem nas águas, todas as aves do céu, feras e gado, juntamente com os filhos dos homens. Não há, portanto, outra causa da necessidade dos efeitos senão a conexão de todas as coisas com a primeira Causa e sua correspondência com aqueles modelos divinos e Ideias eternas, de onde cada coisa tem seu lugar determinado e particular no mundo exemplar, do qual vive e recebe seu ser original; e toda virtude das ervas, pedras, metais, animais, palavras e discursos, e de todas as coisas que são de Deus, ali está colocada.

Ora, a primeira Causa, que é Deus, embora opere por meio das Inteligências e dos céus sobre estas coisas inferiores, às vezes (postos de lado esses meios, ou suspenso o seu ofício) opera essas coisas imediatamente por si mesmo, e essas obras se chamam então milagres.

Mas, como as causas secundárias, que Platão e outros chamam servas, agem necessariamente por mandado e determinação da primeira Causa e são obrigadas a produzir seus efeitos, se Deus, não obstante, segundo seu beneplácito, as dispensar e suspender de modo que desistam inteiramente da necessidade daquele mandado e determinação, então se chamam os maiores milagres de Deus.

Assim o fogo na fornalha dos caldeus não queimou os jovens; assim também o Sol, à ordem de Josué, recuou de seu curso o espaço de um dia inteiro; assim também, à oração de Ezequias, recuou dez graus, ou horas. Assim, quando Cristo foi crucificado, o Sol escureceu, embora fosse lua cheia.

E as razões dessas operações não podem ser descobertas nem compreendidas por nenhum discurso racional, nenhuma magia ou ciência oculta ou

profunda que seja, mas hão de ser aprendidas e investigadas somente pelos oráculos divinos.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XIV. DO ESPÍRITO DO MUNDO, O QUE É E COMO, À MANEIRA DE MEIO, UNE AS VIRTUDES OCULTAS AOS SEUS SUJEITOS

✦

Demócrito, Orfeu e muitos pitagóricos, tendo investigado com toda a diligência as virtudes das coisas celestes e as naturezas das coisas inferiores, disseram que todas as coisas estão cheias de Deus, e não sem razão: pois nada há de virtudes tão transcendentes que, privado da assistência divina, se contente com sua própria natureza.

Chamaram também deuses aos poderes divinos difundidos nas coisas; outros os chamaram atrativos divinos, Sinésio, incentivos simbólicos, outros os chamaram vidas, e alguns também almas, dizendo que as virtudes das coisas dependiam delas; porque é próprio da alma estender-se de uma matéria a diversas coisas, sobre as quais opera.

Assim é o homem, que estende seu intelecto às coisas inteligíveis e sua imaginação às coisas imagináveis; e é isso que entendiam quando diziam que a alma de uma coisa saía e entrava em outra, alterando-a e impedindo suas operações, como o diamante impede a operação do ímã, de modo que não possa atrair o ferro.

Ora, sendo a alma a primeira coisa móvel e, como dizem, movida por si mesma, e sendo o corpo, ou a matéria, por si incapaz e inapto para o movimento e muito degenerado em relação à alma, dizem que é necessário um meio mais excelente, a saber:

um tal que seja como que não corpo, mas como que alma, ou como que não alma, mas como que corpo, pelo qual a alma possa unir-se ao corpo. Ora, concebem que esse meio é o espírito do mundo, a saber, aquilo que chamamos quintessência, porque não procede dos quatro elementos, mas é certa coisa primeira, que tem seu ser acima e além deles.

Requer-se, pois, que haja tal espécie de espírito, como que o meio pelo qual as almas celestes se unem aos corpos grosseiros e lhes concedem dons maravilhosos. Esse espírito está no corpo do mundo da mesma maneira que o nosso está no corpo do homem.

Pois, assim como os poderes da nossa alma são comunicados aos membros do corpo pelo espírito, assim também a virtude da Alma do Mundo é difundida por todas as coisas pela quintessência: pois nada se encontra no mundo inteiro que não tenha uma centelha de sua virtude.

Contudo, ela é infundida mais, e até mais que tudo, naquelas coisas que receberam ou absorveram mais desse espírito. Ora, esse espírito é recebido ou absorvido pelos raios das estrelas, na medida em que as coisas se tornam conformes a elas.

Por esse espírito, portanto, toda propriedade oculta é transmitida às ervas, pedras, metais e animais, por meio do Sol, da Lua, dos planetas e das estrelas mais altas que os planetas.

Ora, esse espírito poderia ser-nos mais proveitoso se alguém soubesse separá-lo dos elementos, ou ao menos usar principalmente aquelas coisas que mais abundam desse espírito.

Pois as coisas em que esse espírito está menos afogado num corpo e menos refreado pela matéria agem com mais poder e perfeição e também geram mais prontamente o seu semelhante, porque nele estão todas as virtudes generativas e seminais.

Por essa razão os alquimistas se esforçam por separar esse espírito do ouro e da prata; e, sendo ele corretamente separado e extraído, se depois o projetares sobre qualquer matéria do mesmo gênero (isto é) qualquer metal, logo a converterá em ouro ou prata.

E sabemos fazê-lo, e vimo-lo feito; mas não conseguimos fazer mais ouro do que o peso daquele do qual extraímos o espírito. Pois, sendo essa uma forma extensa e não intensa, não pode, além de seus próprios limites, transformar um corpo imperfeito em perfeito; o que não nego que se possa fazer por outro caminho.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XV. COMO DEVEMOS DESCOBRIR E EXAMINAR AS VIRTUDES DAS COISAS POR VIA DE SEMELHANÇA

✦

Está agora manifesto que as propriedades ocultas das coisas não vêm da natureza dos elementos, mas são infundidas do alto, escondidas aos nossos sentidos e mal conhecidas, por fim, pela nossa razão; elas vêm, de fato, da Vida e do Espírito do Mundo, através dos raios das estrelas, e não podem ser investigadas por nós senão pela experiência e pela conjectura.

Por isso, quem deseja entrar neste estudo deve considerar que toda coisa se move e se volta para o seu semelhante, e o inclina para si com todas as forças, tanto na propriedade, isto é, a virtude oculta, como na qualidade, isto é, a virtude elementar.

Às vezes também na própria substância, como vemos no sal, pois tudo o que esteve muito tempo com sal torna-se sal: porque todo agente, quando começa a agir, não procura fazer uma coisa inferior a si mesmo, mas, quanto possível, semelhante e conforme a si.

O que também vemos manifestamente nos animais sensíveis, nos quais a virtude nutritiva não converte o alimento em erva ou planta, mas o transforma em carne sensível.

Nas coisas, portanto, em que há excesso de alguma qualidade ou propriedade, como calor, frio, ousadia, medo, tristeza, ira, amor, ódio ou qualquer outra paixão ou virtude, quer esteja nelas por natureza, quer às vezes tam-

bém por arte ou acaso, como a ousadia numa meretriz, essas coisas movem e provocam muito a tal qualidade, paixão ou virtude.

Assim o fogo move ao fogo, a água move à água, e quem é ousado move à ousadia. E é bem sabido entre os médicos que o cérebro ajuda o cérebro, e os pulmões, os pulmões.

Assim também se diz que o olho direito de uma rã cura a dor do olho direito de um homem, e o olho esquerdo dela cura a dor do seu olho esquerdo, se forem pendurados ao pescoço dele num pano de sua cor natural; o mesmo se conta dos olhos do caranguejo.

Assim o pé da tartaruga ajuda os que têm gota, sendo aplicado deste modo: pé com pé, mão com mão, direito com direito, esquerdo com esquerdo.

Desta maneira dizem que qualquer animal estéril causa a esterilidade de outro; e, do animal, especialmente os testículos, a matriz ou a urina. Assim contam que a mulher não conceberá se beber todo mês da urina de uma mula, ou de alguma coisa nela embebida.

Se, portanto, quisermos obter alguma propriedade ou virtude, busquemos aqueles animais, ou quaisquer outras coisas, em que tal propriedade exista de modo mais eminente do que em qualquer outra, e nestes tomemos a parte em que tal propriedade ou virtude é mais vigorosa: como, se em algum momento quisermos promover o amor, busquemos algum animal que seja muito amoroso, desse gênero são as pombas, as rolas, os pardais, as andorinhas, as alvéolas; e nestes tomemos aqueles membros ou partes em que o apetite venéreo é mais vigoroso, como o coração, os testículos, a matriz, o membro, o esperma e os mênstruos.

E isso deve ser feito no tempo em que esses animais têm esse afeto mais intenso, pois então provocam e atraem o amor. Do mesmo modo, para aumentar a ousadia, procuremos um leão ou um galo, e destes tomemos o coração, os olhos ou a fronte.

E assim devemos entender o que diz Psello, o platônico, a saber, que os cães, os corvos e os galos muito contribuem para a vigília, e também o rouxinol, o morcego e o mocho, e neles especialmente o coração, a cabeça e os olhos. Por isso se diz que, se alguém trouxer consigo o coração de um corvo ou de um morcego, não dormirá até lançá-lo de si.

O mesmo faz a cabeça de um morcego seca e amarrada ao braço direito de quem está acordado; pois, se for posta sobre ele enquanto dorme, diz-se que não despertará até que lha tirem.

Da mesma maneira a rã e a coruja tornam a pessoa faladora, e delas especialmente a língua e o coração; assim também a língua de uma rã d'água, posta sob a cabeça, faz o homem falar dormindo, e o coração de uma coruja-das-torres, posto sobre o seio esquerdo de uma mulher adormecida, diz-se que a faz revelar todos os seus segredos.

O mesmo se diz que faz o coração do mocho, e também o sebo de uma lebre posto sobre o peito de quem dorme. Pela mesma razão os animais de vida longa contribuem para a vida longa; e tudo o que tem em si o poder de renovar-se contribui para a renovação do nosso corpo e a restauração da juventude, o que os médicos muitas vezes declararam saber ser verdade, como é manifesto na víbora e na serpente.

E sabe-se que os cervos renovam sua velhice comendo serpentes. Da mesma maneira a fênix se renova por um fogo que ela mesma faz para si; e virtude semelhante há no pelicano, cujo pé direito, posto sob esterco quente, ao cabo de três meses gera dele um pelicano.

Por isso alguns médicos, com certas confeições feitas de víboras e heléboro e da carne de animais desse gênero, restauram a juventude, e de fato às vezes a restauram tanto quanto Medeia restaurou o velho Pélias.

Também se crê que o sangue de uma ursa, se for sugado de sua ferida, aumenta a força do corpo, porque esse animal é a criatura mais forte.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XVI. COMO AS OPERAÇÕES DE DIVERSAS VIRTUDES PASSAM DE UMA COISA A OUTRA E SE COMUNICAM UMAS ÀS OUTRAS

✦

Deves saber que tão grande é o poder das coisas naturais que elas não só operam por sua virtude sobre todas as coisas que lhes estão próximas, mas, além disso, infundem nelas um poder semelhante, pelo qual, pela mesma virtude, também operam sobre outras coisas, como vemos no ímã, pedra que não só atrai anéis de ferro, mas também infunde virtude nos próprios anéis, pela qual podem fazer o mesmo, o que Agostinho e Alberto dizem ter visto.

Desta maneira, como dizem, uma meretriz pública, firmada na ousadia e na impudência, contagia com essa propriedade todos os que lhe estão próximos, tornando-os semelhantes a ela. Por isso dizem que, se alguém vestir a roupa íntima de uma meretriz, ou trouxer consigo o espelho em que ela se olha diariamente, tornar-se-á com isso ousado, confiante, impudente e lascivo.

Do mesmo modo dizem que um pano que envolveu um cadáver recebeu dali a propriedade da tristeza e da melancolia, e que a corda com que um homem foi enforcado tem certas propriedades maravilhosas.

Plínio conta uma história semelhante: se alguém puser um lagarto verde cegado, juntamente com anéis de ferro ou de ouro, num vaso de vidro, pondo-lhes por baixo um pouco de terra, e fechar o vaso, e quando se vir

que o lagarto recobrou a vista o tirar do vidro, esses anéis servirão para os olhos doentes.

O mesmo se pode fazer com anéis e uma doninha, cujos olhos, depois de vazados com qualquer espécie de ponta, é certo que voltam a ver. Pela mesma razão se põem anéis por certo tempo no ninho de pardais ou de andorinhas, e depois são usados para obter amor e favor.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XVII. COMO PELA INIMIZADE E PELA AMIZADE SE HÃO DE PROVAR E DESCOBRIR AS VIRTUDES DAS COISAS

✦

Em seguida, é necessário considerar que todas as coisas têm entre si amizade e inimizade, e que cada coisa tem algo que teme e receia, que lhe é inimigo e destrutivo, e, ao contrário, algo em que se alegra e deleita e pelo qual se fortalece. Assim, nos elementos, o fogo é inimigo da água, e o ar da terra, e contudo concordam entre si.

E, de novo, nos corpos celestes, Mercúrio, Júpiter, o Sol e a Lua são amigos de Saturno; Marte e Vênus, seus inimigos; todos os planetas, exceto Marte, são amigos de Júpiter; e todos, exceto Vênus, odeiam Marte; Júpiter e Vênus amam o Sol; Marte, Mercúrio e a Lua lhe são inimigos; todos, exceto Saturno, amam Vênus; Júpiter, Vênus e Saturno são amigos de Mercúrio; o Sol, a Lua e Marte, seus inimigos.

Júpiter, Vênus e Saturno são amigos da Lua; Marte e Mercúrio, seus inimigos. Há outra espécie de inimizade entre as estrelas, a saber, quando têm casas opostas, como Saturno em relação ao Sol e à Lua, Júpiter a Mercúrio, Marte a Vênus. E é mais forte a inimizade daqueles cujas exaltações são opostas, como de Saturno e do Sol, de Júpiter e de Marte, de Vênus e de Mercúrio.

Mas a amizade é fortíssima entre os que concordam em natureza, qualidade, substância e poder, como Marte com o Sol, Vênus com a Lua, Júpiter

com Vênus; e também a amizade daqueles cuja exaltação está na casa de outro, como a de Saturno com Vênus, de Júpiter com a Lua, de Marte com Saturno, do Sol com Marte, de Vênus com Júpiter, da Lua com Vênus.

E, tais quais são as amizades e inimizades dos superiores, tais são as inclinações das coisas a eles sujeitas aqui embaixo. Essas disposições de amizade e inimizade, portanto, não são outra coisa senão certas inclinações das coisas de umas para outras, desejando tal e tal coisa se está ausente, e movendo-se para ela, a menos que sejam impedidas, e repousando nela quando é obtida, fugindo do contrário, temendo sua aproximação e não repousando nem se contentando com ele.

Heráclito, pois, guiado por essa opinião, declarou que todas as coisas foram feitas pela inimizade e pela amizade. Ora, as inclinações de amizade nos vegetais e minerais são como aquela inclinação atrativa que o ímã tem para o ferro, e a esmeralda para as riquezas e o favor, o jaspe para o parto de qualquer coisa, e a pedra ágata para a eloquência.

Do mesmo modo há uma espécie de argila betuminosa que atrai o fogo e salta para ele onde quer que o veja; assim também a raiz da erva aproxis atrai o fogo de longe.

Também há a mesma inclinação entre a palmeira macho e a fêmea: quando o ramo de uma toca o ramo da outra, enlaçam-se em abraços mútuos, e a fêmea não dá fruto sem o macho. E a amendoeira, quando está só, é menos fecunda. As videiras amam o olmo, e a oliveira e o mirto amam-se um ao outro, e também a oliveira e a figueira. Ora, nos animais há amizade entre o melro e o tordo, entre a gralha e a garça, entre os pavões e as pombas, as rolas e os papagaios. Por isso Safo escreve a Fáon:

A aves diferentes muitas vezes se unem as pombas brancas;

E a ave que é verde ama a rola negra.

Também a baleia e o peixinho que a guia são amigos. E essa amizade não existe só entre os animais, mas também com outras coisas, como metais, pedras e vegetais: assim a gata se deleita com a erva-dos-gatos, esfregando-se na qual se diz que concebe sem macho; e há éguas na Capadócia que se expõem ao sopro do vento e por sua atração concebem.

Assim as rãs, os sapos, as serpentes e toda espécie de rastejantes venenosos se deleitam com a planta chamada flor-da-páscoa, da qual, como dizem os médicos, se alguém comer, morrerá de rir.

A tartaruga também, quando é perseguida pela víbora, come orégano e com isso se fortalece; e a cegonha, quando comeu serpentes, busca remédio no orégano; e a doninha, quando vai lutar com o basilisco, come arruda, donde ficamos sabendo que o orégano e a arruda são eficazes contra o veneno.

Assim, em alguns animais há uma habilidade inata e uma arte medicinal; pois o sapo, quando é ferido pela mordida ou veneno de outro animal, costuma ir à arruda ou à sálvia e esfregar o lugar ferido, e assim escapa do perigo do veneno.

Assim os homens aprenderam dos brutos muitos excelentes remédios para as doenças e virtudes das coisas; assim as andorinhas nos mostraram que a celidônia é muito medicinal para a vista, com a qual curam os olhos de seus filhotes; e a pega, quando está doente, põe uma folha de louro no ninho e se recupera.

Do mesmo modo os grous, as gralhas, as perdizes e os melros purgam seus estômagos enjoados com o mesmo louro, com o qual também os corvos atenuam o veneno do camaleão; e o leão, se está febril, recupera-se comendo um macaco.

O abibe, empanturrado de uvas, cura-se com abrótano; assim os cervos nos ensinaram que a erva dictamno é muito boa para extrair dardos, pois, feridos por uma flecha, expelem-na comendo essa erva; o mesmo fazem as cabras em Cândia. Assim as corças, pouco antes de parir, purgam-se com certa erva chamada vime-da-montanha.

Também os que são feridos por aranhas buscam remédio comendo caranguejos; os porcos, feridos por serpentes, curam-se comendo-as; e os corvos, quando percebem que estão envenenados com uma espécie de veneno francês, buscam cura no carvalho; os elefantes, quando engoliram um camaleão, socorrem-se com a oliveira brava.

Os ursos, feridos pelas mandrágoras, escapam do perigo comendo formigas. Os gansos, os patos e semelhantes aves aquáticas curam-se com a erva chamada sálvia-brava; as pombas, as rolas e as galinhas, com a erva chamada parietária; os grous, com juncos.

Os leopardos, quando feridos, curam-se da erva chamada mata-lobos com esterco humano; os javalis com a hera; as corças com a erva chamada cinara.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XVIII. DAS INCLINAÇÕES DAS INIMIZADES

✦

Ao contrário, há inclinações de inimizade, e são como que o ódio e a ira, a indignação e certa espécie de obstinada contrariedade de natureza, de modo que cada coisa foge do seu contrário e o afasta de sua presença.

Tais inclinações tem o ruibarbo contra a cólera, a teriaga contra o veneno, a pedra safira contra os furúnculos quentes, os calores febris e as doenças dos olhos; a ametista contra a embriaguez, o jaspe contra o fluxo de sangue e as imaginações nocivas, a esmeralda e o agnocasto contra a luxúria, a ágata contra o veneno, a peônia contra o mal caduco, o coral contra a ebulição da cólera negra e as dores do estômago.

O topázio, contra os calores espirituais, como a cobiça, a luxúria e toda sorte de excessos de amor. Semelhante inclinação há também das formigas contra a erva orégano, a asa do morcego e o coração do abibe, de cuja presença fogem.

Também o orégano é contrário a certa mosca venenosa que não pode suportar o Sol, e resiste às salamandras, e aborrece a couve com ódio tão mortal que se destroem um ao outro; assim os pepinos odeiam o azeite e se enroscam em anel para não tocá-lo.

E diz-se que o fel do corvo amedronta os homens e os afugenta de onde ele está, como também certas outras coisas; assim o diamante discorda do ímã, de modo que, posto junto dele, não permite que o ferro seja atraído por ele;

e as ovelhas fogem da salsa-de-rã como de coisa mortal; e, o que é mais maravilhoso, a natureza pintou o sinal dessa morte no fígado das ovelhas, no qual aparece naturalmente desenhada a própria figura da salsa-de-rã.

Assim as cabras odeiam tanto o manjericão como se não houvesse nada mais pernicioso. E ainda, entre os animais, os ratos e as doninhas discordam; donde se diz que os ratos não tocam o queijo se o cérebro de uma doninha for posto no coalho, e que, ademais, o queijo não se corrompe com a idade.

Assim o lagarto é tão contrário aos escorpiões que os amedronta só com sua vista e também os põe num suor frio; por isso eles são mortos com o óleo dos lagartos, óleo que também cura as feridas feitas por escorpiões. Há também inimizade entre os escorpiões e os ratos; por isso, se um rato for aplicado à picada ou ferida feita por um escorpião, cura-a, segundo se conta.

Há também inimizade entre os escorpiões e os stalabores, as áspides e as vespas. Conta-se também que nada é tão inimigo das serpentes como os caranguejos, e que, se os porcos forem feridos por elas, comem-nos e saram. Também, estando o Sol em Câncer, as serpentes são atormentadas.

Também o escorpião e o crocodilo matam-se um ao outro; e, se a ave íbis apenas tocar um crocodilo com uma de suas penas, torna-o imóvel; a ave chamada abetarda foge à vista de um cavalo; e o cervo foge à vista de um carneiro, como também de uma víbora.

O elefante treme ao ouvir o grunhido de um porco, e assim também o leão à vista de um galo; e as panteras não tocam os que estão untados por inteiro

com caldo de galinha, especialmente se nele se cozeu alho. Há também inimizade entre as raposas e os cisnes, os touros e as gralhas.

Entre as aves também algumas estão em perpétua contenda umas com as outras, como também com outros animais, como as gralhas e as corujas, o milhafre e os corvos, a rola e o tartaranhão, os egepis e as águias, os cervos e os dragões.

Também entre os animais aquáticos há inimizade, como entre os golfinhos e os redemoinhos, as tainhas e os lúcios, as lampreias e os congros; também o peixe chamado polvo amedronta tanto a lagosta que esta, vendo-o apenas perto de si, cai morta. A lagosta e o congro despedaçam-se um ao outro.

Diz-se que o gato-de-algália teme tanto a pantera que não tem forças para resistir-lhe nem tocar sua pele; e dizem que, se as peles de ambos forem penduradas uma diante da outra, os pelos da pele da pantera caem. E Horapolo diz em seus Hieróglifos que, se alguém se cingir com a pele do gato-de-algália, poderá passar com segurança pelo meio de seus inimigos sem ter medo algum.

Também o cordeiro tem grande medo do lobo e foge dele. E dizem que, se a cauda, a pele ou a cabeça de um lobo for pendurada no aprisco, as ovelhas ficam muito perturbadas e não podem comer seu alimento de medo.

E Plínio faz menção de uma ave, chamada esmerilhão, que quebra os ovos dos corvos; e, como seus filhotes são tão molestados pela raposa, ela por sua vez belisca e puxa os filhotes da raposa e a própria raposa; o que, quando os corvos veem, ajudam a raposa contra ela, como contra um inimigo comum.

O passarinho chamado pintarroxo, que vive nos cardos, odeia os asnos, porque comem as flores dos cardos. Há também tão amarga inimizade entre o passarinho chamado esalão e o asno que seu sangue não se mistura, e ao zurro do asno perecem tanto os ovos como os filhotes do esalão.

Há também tal desacordo entre a oliveira e a meretriz que, se ela a plantar, ou será sempre estéril, ou secará de todo. O leão nada teme tanto como as tochas acesas, e por nada se doma tanto como por elas; e o lobo não teme espada nem lança, mas uma pedra, e, feita uma ferida com seu arremesso, nascem vermes no lobo.

O cavalo teme o camelo, de modo que não suporta ver nem sequer sua imagem. O elefante, quando se enfurece, acalma-se vendo um galo. A serpente tem medo do homem nu, mas persegue o homem vestido. O touro bravo é domado sendo amarrado a uma figueira.

O âmbar atrai para si todas as coisas, exceto o manjericão e as coisas untadas com azeite, entre os quais há uma espécie de antipatia natural.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XIX. COMO SE HÃO DE PROVAR E DESCOBRIR AS VIRTUDES DAS COISAS QUE ESTÃO NELAS ESPECIFICAMENTE, OU EM ALGUM INDIVÍDUO POR VIA DE DOM ESPECIAL

✦

Ademais, deves considerar que as virtudes das coisas estão em algumas segundo a espécie, como a ousadia e a coragem no leão e no galo, o temor na lebre ou no cordeiro, a voracidade no lobo, a traição e o engano na raposa, a lisonja no cão, a cobiça no corvo e na gralha, o orgulho no cavalo, a ira no tigre e no javali, a tristeza e a melancolia no gato, a luxúria no pardal, e assim dos demais.

Pois a maior parte das virtudes naturais segue a espécie. Contudo, algumas estão nas coisas individualmente: como há alguns homens que abominam tão extraordinariamente a vista de um gato que não podem olhá-lo sem tremer; temor que é manifesto não estar neles enquanto homens.

E Avicena fala de um homem que viveu em seu tempo, de quem todas as coisas venenosas fugiam, morrendo todas as que por acaso o mordiam, sem que ele mesmo sofresse dano; e Alberto relata que numa cidade dos úbios viu uma moça que apanhava aranhas para comê-las e, muito satisfeita com tal alimento, nutria-se maravilhosamente dele.

Assim é a ousadia na meretriz, o temor no ladrão. E por essa razão os filósofos dizem que qualquer coisa particular que nunca esteve doente é boa

contra toda espécie de doença; por isso dizem que um osso de um morto que nunca teve febre, posto sobre o paciente, livra-o da quartã.

Há também muitas virtudes singulares infundidas em coisas particulares pelos corpos celestes, como mostramos antes.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XX. QUE AS VIRTUDES NATURAIS ESTÃO EM ALGUMAS COISAS EM TODA A SUA SUBSTÂNCIA, E EM OUTRAS EM CERTAS PARTES E MEMBROS

✦

Além disso, deves considerar que as virtudes das coisas estão em algumas no todo (isto é) em toda a sua substância, ou em todas as suas partes, como aquele pequeno peixe equeneis, que se diz deter um navio com seu simples toque; isso ele não faz segundo alguma parte particular, mas segundo toda a substância.

Assim o gato-de-algália tem isto em toda a sua substância: que os cães, ao simples toque de sua sombra, se calam. Assim a celidônia é boa para a vista, não segundo alguma de suas partes, mas segundo todas, não mais na raiz do que nas folhas e sementes; e assim das demais.

Mas algumas virtudes estão nas coisas segundo algumas de suas partes, a saber, só na língua, ou nos olhos, ou em outros membros e partes; assim nos olhos do basilisco há um poder violentíssimo de matar os homens logo que os veem; poder semelhante há nos olhos do gato-de-algália, que faz qualquer animal que ele olhou ficar parado, atônito e incapaz de mover-se.

Virtude semelhante há nos olhos de alguns lobos, que, se veem primeiro um homem, deixam-no atônito e tão rouco que, se quiser gritar, não tem o uso da voz. Disso faz menção Virgílio quando canta:

Méris está mudo, perdeu a voz, e por quê?

O lobo pôs primeiro em Méris o seu olhar.

Assim também houve certas mulheres na Cítia e entre os ilírios e os tribálios que, toda vez que olhavam com ira para algum homem, se dizia que o matavam. Lemos também de certo povo de Rodes, chamado telquines, que corrompia todas as coisas com a vista, pelo que Júpiter os afogou.

Por isso as bruxas, quando querem operar por feitiçaria dessa maneira, usam os olhos de tais animais em suas águas para os olhos, para efeitos semelhantes. Do mesmo modo as formigas fogem do coração do abibe, não da cabeça, do pé ou dos olhos.

Assim o fel dos lagartos, triturado em água, diz-se que reúne as doninhas, não a cauda ou a cabeça; e o fel das cabras, posto na terra num vaso de bronze, reúne as rãs; e o fígado da cabra é inimigo das borboletas e de todas as larvas; e os cães evitam os que trazem consigo o coração de um cão; e as raposas não tocam as aves domésticas que comeram o fígado de uma raposa.

Assim diversas coisas têm diversas virtudes espalhadas de vários modos por suas diversas partes, conforme lhes são infundidas do alto segundo a diversidade das coisas que as hão de receber; como no corpo do homem os ossos não recebem senão a vida, os olhos a vista, os ouvidos a audição.

E há no corpo do homem certo ossinho, que os hebreus chamam LVZ, do tamanho de um grão de legume descascado, que não está sujeito a corrupção alguma, nem é vencido pelo fogo, mas conserva-se sempre ileso; dele, como dizem, como a planta da semente, brotarão nossos corpos animais na

ressurreição dos mortos. E essas virtudes não se esclarecem pela razão, mas pela experiência.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXI. DAS VIRTUDES DAS COISAS QUE ESTÃO NELAS SÓ DURANTE A VIDA, E DAS QUE PERMANECEM NELAS MESMO DEPOIS DA MORTE

✦

Ademais, devemos saber que há algumas propriedades nas coisas só enquanto vivem, e algumas que permanecem depois da morte. Assim o peixinho equeneis detém os navios, e o basilisco e o catoblepa matam com a vista quando estão vivos, mas, quando mortos, nada disso fazem.

Assim dizem que, na cólica, se se aplicar um pato vivo ao ventre, ele tira a dor e ele mesmo morre; semelhante a isto é o que diz Arquitas: se tomares um coração recém-tirado de um animal, enquanto ainda está quente, e o pendurares em quem tem febre quartã, ele a expulsa.

Assim, se alguém engolir o coração de um abibe, ou de uma andorinha, ou de uma doninha, ou de uma toupeira, enquanto ainda está quente do calor natural, ser-lhe-á útil para lembrar, entender e predizer.

Daí esta regra geral: tudo o que se tira dos animais, sejam pedras, algum membro, excrementos, como pelos, esterco, unhas, deve ser tirado desses animais enquanto ainda vivem e, se possível, de modo que continuem vivos depois.

Por isso dizem que, quando tomares a língua de uma rã, deves pôr a rã de novo na água; e, se tomares o dente de um lobo, não deves matar o lobo; e assim dos demais.

Assim escreve Demócrito: se alguém tirar a língua de uma rã d'água ainda viva, sem nenhuma outra parte do corpo presa a ela, e a soltar de novo na água, e puser a língua sobre o lugar onde bate o coração de uma mulher, ela responderá com verdade a tudo o que lhe perguntares.

Dizem também que, se os olhos de uma rã forem atados ao doente antes do nascer do sol, e a rã for solta de novo, cega, na água, eles afugentam a febre terçã; e também que, atados com a carne de um rouxinol numa pele de cervo, mantêm a pessoa sempre desperta, sem sono.

Também o raio da arraia, atado ao umbigo, diz-se que dá à mulher um parto fácil, se for tirado dela viva e ela for devolvida ao mar. Assim dizem que o olho direito de uma serpente, aplicado, ajuda o lacrimejar dos olhos, se a serpente for solta viva.

E há certo peixe, ou grande serpente, chamado miro, cujo olho, se for arrancado e atado à fronte do paciente, diz-se que cura a inflamação dos olhos, e que o olho do peixe torna a crescer, e que fica cego quem não soltou o peixe. Também os dentes de todas as serpentes, tirados enquanto estão vivas e pendurados no paciente, diz-se que curam a quartã.

Assim o dente de uma toupeira, tirado enquanto está viva e depois solta, cura a dor de dentes; e os cães não ladram aos que trazem a cauda de uma doninha que escapou.

E Demócrito relata que a língua de um camaleão, se for tirada dele vivo, contribui para o bom êxito nos julgamentos e é proveitosa para as mulheres em trabalho de parto, se estiver do lado de fora da casa, pois deves cuidar de que não seja levada para dentro da casa, porque isso seria perigosíssimo.

Além disso, há algumas propriedades que permanecem depois da morte; e destas dizem os platônicos que são coisas em que a Ideia da matéria está menos absorvida; nelas, mesmo depois da morte, o que nelas é imortal não cessa de operar coisas maravilhosas.

Assim, nas ervas e plantas arrancadas e secas, está viva e operante aquela virtude que lhes foi infundida a princípio pela Ideia. Daí vem que, assim como a águia durante toda a vida vence todas as outras aves, assim também suas penas, depois da morte, destroem e consomem as penas de todas as outras aves.

Pela mesma razão a pele do leão destrói todas as outras peles, e a pele do gato-de-algália destrói a pele da pantera, e a pele do lobo corrói a pele do cordeiro. E algumas delas não o fazem só por via de contato corporal, mas às vezes também pelo próprio som. Assim um tambor feito de pele de lobo faz que um tambor feito de pele de cordeiro não soe.

Também um tambor feito da pele do peixe chamado ruivo afugenta todos os répteis, a qualquer distância que se ouça o seu som; e as cordas de um instrumento feitas de tripas de lobo, montadas numa harpa ou num alaúde com cordas feitas de tripas de ovelha, não fazem harmonia alguma.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXII. COMO AS COISAS INFERIORES ESTÃO SUJEITAS AOS CORPOS SUPERIORES, E COMO OS CORPOS, AS AÇÕES E AS DISPOSIÇÕES DOS HOMENS SE ATRIBUEM ÀS ESTRELAS E AOS SIGNOS

✦

É manifesto que todas as coisas inferiores estão sujeitas às superiores e, de certo modo (como diz Proclo), estão umas nas outras, a saber, nas inferiores estão as superiores, e nas superiores as inferiores: assim no céu estão as coisas terrestres, mas como em sua causa e de modo celeste; e na terra estão as coisas celestes, mas de modo terrestre, como num efeito.

Assim dizemos que há aqui certas coisas que são solares e certas que são lunares, nas quais o Sol e a Lua imprimem fortemente sua virtude. Daí vem que essas coisas recebem mais operações e propriedades semelhantes às das estrelas e signos sob os quais estão.

Assim sabemos que as coisas solares dizem respeito ao coração e à cabeça, porque Leão é a casa do Sol e Áries a exaltação do Sol; assim as coisas sob Marte são boas para a cabeça e os testículos, por causa de Áries e Escorpião.

Por isso aqueles cujos sentidos falham e cuja cabeça dói por causa da embriaguez, se puserem os testículos em água fria ou os lavarem com vinagre, encontram alívio imediato. Mas, a respeito disso, é necessário saber como o corpo do homem é distribuído entre os planetas e os signos.

Sabe, pois, que, segundo a doutrina dos árabes, o Sol rege o cérebro, o coração, a coxa, a medula, o olho direito e o espírito; também a língua, a boca e os demais órgãos dos sentidos, tanto internos como externos; também as mãos, os pés, as pernas, os nervos e o poder da imaginação.

Que Mercúrio rege o baço, o estômago, a bexiga, o útero e o ouvido direito, bem como a faculdade do senso comum. Que Saturno rege o fígado e a parte carnosa do estômago. Que Júpiter rege o ventre e o umbigo, donde está escrito pelos antigos que a efígie de um umbigo foi depositada no templo de Júpiter Amon.

Alguns também lhe atribuem as costelas, o peito, as entranhas, o sangue, os braços, a mão direita, o ouvido esquerdo e os poderes naturais. E alguns põem Marte sobre o sangue e as veias, os rins, a vesícula do fel, as nádegas, as costas, o movimento do esperma e o poder irascível.

Ainda, põem Vênus sobre os rins, os testículos, as partes pudendas, o útero, o sêmen e o poder concupiscível; bem como a carne, a gordura, o ventre, o peito, o umbigo e todas as partes que servem aos atos venéreos, também o Os sacrum, a espinha dorsal e os lombos; e também a cabeça e a boca, com a qual se dá o beijo, como sinal de amor.

Ora, a Lua, embora possa reclamar o corpo inteiro e cada um de seus membros segundo a variedade dos signos, atribuem-lhe mais particularmente o cérebro, os pulmões, a medula da espinha, o estômago, os mênstruos e todos os demais excrementos, e o olho esquerdo, bem como o poder de crescimento.

Mas Hermes diz que há sete orifícios na cabeça do animal, distribuídos aos sete planetas, a saber: o ouvido direito a Saturno, o esquerdo a Júpiter, a narina direita a Marte, a esquerda a Vênus, o olho direito ao Sol, o esquerdo à Lua, e a boca a Mercúrio. Também os diversos signos do Zodíaco cuidam de seus membros.

Assim Áries governa a cabeça e o rosto, Touro o pescoço, Gêmeos os braços e os ombros, Câncer o peito, os pulmões, o estômago e os braços, Leão o coração, o estômago, o fígado e as costas, Virgem as entranhas e o fundo do estômago, Libra os rins, as coxas e as nádegas, Escorpião os genitais, as partes pudendas e o útero, Sagitário a coxa e as virilhas, Capricórnio os joelhos, Aquário as pernas e as canelas, Peixes os pés.

E, assim como as triplicidades desses signos se correspondem e concordam nos céus, assim também concordam nos membros, o que é bastante manifesto pela experiência, porque com o frio dos pés são afetados o ventre e o peito, membros que correspondem à mesma triplicidade; daí vem que, se se aplica um remédio a um, ajuda o outro, como, aquecendo os pés, cessa a dor do ventre.

Lembra-te, pois, desta ordem, e sabe que as coisas que estão sob algum dos planetas têm certo aspecto ou inclinação particular para os membros atribuídos a esse planeta, e especialmente para suas casas e exaltações.

Pois as demais dignidades, como as triplicidades, os termos e as faces, são de pouca conta nisto; por essa razão, portanto, a peônia, a melissa, o cravo, a casca de cidra, a manjerona, a canela, o açafrão, o lenho de aloés, o incenso, o âmbar, o almíscar e a mirra ajudam a cabeça e o coração, por causa do Sol,

de Áries e de Leão; assim a tanchagem, erva de Marte, ajuda a cabeça e os testículos por causa de Áries e Escorpião; e assim dos demais.

Também todas as coisas sob Saturno conduzem à tristeza e à melancolia; as sob Júpiter, à alegria e à honra; as sob Marte, à ousadia, à contenda e à ira; as sob o Sol, à glória, à vitória e à coragem; as sob Vênus, ao amor, à luxúria e à concupiscência; as sob Mercúrio, à eloquência; as sob a Lua, à vida comum.

Também todas as ações e disposições dos homens se distribuem segundo os planetas. Pois Saturno governa os velhos, os monges, os melancólicos e os tesouros escondidos, e as coisas que se obtêm com longas viagens e dificuldade; Júpiter, os religiosos, os prelados, os reis e os duques, e os ganhos obtidos licitamente; Marte rege os barbeiros, os cirurgiões, os médicos, os oficiais de justiça, os carrascos, os açougueiros, todos os que fazem fogo, os padeiros, os soldados, que em toda parte se chamam homens marciais.

Também as outras estrelas significam seu ofício, como estão descritas nos livros dos astrólogos.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXIII. COMO SABEREMOS SOB QUE ESTRELAS ESTÃO AS COISAS NATURAIS, E QUE COISAS ESTÃO SOB O SOL, AS QUAIS SE CHAMAM SOLARES

✦

Ora, é muito difícil saber sob que estrela ou signo está cada coisa; contudo, conhece-se pela imitação de seus raios, ou do movimento, ou da figura dos superiores. Também algumas se conhecem por suas cores e odores, e algumas pelos efeitos de suas operações, correspondentes a certas estrelas.

Assim, pois, as coisas solares, ou coisas sob o poder do Sol, são: entre os elementos, a chama lúcida; nos humores, o sangue mais puro e o espírito vital; entre os sabores, o que é vivo, misturado com doçura. Entre os metais, o ouro, por causa de seu esplendor e porque recebe do Sol aquilo que o torna cordial.

E entre as pedras, as que se assemelham aos raios do Sol por seus brilhos dourados, como a reluzente pedra aetites, que tem poder contra o mal caduco e os venenos; assim também a pedra chamada olho do Sol, de figura semelhante à pupila do olho, de cujo meio sai um raio, conforta o cérebro e fortalece a vista; assim o carbúnculo, que brilha de noite, tem virtude contra todo veneno aéreo e vaporoso; assim a pedra crisólita é de cor verde-clara e nela, quando posta contra o Sol, brilha uma estrela dourada; e esta conforta as partes que servem à respiração e ajuda os asmáticos; e, se for furada e o furo enchido com a crina de um asno, e atada ao braço esquerdo,

afugenta as imaginações vãs e os temores melancólicos e afasta a tolice. Assim a pedra chamada íris, semelhante ao cristal na cor, achada muitas vezes com seis faces, quando, sob algum teto, uma parte dela é posta contra os raios do Sol e a outra fica na sombra, recolhe em si os raios do Sol, os quais, ao lançá-los por reflexão, fazem aparecer um arco-íris na parede oposta.

Também a pedra heliotrópio, verde como o jaspe ou a esmeralda, salpicada de pintas vermelhas, torna o homem constante, renomado e famoso, e também contribui para a vida longa.

E sua virtude é de fato maravilhosíssima sobre os raios do Sol, que se diz converter em sangue (isto é) fazê-los aparecer da cor do sangue, como se o Sol estivesse eclipsado, a saber, quando se junta ao suco de uma erva do mesmo nome e se põe num vaso de água.

Há também outra virtude dela mais maravilhosa, e é sobre os olhos dos homens, cuja vista ela turva e ofusca tanto que não os deixa ver quem a traz; e isso não o faz sem a ajuda da erva do mesmo nome, que também se chama heliotrópio (isto é) que segue o Sol. Essas virtudes confirmam em seus escritos Alberto Magno e Guilherme de Paris.

O jacinto também tem do Sol virtude contra os venenos e os vapores pestilentos; torna seguro e bem aceito quem o traz; contribui também para as riquezas e o engenho, fortalece o coração; e, mantido na boca, alegra maravilhosamente o ânimo.

Há também a pedra pirófilo, de mistura vermelha, da qual Alberto Magno diz que Esculápio faz menção numa de suas epístolas a Otávio Augusto, dizendo que há certo veneno tão maravilhosamente frio que preserva da

queima o coração do homem, depois de tirado, de modo que, se for posto por algum tempo no fogo, converte-se em pedra; e esta é a pedra chamada pirófilo, do fogo.

Tem virtude maravilhosa contra o veneno e torna quem a traz renomado e temível aos inimigos. Mas, acima de todas, a pedra mais solar é aquela que Apolônio, segundo se conta, encontrou, e que se chama pantaura, que atrai a si as outras pedras como o ímã atrai o ferro, poderosíssima contra todos os venenos; é chamada por alguns pantherus, porque é pintada como o animal chamado pantera.

Por isso também se chama pantochras, porque contém todas as cores. Aarão a chama evanthum. Há também outras pedras solares, como o topázio, o crisópraso, o rubi e o balache. Assim também o auripigmento e as coisas de cor dourada e muito lúcidas.

Entre as plantas e árvores também são solares as que se voltam para o Sol, como o malmequer, e as que fecham as folhas quando o Sol está perto do ocaso, mas, quando nasce, as desdobram pouco a pouco. O lótus também é solar, como é manifesto pela figura do fruto e das folhas.

Assim também a peônia, a celidônia, a melissa, o gengibre, a genciana, o dictamno e a verbena, que serve para profetizar e para expiações, como também para expulsar os maus espíritos. O loureiro também é consagrado a Febo, assim como o cedro, a palmeira, o freixo, a hera e a videira, e tudo o que repele venenos e raios, e as coisas que nunca temem os rigores do inverno.

Solares são também a hortelã, a almécega, a zedoária, o açafrão, o bálsamo, o âmbar, o almíscar, o mel amarelo, o lenho de aloés, o cravo, a canela, o cálamo aromático, a pimenta, o incenso, a manjerona e o libanótis, que Orfeu chama o doce perfume do Sol.

Entre os animais são solares os magnânimos, corajosos, ambiciosos de vitória e renome, como o leão, rei dos animais, o crocodilo, o lobo malhado, o carneiro, o javali, o touro, rei do rebanho, que pelos egípcios em Heliópolis era dedicado ao Sol e que chamavam Verites; e um boi era consagrado a Ápis em Mênfis, e em Hermontis um touro com o nome de Pathis.

O lobo também era consagrado a Apolo e a Latona. Também o animal chamado babuíno é solar, que doze vezes ao dia, isto é, a cada hora, ladra, e no tempo do equinócio urina doze vezes a cada hora; o mesmo faz também à noite, pelo que os egípcios o gravavam em suas fontes.

Também entre as aves são solares estas: a fênix, que é única em sua espécie, e a águia, rainha das aves, também o abutre, o cisne e as que cantam ao nascer do Sol e como que o chamam a levantar-se, como o galo, o corvo, e também o falcão, que, por ser na divindade dos egípcios emblema do espírito e da luz, é contado por Porfírio entre as aves solares.

Ademais, todas as coisas que têm alguma semelhança com as obras do Sol, como os vermes que brilham de noite e o besouro, criatura que vive sob o esterco de vaca, e também, segundo a interpretação de Ápio, aquelas cujos olhos mudam conforme o curso do Sol, são tidas por solares, e também as coisas que delas provêm.

E entre os peixes o bezerro-marinho é principalmente solar, o qual resiste ao raio; também os mariscos e o peixe chamado pulmo, que brilham ambos de noite, e o peixe chamado stella, por seu calor abrasador, e os peixes chamados strombi, que seguem seu rei, e os margari, que também têm rei e, secos, endurecem numa pedra de cor dourada.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXIV. QUE COISAS SÃO LUNARES, OU ESTÃO SOB O PODER DA LUA

✦

Estas coisas são lunares entre os elementos, a saber, a Terra, depois a Água, tanto a do mar como a dos rios, e todas as coisas úmidas, como a umidade das árvores e dos animais, especialmente as que são brancas, como a clara dos ovos, a gordura, o suor, a fleuma e as superfluidades dos corpos.

Entre os sabores, o salgado e o insípido; entre os metais, a prata; entre as pedras, o cristal, a marcassita de prata e todas as pedras que são brancas e verdes. Também a pedra selenita (isto é, lunar), que brilha num corpo branco com um esplendor amarelo, imitando o movimento da Lua, e tem em si a figura da Lua, que diariamente cresce ou decresce como a própria Lua.

Também as pérolas, que se geram nas conchas dos peixes a partir das gotas de água, e também o berilo. Entre as plantas e árvores são lunares o selenotrópio, que se volta para a Lua, como o heliotrópio para o Sol; e a palmeira, que lança um ramo a cada nascer da Lua; também o hissopo, o alecrim, o agno-casto e a oliveira são lunares.

Também a erva chinosta, que cresce e decresce com a Lua, a saber, em substância e número de folhas, e não apenas em seiva e virtude, o que de certo modo é comum a todas as plantas, exceto as cebolas, que estão sob a influência de Marte e têm propriedades contrárias; assim como, entre as aves, a ave saturnina chamada codorniz é grande inimiga da Lua e do Sol.

Animais lunares são os que se comprazem na companhia do homem e os que se destacam naturalmente no amor ou no ódio, como todas as espécies de cães. O camaleão também é lunar, pois sempre assume uma cor conforme a variedade da cor do objeto, assim como a Lua muda sua natureza conforme a variedade do signo em que se encontra.

Lunares também são os porcos, as corças, as cabras e todos os animais, sejam quais forem, que observam e imitam o movimento da Lua, como o babuíno e a pantera, que, segundo se diz, tem no ombro uma mancha semelhante à Lua, que cresce até ficar redonda e tem pontas curvadas para dentro.

Os gatos também são lunares, cujos olhos se tornam maiores ou menores conforme o curso da Lua; e as coisas de natureza semelhante, como o sangue menstrual, com o qual os magos fazem coisas maravilhosas e estranhas; também a civeta, que muda de sexo e é sujeita a diversos feitiços; e todos os animais que vivem tanto na água como na terra, como as lontras e os que se alimentam de peixes.

Também todos os animais monstruosos, que sem semente manifesta são gerados equivocamente, como os ratos, que às vezes se geram por cópula, às vezes da putrefação da terra.

Entre as aves, os gansos, os patos, os mergulhões e toda espécie de aves aquáticas que se alimentam de peixes, como a garça, e as que são produzidas equivocamente, como as vespas das carcaças de cavalos, as abelhas da putrefação de vacas, as mosquinhas do vinho putrefeito e os besouros da carne de asnos; mas o mais lunar de todos é o besouro de dois chifres, cornudo à maneira de um touro, que cava sob o esterco de vaca e ali perma-

nece pelo espaço de vinte e oito dias, tempo em que a Lua percorre todo o Zodíaco, e no vigésimo nono dia, quando julga que haverá conjunção de suas luzes, abre o esterco e o lança na água, de onde então saem os besouros. Entre os peixes são lunares o Ælurus, cujos olhos mudam conforme o curso da Lua, e tudo o que observa o movimento da Lua, como a tartaruga, a rêmora, os caranguejos, as ostras, os berbigões e as rãs.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXV. QUE COISAS SÃO SATURNINAS, OU ESTÃO SOB O PODER DE SATURNO

✦

As coisas saturninas, entre os elementos, são a Terra e também a Água; entre os humores, a bile negra que é úmida, tanto natural como adventícia, excetuada a bile queimada. Entre os sabores, o azedo, o acre e o insosso. Entre os metais, o chumbo e o ouro, por causa de seu peso, e a marcassita dourada.

Entre as pedras, o ônix, a ziazaa, o camônio, a safira, o jaspe pardo, a calcedônia, a magnetita e todas as coisas escuras, pesadas e terrosas. Entre as plantas e árvores, o narciso, a serpentária, a arruda, o cominho, o heléboro, a árvore de onde vem o benjoim, a mandrágora, o ópio e as coisas que entorpecem, e as que nunca são semeadas e nunca dão fruto, e as que produzem bagas de cor escura e fruto negro, como a figueira negra, o pinheiro, o cipreste e certa árvore usada nos enterros, que nunca rebrota com bagas, áspera, de sabor amargo, de cheiro forte, de sombra negra, que dá um piche muito acre, produz um fruto muito inútil, nunca morre de velhice, mortífera, dedicada a Plutão, como também a erva pasque-flor, com que antigamente costumavam juncar as sepulturas antes de nelas pôr os mortos; por isso era lícito fazer as grinaldas dos banquetes com todas as ervas e flores, exceto a pasque-flor, porque era fúnebre e não conduzia à alegria.

Também todos os animais rastejantes, que vivem à parte e solitários, noturnos, tristes, contemplativos, lerdos, avarentos, medrosos, melancólicos, que

se esforçam muito, lentos, que se alimentam grosseiramente, e os que comem os próprios filhotes.

Dessas espécies, portanto, são a toupeira, os asnos, o lobo, a lebre, a mula, o gato, o camelo, o urso, o porco, o macaco, o dragão, o basilisco, o sapo, todas as serpentes e coisas rastejantes, os escorpiões, as formigas e as coisas que procedem da putrefação na terra, na água ou nas ruínas das casas, como os ratos e muitas espécies de bichos.

Entre as aves são saturninas as que têm pescoço longo e voz áspera, como os grous, os avestruzes e os pavões, que são dedicados a Saturno e a Juno. Também a coruja-das-torres, o bufo, o morcego, o abibe, o corvo e a codorniz, que é a mais invejosa de todas as aves.

Entre os peixes, a enguia, que vive à parte de todos os outros peixes; a lampreia, o cação, que devora os filhotes, e também a tartaruga, as ostras, os berbigões, aos quais se podem acrescentar as esponjas do mar e todas as coisas que delas procedem.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXVI. QUE COISAS ESTÃO SOB O PODER DE JÚPITER E SÃO CHAMADAS JOVIAIS

✦

As coisas sob Júpiter, entre os elementos, são o Ar; entre os humores, o sangue e o espírito da vida, e também todas as coisas que dizem respeito ao crescimento, à nutrição e à vegetação da vida. Entre os sabores, os que são doces e agradáveis. Entre os metais, o estanho, a prata e o ouro, por causa de sua temperança.

Entre as pedras, o jacinto, o berilo, a safira, a esmeralda, o jaspe verde e as cores aéreas. Entre as plantas e árvores, a sempre-viva, o manjericão, a buglossa, o macis, o espicanardo, as hortelãs, a almécega, a ênula-campana, a violeta, o joio, o meimendro, o choupo e as que se chamam árvores afortunadas, como o carvalho, a árvore esculus, que é como um carvalho contudo muito maior, a azinheira, a faia, a aveleira, a sorveira, a figueira branca, a pereira, a macieira, a videira, a ameixeira, o freixo, o corniso e a oliveira, e também o azeite.

Também toda espécie de cereal, como a cevada e o trigo, e também as passas, o alcaçuz, o açúcar e todas as coisas cuja doçura é manifesta e sutil, participando um tanto de sabor adstringente e acre, como as nozes, as amêndoas, os pinhões, as avelãs, os pistaches, as raízes de peônia, o mirobálano, o ruibarbo e o maná; Orfeu acrescenta o estoraque.

Entre os animais, os que têm em si certa majestade e sabedoria, e os que são mansos, bem adestrados e de boa índole, como o cervo e o elefante, e os que

são dóceis, como as ovelhas e os cordeiros. Entre as aves, as de compleição temperada, como as galinhas, juntamente com a gema de seus ovos.

Também a perdiz, o faisão, a andorinha, o pelicano, o cuco, a cegonha, aves dadas a uma espécie de devoção, que são emblemas de gratidão. A águia é dedicada a Júpiter; ela é a insígnia dos imperadores e emblema da justiça e da clemência. Entre os peixes, o golfinho, o peixe chamado ânquia e o siluro, por causa de sua devoção.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXVII. QUE COISAS ESTÃO SOB O PODER DE MARTE E SÃO CHAMADAS MARCIAIS

✦

Estas coisas são marciais: entre os elementos, o Fogo, juntamente com todas as coisas queimadas e acres; entre os humores, a bile; também os sabores amargos, acres, que queimam a língua e fazem lacrimejar; entre os metais, o ferro e o bronze vermelho, e todas as coisas ígneas, vermelhas e sulfurosas; entre as pedras, o diamante, a magnetita, a pedra-de-sangue, o jaspe, a pedra composta de diversas espécies e a ametista.

Entre as plantas e árvores, o heléboro, o alho, o eufórbio, a cartabana, o amoníaco, o rabanete, o loureiro, o acônito, a escamônea e todas as que são venenosas por excesso de calor, e as que são cercadas de espinhos ou, ao tocar a pele, a queimam, picam ou fazem inchar, como o cardo, a urtiga, o ranúnculo, e as que, comidas, fazem lacrimejar, como as cebolas, a ascalônia, os alhos-porós, a semente de mostarda, e todas as árvores espinhosas, e o corniso, que é dedicado a Marte.

E todos os animais que são belicosos, vorazes, ousados e de imaginação clara, como o cavalo, a mula, o bode, o cabrito, o lobo, o leopardo, o asno selvagem; também as serpentes e os dragões cheios de rancor e veneno; também todos os que são nocivos aos homens, como os mosquitos, as moscas e o babuíno, por causa de sua ira.

Todas as aves que são vorazes, devoram carne e quebram ossos, como a águia, o falcão, o gavião, o abutre; e as que se chamam aves fatais, como o

bufo, a coruja-das-torres, os peneireiros, os milhafres, e as que são famintas e vorazes, e as que fazem ruído ao engolir, como os corvos, as gralhas e a pega, que acima de todas as outras é dedicada a Marte. E entre os peixes, o lúcio, o barbo, o peixe-forcado, o peixe que tem chifres como um carneiro, o esturjão e o glauco, todos os quais são grandes devoradores e vorazes.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXVIII. QUE COISAS ESTÃO SOB O PODER DE VÊNUS E SÃO CHAMADAS VENÉREAS

✦

Estas coisas estão sob Vênus: entre os elementos, o Ar e a Água; entre os humores, a fleuma, com o sangue, o espírito e o sêmen; entre os sabores, os que são doces, untuosos e deleitáveis; entre os metais, a prata e o bronze, tanto amarelo como vermelho; entre as pedras, o berilo, o crisólito, a esmeralda, a safira, o jaspe verde, a cornalina, a pedra aetites, o lápis-lazúli, o coral e todas as de cor bela, variada, branca e verde; entre as plantas e árvores, a verbena, a violeta, a avenca, a valeriana, que pelos árabes é chamada phu; também o tomilho, a goma ládano, o âmbar-gris, o almíscar, o sândalo, o coentro e todos os perfumes suaves, e os frutos deleitosos e doces, como as peras doces, os figos e as romãs, que, dizem os poetas, foram primeiro semeadas por Vênus em Chipre.

Também a rosa de Lúcifer lhe foi dedicada, e igualmente a murta de Héspero. Além disso, todos os animais luxuriosos, voluptuosos e de amor forte, como os cães, os coelhos, as ovelhas fedorentas e os bodes, tanto fêmeas como machos, o qual gera mais cedo que qualquer outro animal, pois dizem que copula depois do sétimo dia de nascido; também o touro, por seu desdém, e o bezerro, por sua lascívia.

Entre as aves, o cisne, a alvéola, a andorinha, o pelicano e o burgander, que são muito amorosos com seus filhotes. Também a gralha e o pombo, que é

dedicado a Vênus, e a rola, uma das quais se mandava oferecer na purificação depois do parto.

O pardal também era dedicado a Vênus, o qual a Lei mandava usar na purificação depois da lepra, doença marcial, contra a qual nada tinha mais força para resistir. Também os egípcios chamavam a águia de Vênus, porque é propensa ao ato venéreo, pois depois de ser coberta treze vezes num dia, se o macho a chama, ela corre para ele de novo.

Entre os peixes são venéreos as lascivas sardinhas, a luxuriosa dourada, a pescada, por seu amor aos filhotes, o caranguejo, que luta por sua companheira, e o titímalo, por sua fragrância e cheiro suave.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXIX. QUE COISAS ESTÃO SOB O PODER DE MERCÚRIO E SÃO CHAMADAS MERCURIAIS

✦

As coisas sob Mercúrio são estas: entre os elementos, a Água, embora ele mova todas as coisas indistintamente; entre os humores, especialmente os que são misturados, como também o espírito animal; entre os sabores, os que são variados, estranhos e misturados; entre os metais, o azougue, o estanho e a marcassita de prata; entre as pedras, a esmeralda, a ágata, o mármore vermelho, o topázio e as que são naturalmente de diversas cores e várias figuras, e as que são artificiais, como o vidro, e as que têm cor mesclada de amarelo e verde.

Entre as plantas e árvores, a aveleira, a cinco-folhas, a erva mercurial, a fumária, o morrião, a manjerona, a salsa e as que têm folhas mais curtas e menores, compostas de naturezas misturadas e de diversas cores.

Também os animais de sentidos agudos, engenhosos, fortes, inconstantes, velozes, e os que facilmente se familiarizam com os homens, como os cães, os macacos, as raposas, as doninhas, o cervo e a mula; e todos os animais que são de ambos os sexos, e os que podem mudar de sexo, como a lebre, a civeta e semelhantes.

Entre as aves, as que são naturalmente engenhosas, melodiosas e inconstantes, como o pintarroxo, o rouxinol, o melro, o tordo, a cotovia, o papa-mosquitos, a ave calandra, o papagaio, a pega, a ave íbis, a ave porfírio e o besouro negro de um só chifre.

E entre os peixes, o peixe chamado tróquio, que se recolhe em si mesmo, também o polvo, por sua astúcia e mutabilidade, e o peixe-forcado, por sua engenhosidade; também o mugem, que sacode a isca do anzol com a cauda.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXX. QUE TODO O MUNDO SUBLUNAR, E AS COISAS QUE NELE ESTÃO, SÃO DISTRIBUÍDOS AOS PLANETAS

✦

Além disso, tudo o que se encontra no mundo inteiro é feito segundo os governos dos planetas e, de acordo com eles, recebe sua virtude. Assim, no Fogo, a luz vivificante pertence ao governo do Sol, e o calor, a Marte; na Terra, suas várias superfícies pertencem à Lua e a Mercúrio; e o céu estrelado, em toda a sua massa, a Saturno; mas, nos elementos intermédios, o Ar está sob Júpiter e a Água sob a Lua, e, quando misturados, estão sob Mercúrio e Vênus.

Do mesmo modo, as causas ativas naturais observam o Sol; a matéria, a Lua; a fecundidade das causas ativas, Júpiter; a fecundidade da matéria, Vênus; a execução súbita de qualquer coisa, Marte e Mercúrio, aquele por sua veemência, este por sua destreza e múltipla virtude; mas a continuação permanente de todas as coisas é atribuída a Saturno.

Também entre os vegetais, tudo o que dá fruto vem de Júpiter, e tudo o que dá flores vem de Vênus; toda semente e casca, de Mercúrio; todas as raízes, de Saturno; toda madeira, de Marte; e as folhas, da Lua.

Por isso, todos os que dão fruto e não flores são de Saturno e Júpiter, mas os que dão flores e semente, e não fruto, são de Vênus e Mercúrio; os que nascem por si mesmos, sem semente, são da Lua e de Saturno. Toda beleza

vem de Vênus, toda força de Marte, e cada planeta rege e dispõe aquilo que lhe é semelhante.

Também nas pedras, o peso, a viscosidade e a lubricidade são de Saturno; o uso e a temperança, de Júpiter; a dureza, de Marte; a vida, do Sol; a beleza e a formosura, de Vênus; a virtude oculta, de Mercúrio; e o uso comum, da Lua.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXXI. COMO AS PROVÍNCIAS E OS REINOS SÃO DISTRIBUÍDOS AOS PLANETAS

✦

Além disso, todo o orbe da Terra é distribuído, por reinos e províncias, aos planetas e aos signos. Pois a Macedônia, a Trácia, a Ilíria, a Ariana e a Gordiana (muitas dessas regiões estão na Ásia Menor) estão sob Saturno com Capricórnio; mas, com Aquário, estão sob ele o país dos sármatas, a Oxiana, a Sogdiana, a Arábia, a Fazânia, a Média e a Etiópia, regiões que em sua maior parte pertencem à Ásia mais interior.

Sob Júpiter, com Sagitário, estão a Toscana, a Céltica, a Espanha e a Arábia Feliz; sob ele, com Peixes, estão a Lícia, a Lídia, a Cilícia, a Panfília, a Paflagônia, a Nasamônia e a Líbia.

Marte, com Áries, governa a Bretanha, a França, a Alemanha, a Bastárnia, as partes baixas da Síria, a Idumeia e a Judeia; com Escorpião, rege a Síria, a Comagena, a Capadócia, o Metagônio, a Mauritânia e a Getúlia. O Sol, com Leão, governa a Itália, a Apúlia, a Sicília, a Fenícia, a Caldeia e os orquenos.

Vênus, com Touro, governa as ilhas Cíclades, os mares da Ásia Menor, Chipre, a Pártia, a Média e a Pérsia; mas, com Libra, comanda os povos da ilha Bráctia, da Cáspia, dos seres, da Tebaida, do Oásis e dos trogloditas.

Mercúrio, com Gêmeos, rege a Hircânia, a Armênia, a Manciana, a Cirenaica, a Marmárica e o Baixo Egito; mas, com Virgem, a Grécia, a Acaia,

Creta, Babilônia, a Mesopotâmia, a Assíria e Ela, de onde os daquele lugar são chamados na Escritura de elamitas. A Lua, com Câncer, governa a Bitínia, a Frígia, a Cólquida, a Numídia, a África, Cartago e toda a Carquedônia.

Isto reunimos desta maneira a partir da opinião de Ptolomeu, ao que, segundo os escritos de outros astrólogos, muitas outras coisas podem ser acrescentadas. Mas quem souber comparar essas divisões das províncias segundo as divisões das estrelas com o ministério das Inteligências regentes, as bênçãos das tribos de Israel, as sortes dos Apóstolos e os selos típicos da Sagrada Escritura poderá obter grandes oráculos proféticos sobre as coisas vindouras de cada região.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXXII. QUE COISAS ESTÃO SOB OS SIGNOS, AS ESTRELAS FIXAS E SUAS IMAGENS

✦

Consideração semelhante se deve ter em todas as coisas quanto às figuras das estrelas fixas: assim, querem que o carneiro terrestre esteja sob o domínio do Áries celeste, e que o touro e o boi terrestres estejam sob o Touro celeste.

Assim também, que Câncer reja os caranguejos, e Leão os leões; Virgem as virgens, e Escorpião os escorpiões; Capricórnio as cabras; Sagitário os cavalos, e Peixes os peixes. Também a Ursa celeste rege os ursos, a Hidra as serpentes, a estrela do Cão os cães, e assim com as demais.

Ora, Apuleio distribui certas ervas próprias aos signos e planetas, a saber: a Áries, a erva sange; a Touro, a verbena que cresce reta; a Gêmeos, a verbena que cresce curvada; a Câncer, o confrei; a Leão, o pão-de-porco; a Virgem, a calaminta; a Libra, a artemísia; a Escorpião, a erva-escorpião; a Sagitário, o morrião; a Capricórnio, a labaça; a Aquário, a serpentária; a Peixes, o seseli.

E aos planetas estas, a saber: a Saturno, a sempre-viva; a Júpiter, a agrimônia; a Marte, o peucédano; ao Sol, a calêndula; a Vênus, a vulnerária; a Mercúrio, o verbasco; à Lua, a peônia.

Mas Hermes, a quem Alberto segue, distribui aos planetas estas, a saber: a Saturno, o narciso; a Júpiter, o meimendro; a Marte, a tanchagem; ao Sol, a

sanguinária; a Vênus, a verbena; a Mercúrio, a cinco-folhas; à Lua, o pé-de-ganso.

Sabemos também por experiência que o aspargo está sob Áries e o manjericão sob Escorpião; pois das raspas de chifre de carneiro semeadas nasce o aspargo, e o manjericão esfregado entre duas pedras produz escorpiões.

Além disso, segundo a doutrina de Hermes e de Thebit, enumerarei algumas das estrelas mais eminentes, a primeira das quais se chama cabeça de Algol, e entre as pedras rege o diamante; entre as plantas, o heléboro negro e a artemísia.

A segunda são as Plêiades, ou Sete Estrelas, que entre as pedras regem o cristal e a pedra diódoco; entre as plantas, a erva diacedon, o incenso e o funcho; e entre os metais, o azougue. A terceira é a estrela Aldebarã, que tem sob si, entre as pedras, o carbúnculo e o rubi; entre as plantas, o cardo-leiteiro e a matrissilva.

A quarta chama-se estrela da Cabra, que rege, entre as pedras, a safira; entre as plantas, o marroio, a hortelã, a artemísia e a mandrágora. A quinta chama-se o Cão Maior, que entre as pedras rege o berilo; entre as plantas, a sabina, a artemísia e a serpentária; e entre os animais, a língua de cobra.

A sexta chama-se o Cão Menor, e entre as pedras rege a ágata; entre as plantas, as flores de calêndula e o poejo. A sétima chama-se Coração do Leão, que entre as pedras rege a granada; entre as plantas, a celidônia, a artemísia e a almécega.

A oitava é a Cauda da Ursa Menor, que entre as pedras rege a magnetita; entre as ervas, a chicória, cujas folhas e flores se voltam para o norte, tam-

bém a artemísia e as flores de pervinca; e entre os animais, o dente de lobo.

A nona chama-se Asa do Corvo, sob a qual estão, entre as pedras, as que são da cor do ônix negro; entre as plantas, a bardana, o quadraginus, o meimendro e o confrei; e entre os animais, a língua de rã. A décima chama-se Espiga, que tem sob si, entre as pedras, a esmeralda; entre as plantas, a sálvia, o trevo, a pervinca, a artemísia e a mandrágora.

A undécima chama-se Alchamech, que entre as pedras rege o jaspe; entre as plantas, a tanchagem. A duodécima chama-se Elpheia; sob ela está, entre as pedras, o topázio; entre as plantas, o alecrim, o trevo e a hera. A décima terceira chama-se Coração do Escorpião, sob a qual estão, entre as pedras, o sardônio e a ametista; entre as plantas, a aristolóquia longa e o açafrão.

A décima quarta é o Abutre Cadente, sob o qual está, entre as pedras, o crisólito; entre as plantas, a chicória e a fumária. A décima quinta é a Cauda de Capricórnio, sob a qual está, entre as pedras, a calcedônia; entre as plantas, a manjerona, a artemísia, a nêveda e a raiz de mandrágora.

Além disso, devemos saber que cada pedra, planta, animal ou qualquer outra coisa não é governada por uma só estrela, mas muitas delas recebem influência, não separada, mas conjunta, de muitas estrelas. Assim, entre as pedras, a calcedônia está sob Saturno e Mercúrio, juntamente com a Cauda do Escorpião e Capricórnio.

A safira, sob Júpiter, Saturno e a estrela Alhajoth; a tutia está sob Júpiter, o Sol e a Lua; a esmeralda, sob Júpiter, Vênus e Mercúrio e a estrela Espiga. A ametista, como diz Hermes, está sob Marte, Júpiter e o Coração do Escorpião.

O jaspe, que é de diversas espécies, está sob Marte, Júpiter e a estrela Alchamech; o crisólito está sob o Sol, Vênus e Mercúrio, como também sob a estrela chamada Abutre Cadente; o topázio, sob o Sol e a estrela Elpheia; o diamante, sob Marte e a Cabeça de Algol.

Do mesmo modo, entre os vegetais, a erva dragão está sob Saturno e o Dragão celeste; a almécega e as hortelãs estão sob Júpiter e o Sol; mas a almécega também está sob o Coração do Leão, e a hortelã sob a estrela da Cabra. O heléboro é dedicado a Marte e à Cabeça de Algol; o musgo e o sândalo, ao Sol e a Vênus; o coentro, a Vênus e a Saturno.

Entre os animais, o bezerro-marinho está sob o Sol e Júpiter; a raposa e o macaco, sob Saturno e Mercúrio; e os cães domésticos, sob Mercúrio e a Lua. E assim mostramos mais coisas nestes seres inferiores por meio de seus superiores.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXXIII. DOS SELOS E CARACTERES DAS COISAS NATURAIS

✦

Todas as estrelas têm suas naturezas, propriedades e condições peculiares, cujos selos e caracteres elas produzem por meio de seus raios até nestas coisas inferiores, a saber, nos elementos, nas pedras, nas plantas, nos animais e em seus membros; por isso cada coisa recebe, de uma disposição harmoniosa e de sua estrela que sobre ela brilha, algum selo ou caráter particular nela impresso, que é o significador daquela estrela ou harmonia e contém em si uma virtude peculiar, diferente das outras virtudes da mesma matéria, tanto genérica como específica e numericamente. Cada coisa, portanto, tem seu caráter nela impresso por sua estrela para algum efeito particular, sobretudo por aquela estrela que principalmente a governa; e esses caracteres contêm e retêm em si as naturezas, virtudes e raízes peculiares de suas estrelas, e produzem operações semelhantes nas outras coisas sobre as quais se refletem, e despertam e ajudam as influências de suas estrelas, sejam planetas, sejam estrelas fixas, figuras e signos celestes, a saber, sempre que forem feitos numa matéria apropriada e em seus tempos devidos e costumeiros.

Considerando isso, os antigos sábios, que muito trabalharam para descobrir as propriedades ocultas das coisas, puseram por escrito as imagens das estrelas, suas figuras, selos, marcas e caracteres, tais como a própria natureza os traçou pelos raios das estrelas nestes corpos inferiores, uns nas pedras, outros nas plantas e nas juntas e nós dos ramos, e outros em diversos membros dos animais.

Pois o loureiro, o lódão e a calêndula são plantas solares, e em suas raízes e nós, quando cortados, mostram os caracteres do Sol; assim também nos ossos e nas omoplatas dos animais, de onde surgiu uma espécie de adivinhação espatular, isto é, pelas omoplatas; e nas pedras e coisas pétreas se encontram frequentemente os caracteres e imagens das coisas celestes.

Mas, uma vez que em tão grande diversidade de coisas não há conhecimento tradicional senão de poucas, que o entendimento humano é capaz de alcançar, deixando as coisas que se devem descobrir nas plantas, nas pedras e em outras coisas, como também nos membros de diversos animais, nós nos limitaremos apenas à natureza do homem, a qual, sendo a imagem mais completa de todo o universo e contendo em si toda a harmonia celeste, sem dúvida nos fornecerá abundantemente os selos e caracteres de todas as estrelas e influências celestes, e estes tanto mais eficazes quanto menos diferem da natureza celeste.

Mas, assim como o número das estrelas só é conhecido de Deus, assim também seus efeitos e selos sobre estas coisas inferiores; por isso nenhum intelecto humano é capaz de chegar ao conhecimento deles.

Daí que bem poucas das coisas que os antigos filósofos e quiromantes alcançaram, em parte pela razão e em parte pela experiência, chegaram ao nosso conhecimento, e muitas coisas ainda jazem ocultas no tesouro da natureza. Assinalaremos aqui, neste lugar, alguns poucos selos e caracteres dos planetas, tais como os antigos quiromantes os conheciam nas mãos dos homens.

A estes Juliano chama letras sagradas e divinas, visto que por elas, segundo a Sagrada Escritura, a vida dos homens está escrita em suas mãos. E são em

todas as nações e línguas sempre as mesmas, semelhantes e permanentes; a elas foram acrescentadas e descobertas depois muitas outras, tanto pelos antigos como pelos quiromantes posteriores.

E os que quiserem conhecê-las devem recorrer aos seus volumes. Basta aqui mostrar de onde os caracteres da natureza têm sua origem e em que coisas devem ser procurados.

Seguem-se as figuras das letras divinas.

As letras, ou caracteres, de Saturno.

As letras, ou caracteres, de Júpiter.

As letras, ou caracteres, de Marte.

As letras, ou caracteres, do Sol.

As letras, ou caracteres, de Vênus.

As letras, ou caracteres, de Mercúrio.

As letras, ou caracteres, da Lua.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXXIV. COMO, POR MEIO DAS COISAS NATURAIS E DE SUAS VIRTUDES, PODEMOS EXTRAIR E ATRAIR AS INFLUÊNCIAS E VIRTUDES DOS CORPOS CELESTES

✦

Ora, se desejas receber virtude de alguma parte do mundo, ou de alguma estrela, ficarás (usando as coisas que pertencem a essa estrela) sob sua influência peculiar, assim como a madeira é apta a receber a chama por causa do enxofre, do piche e do óleo.

Contudo, quando aplicas corretamente a uma espécie de coisas, ou a um indivíduo, muitas coisas que são do mesmo sujeito, dispersas entre si, conformes à mesma Ideia e à mesma estrela, logo por essa matéria tão oportunamente ajustada é infundido um dom singular pela Ideia, por meio da alma do mundo.

Digo oportunamente ajustada, a saber, sob uma harmonia semelhante à harmonia que infundiu certa virtude na matéria. Pois, embora as coisas tenham algumas virtudes, tais como as de que falamos, essas virtudes ficam de tal modo ocultas que raramente produzem algum efeito; mas, assim como num grão de mostarda triturado se desperta a acidez que estava escondida, e assim como o calor do fogo faz aparecer visivelmente as letras que antes não se podiam ler, escritas com suco de cebola ou com leite, e as letras escritas numa pedra com gordura de bode, de todo imperceptíveis, aparecem e se mostram quando a pedra é posta em vinagre.

E assim como uma pancada com um bastão desperta a raiva de um cão, que antes dormia, assim também a harmonia celeste revela as virtudes que jazem na água, as desperta, as fortalece e as torna manifestas e, por assim dizer, leva ao ato aquilo que antes estava somente em potência, quando as coisas lhe são corretamente expostas num tempo celeste.

Por exemplo: se desejas atrair virtude do Sol e buscar as coisas que são solares, entre os vegetais, plantas, metais, pedras e animais, devem-se usar e tomar principalmente as que são mais elevadas na ordem solar, pois estas são mais eficazes. Assim extrairás um dom singular do Sol, por meio de seus raios, recebidos juntamente no tempo oportuno, e por meio do espírito do mundo.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXXV. DAS MISTURAS DAS COISAS NATURAIS UMAS COM AS OUTRAS, E DE SEU PROVEITO

✦

É evidentíssimo que, na natureza inferior, todos os poderes dos corpos superiores não se encontram compreendidos numa só coisa, mas estão dispersos por muitas espécies de coisas entre nós; assim, há muitas coisas solares, das quais nenhuma contém todas as virtudes do Sol, mas umas têm do Sol certas propriedades, e outras, outras.

Por isso, às vezes é necessário que haja misturas nas operações, para que, se cem ou mil virtudes do Sol estiverem dispersas por outras tantas plantas, animais e coisas semelhantes, possamos reuni-las todas e levá-las a uma só forma, na qual veremos todas as ditas virtudes contidas e unidas.

Ora, há na mistura uma virtude dupla: uma, a saber, que foi primeiro implantada em suas partes, e é celeste; a outra se obtém por uma mistura certa e artificial de coisas misturadas entre si, e das misturas delas segundo certas proporções, tais como concordam com o céu sob certa constelação.

E essa virtude desce por certa semelhança e aptidão que há nas coisas entre si em relação a seus superiores, e na medida em que as seguintes correspondem gradualmente às que as precedem, quando o paciente é devidamente aplicado ao seu agente.

Assim, de certa composição de ervas, vapores e coisas semelhantes, feita segundo a filosofia natural e a astronomia, resulta certa forma comum, do-

tada de muitos dons das estrelas; como no mel das abelhas, que, colhido do suco de inumeráveis flores e reduzido a uma só forma, contém a virtude de todas, por uma espécie de arte divina e admirável das abelhas.

Contudo, não é menos de admirar o que Eudoxo de Cnido relata de uma espécie artificial de mel, que certa nação de gigantes na Líbia sabia fazer de flores, e mel muito bom, não muito inferior ao das abelhas.

Pois toda mistura que consiste de muitas coisas diversas é então perfeitíssima quando está tão firmemente compactada em todas as partes que se torna uma só, é em toda parte firme em si mesma e dificilmente pode ser dissipada; como às vezes vemos pedras e diversos corpos serem conglutinados e unidos por certo poder natural, de modo que parecem ser inteiramente uma só coisa; como vemos duas árvores tornarem-se uma por enxerto, e também ostras com pedras, por certa virtude oculta da natureza; e já se viram alguns animais que foram transformados em pedras e tão unidos à substância da pedra que parecem formar um só corpo, e esse homogêneo. Assim, a árvore ébano ora é madeira, ora é pedra.

Quando, por conseguinte, alguém faz uma mistura de muitas matérias sob as influências celestes, então a variedade das ações celestes, de um lado, e dos poderes naturais, de outro, unidas, causam de fato coisas maravilhosas, por meio de unguentos, colírios, fumigações e coisas semelhantes, as quais se leem no livro de Chiramis, de Arquitas, de Demócrito e de Hermes, que é chamado Alchorat, e de muitos outros.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXXVI. DA UNIÃO DAS COISAS MISTURADAS, E DA INTRODUÇÃO DE UMA FORMA MAIS NOBRE E DOS SENTIDOS DA VIDA

✦

Ademais, devemos saber que, quanto mais nobre é a forma de uma coisa, tanto mais inclinada e apta ela é a receber, e tanto mais poderosa para agir. As virtudes das coisas tornam-se então maravilhosas, a saber, quando são aplicadas a matérias misturadas e preparadas em tempos apropriados, para torná-las vivas, obtendo-lhes vida das estrelas, como também uma alma sensível, como forma mais nobre.

Pois há tão grande poder nas matérias preparadas, que vemos receberem vida quando uma perfeita mistura de qualidades parece romper a contrariedade anterior. Pois tanto mais perfeita é a vida que as coisas recebem quanto mais seu temperamento está afastado da contrariedade.

Ora, o Céu, como causa preponderante, desde o princípio de cada coisa que há de ser gerada pela cocção e perfeita digestão da matéria, concede, juntamente com a vida, influências celestes e dons maravilhosos, segundo a capacidade que há nessa vida e alma sensível de receber virtudes mais nobres e sublimes.

Pois a virtude celeste, de outro modo, jaz adormecida, como o enxofre afastado da chama; mas nos corpos vivos ela sempre arde, como enxofre aceso, e então, com seu vapor, enche todos os lugares que lhe estão próximos; assim se realizam certas obras maravilhosas, tais como se leem no livro de Ne-

mith, intitulado Livro das Leis de Plutão, porque tais espécies de gerações monstruosas não são produzidas segundo as leis da natureza.

Pois sabemos que de vermes se geram mosquitos; de um cavalo, vespas; de um bezerro e de um boi, abelhas; de um caranguejo, tiradas as patas e enterrado no chão, um escorpião; de um pato secado em pó e posto na água geram-se rãs; mas, se for assado numa torta, cortado em pedaços e posto num lugar úmido debaixo da terra, geram-se dele sapos; da erva manjericão triturada entre duas pedras geram-se escorpiões, e dos cabelos de uma mulher menstruada postos sob esterco nascem serpentes; e o pelo da cauda de um cavalo, posto na água, recebe vida e se transforma num verme pernicioso.

E há uma arte pela qual, por meio de uma galinha chocando ovos, se pode gerar uma forma semelhante a um homem, a qual eu vi e soube fazer, e que, dizem os magos, tem em si virtudes maravilhosas; e a isso chamam a verdadeira mandrágora.

Deves, pois, saber quais e de que espécie são as matérias, ou da natureza ou da arte, começadas ou aperfeiçoadas, ou compostas de várias coisas, e que influências celestes são capazes de receber.

Pois a congruência das coisas naturais basta para receber a influência das celestes; porque, quando nada impede os corpos celestes de enviar suas luzes sobre os inferiores, eles não deixam nenhuma matéria privada de sua virtude. Por isso, toda matéria que é perfeita e pura não é inapta a receber a influência celeste.

Pois tal é o vínculo e a continuidade da matéria com a alma do mundo, que diariamente flui sobre as coisas naturais e sobre todas as coisas que a natureza preparou, que é impossível que uma matéria preparada não receba vida, ou uma forma mais nobre.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXXVII. COMO, POR CERTAS PREPARAÇÕES NATURAIS E ARTIFICIAIS, PODEMOS ATRAIR CERTOS DONS CELESTES E VITAIS

✦

Os platônicos, juntamente com Hermes, dizem, e Iarcas, o brâmane, e os mecubais dos hebreus confessam, que todas as coisas sublunares estão sujeitas à geração e à corrupção, e que também há as mesmas coisas no mundo celeste, mas de maneira celeste, como também no mundo intelectual, mas de feitio e maneira muito mais perfeitos e melhores, e no exemplar, da maneira mais perfeita de todas.

E segundo esta ordem, cada inferior deve, em seu gênero, corresponder ao seu superior, e por este ao próprio supremo, e receber do céu aquele poder celeste a que chamam o mundo, ou a natureza média, e do mundo intelectual uma virtude espiritual e vivificante que transcende todas as qualidades, sejam quais forem; e, por fim, do mundo exemplar ou original, pela mediação dos outros, segundo seu grau, receber o poder original de toda a perfeição.

Daí que cada coisa pode ser aptamente reconduzida destes inferiores às estrelas, das estrelas às suas Inteligências, e dali à própria causa primeira; e da série e ordem disso flui toda a Magia e toda a filosofia oculta.

Pois cada dia alguma coisa natural é atraída pela arte, e alguma coisa divina é atraída pela natureza; vendo isso, os egípcios chamaram a natureza de

maga, isto é, o próprio poder mágico, na atração do semelhante pelo semelhante e das coisas convenientes pelas convenientes.

Ora, a tais espécies de atrações, pela mútua correspondência das coisas entre si, dos superiores com os inferiores, os gregos chamaram συμπαθιαν. Assim, a terra concorda com a água fria, a água com o ar úmido, o ar com o fogo, o fogo com o céu na água; nem o fogo se mistura com a água senão pelo ar, nem o ar com a terra senão pela água.

Assim também a alma não se une ao corpo senão pelo espírito, nem o entendimento ao espírito senão pela alma. Assim vemos que, quando a natureza formou o corpo de uma criança, por essa mesma preparação logo vai buscar o espírito no universo.

Esse espírito é o instrumento para obter de Deus o entendimento e a mente na alma e no corpo, assim como na madeira a secura está apta a receber o óleo, e o óleo embebido é alimento para o fogo, e o fogo é o veículo da luz. Por esses exemplos vês como, por certas preparações naturais e artificiais, ficamos em condição de receber do alto certos dons celestes.

Pois as pedras e os metais têm correspondência com as ervas, as ervas com os animais, os animais com os céus, os céus com as Inteligências, e estas com as propriedades e atributos divinos, e com o próprio Deus, à cuja imagem e semelhança todas as coisas foram criadas.

Ora, a primeira imagem de Deus é o mundo; do mundo, o homem; do homem, os animais; dos animais, o zoófito, isto é, metade animal e metade planta; do zoófito, as plantas; das plantas, os metais; dos metais, as pedras.

E também, nas coisas espirituais, a planta concorda com o bruto na vegetação, o bruto com o homem nos sentidos, o homem com o anjo no entendimento, o anjo com Deus na imortalidade. A divindade está unida à mente, a mente ao intelecto, o intelecto à intenção, a intenção à imaginação, a imaginação aos sentidos, e os sentidos, por fim, às coisas.

Pois este é o vínculo e a continuidade da natureza: que toda virtude superior flui através de cada inferior numa série longa e contínua, espalhando seus raios até as últimas coisas; e os inferiores, através de seus superiores, chegam ao supremo de todos.

Pois os inferiores estão de tal modo sucessivamente unidos aos seus superiores que procede uma influência de sua cabeça, a causa primeira, como uma corda estendida até as coisas mais baixas de todas; e, se uma ponta dessa corda for tocada, toda ela logo vibra, e esse toque ressoa até a outra ponta; e ao movimento do inferior move-se também o superior, ao qual o outro responde, como as cordas de um alaúde bem afinado.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXXVIII. COMO PODEMOS ATRAIR DO ALTO NÃO SÓ DONS CELESTES E VITAIS, MAS TAMBÉM CERTOS DONS INTELECTUAIS E DIVINOS

✦

Os magos ensinam que os dons celestes, por meio de inferiores conformes aos superiores, podem ser atraídos para baixo pelas influências oportunas do céu; e assim também, por meio desses celestes, os anjos celestes, enquanto servidores das estrelas, podem ser obtidos e trazidos até nós.

Jâmblico, Proclo e Sinésio, com toda a escola dos platônicos, confirmam que não só dons celestes e vitais, mas também certos dons intelectuais, angélicos e divinos podem ser recebidos do alto por meio de certas matérias que têm um poder natural de divindade, isto é, que têm correspondência natural com os superiores, quando corretamente tomadas e oportunamente reunidas segundo as regras da filosofia natural e da astronomia.

E Mercúrio Trismegisto escreve que uma imagem corretamente feita de certas coisas próprias, apropriadas a algum anjo determinado, será logo animada por esse anjo. Disso também faz menção Agostinho em seu oitavo livro De Civitate Dei.

Pois esta é a harmonia do mundo: que as coisas supracelestes sejam atraídas pelas celestes, e as sobrenaturais pelas naturais, porque há uma só virtude operativa difundida por todas as espécies de coisas, pela qual, assim como as coisas manifestas são produzidas de causas ocultas, assim também o mago se serve das coisas manifestas para extrair as coisas ocultas, a saber,

por meio dos raios das estrelas, das fumigações, luzes, sons e coisas naturais que concordam com as celestes; nas quais, além das qualidades corpóreas, há uma espécie de razão, sentido e harmonia, e medidas e ordens incorpóreas e divinas.

Assim lemos que os antigos costumavam muitas vezes receber algo divino e maravilhoso por meio de certas coisas naturais: assim, a pedra que se gera na pupila do olho da civeta, posta sob a língua de um homem, diz-se que o faz adivinhar ou profetizar; o mesmo se diz que faz a selenita, a pedra da Lua; assim dizem que as imagens dos deuses podem ser evocadas pela pedra chamada anquitis, e que as sombras dos mortos, depois de evocadas, podem ser retidas pela pedra sinoquitis.

O mesmo faz a erva aglaofótis, que é chamada marmorites, que cresce sobre os mármores da Arábia, como diz Plínio, e da qual os magos se servem. Há também uma erva chamada rheangelida, que os magos bebem e com isso podem profetizar.

Ademais, há algumas ervas pelas quais os mortos são ressuscitados; donde o historiador Xanto conta que, com certa erva chamada balis, um jovem dragão que fora morto foi trazido de novo à vida, e também que pela mesma erva certo homem de Tilo, a quem um dragão matara, foi restituído à vida; e Juba relata que na Arábia certo homem foi restituído à vida por certa erva.

Mas se tais coisas podem de fato ser feitas no homem pela virtude das ervas, ou de qualquer outra coisa natural, discorreremos no capítulo seguinte. Ora, é certo e manifesto que tais coisas podem ser feitas em outros

animais. Assim, se moscas afogadas forem postas em cinzas quentes, elas revivem.

E as abelhas afogadas recobram igualmente a vida no suco da erva nêveda; e as enguias mortas por falta de água, se forem postas com o corpo inteiro sob lodo em vinagre, e se lhes acrescentar sangue de abutre, todas recobrarão a vida em poucos dias. Dizem que, se o peixe rêmora for cortado em pedaços e lançado ao mar, as partes em pouco tempo se juntarão e viverão. Também sabemos que o pelicano restitui à vida seus filhotes mortos com o próprio sangue.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXXIX. QUE PODEMOS, POR CERTAS MATÉRIAS DO MUNDO, DESPERTAR OS DEUSES DO MUNDO E SEUS ESPÍRITOS SERVIDORES

✦

Ninguém ignora que os espíritos maus podem ser evocados por artes más e profanas, como Pselo diz que os feiticeiros costumam fazer, a quem seguia e acompanhava a mais detestável e abominável imundície, tal como havia outrora nos sacrifícios de Príapo e no culto do ídolo chamado Panor, ao qual sacrificavam com as partes íntimas descobertas.

Nem é diferente disso (se for verdade, e não fábula) o que se lê acerca da detestável heresia dos antigos clérigos, e coisas semelhantes se manifestam nas bruxas e mulheres malfazejas, maldades em que costuma cair a tola caduquice das mulheres. Por estas e semelhantes coisas os espíritos maus são evocados.

Como certa vez um espírito maligno falou a João de um certo Cinops, feiticeiro: todo o poder de Satanás, disse ele, habita ali, e ele entrou em confederação com todos os principados juntos, e nós igualmente com ele; e Cinops nos obedece, e nós, por nossa vez, lhe obedecemos.

Por outro lado, ao contrário, ninguém ignora que os anjos ou espíritos supracelestes podem ser conquistados por nós por meio de boas obras, mente pura, orações secretas, devota humildade e coisas semelhantes.

Ninguém duvide, portanto, que, de modo semelhante, por certas matérias do mundo, os deuses do mundo podem ser evocados por nós, ou ao menos os espíritos servidores, ou servos desses deuses, e, como diz Mercúrio, os espíritos aéreos, não os supracelestes, e muito menos os mais elevados.

Assim lemos que os antigos sacerdotes faziam estátuas e imagens que prediziam as coisas vindouras, e infundiam nelas os espíritos das estrelas, os quais não eram mantidos ali à força em certas matérias, mas, regozijando-se nelas, a saber, reconhecendo tais espécies de matéria como convenientes a si, permanecem nelas sempre e de bom grado, e falam e fazem coisas maravilhosas por meio delas, não de outro modo que os espíritos maus costumam fazer quando possuem os corpos dos homens.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XL. DAS AMARRAÇÕES, DE QUE ESPÉCIE SÃO E DE QUE MODOS SE COSTUMAM FAZER

✦

Falamos das virtudes e da maravilhosa eficácia das coisas naturais. Resta agora entendermos uma coisa de grande assombro: é a amarração dos homens ao amor ou ao ódio, à doença ou à saúde, e coisas semelhantes.

Também a amarração dos ladrões e salteadores, para que não possam roubar em lugar algum; a amarração dos mercadores, para que não possam comprar nem vender em lugar algum; a amarração de um exército, para que não possa passar de certo limite; a amarração dos navios, para que nenhum vento, por mais forte que seja, consiga tirá-los do porto.

Também a amarração de um moinho, para que por nenhuma força, seja qual for, possa girar; a amarração de uma cisterna ou fonte, para que não se possa tirar dela a água; a amarração da terra, para que não possa dar fruto; a amarração de qualquer lugar, para que nada se possa construir sobre ele; a amarração do fogo, para que, por mais forte que seja, não possa queimar coisa combustível alguma que se lhe ponha.

Também as amarrações dos raios e das tempestades, para que não causem dano. A amarração dos cães, para que não possam latir. Também a amarração das aves e dos animais selvagens, para que não possam voar nem fugir. E outras semelhantes a estas, que são pouco críveis, mas muitas vezes conhecidas por experiência.

Ora, tais espécies de amarrações são feitas por feitiços, colírios, unguentos, filtros de amor, por coisas atadas e penduradas, por anéis, por encantos, por fortes imaginações e paixões, por imagens e caracteres, por encantamentos e imprecações, por luzes, por som, por números, por palavras e nomes, invocações, sacrifícios, por juramentos, conjurações, consagrações, devoções e por diversas superstições e observâncias, e coisas semelhantes.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XLI. DOS FEITIÇOS E DE SEU PODER

✦

Diz-se que a força dos feitiços é tão grande que se crê serem capazes de subverter, consumir e mudar todas as coisas inferiores, segundo a Musa de Virgílio.

Méris colheu para mim no Ponto estas ervas

E drogas raras, pois lá crescem em grande abundância;

Muitas vezes, com elas, eu vi Méris

Mudado em lobo, escondendo-se nos bosques;

Dos sepulcros encantava as almas que partiram,

E levava as searas em pé da lavoura alheia.

Também em outro lugar, acerca dos companheiros de Ulisses, a quem

A cruel deusa Circe ali reveste

De aspecto feroz, e muda em bestas selvagens.

E um pouco depois:

Quando Circe não pôde obter o amor de Pico,

Com sua varinha encantada e peçonha infernal

Mudou-o em ave, e salpica suas asas pintadas

De cores diversas————————————

Ora, há algumas espécies desses feitiços mencionadas por Lucano acerca daquela feiticeira tessália que evocava as sombras, onde diz:

Aqui, tudo o que a natureza produz de funesto:

Espuma de cães raivosos, que temem e odeiam as águas;

Entranhas do lince; o nó criado na hiena;

O tutano de um cervo alimentado de serpentes

Não faltavam; nem a lampreia do mar,

Que detém os navios; nem o olho do dragão.

E tais como os que Apuleio conta a respeito de Pânfila, aquela feiticeira, quando procurava obter amor; a quem Fótis, certa criada, trouxe pelos de um bode (cortados de um odre ou garrafa feita com a pele dele) em lugar dos cabelos de Beócio, um jovem.

Ora, ela (diz ele), fora de si pelo jovem, sobe ao telhado de telhas e, na parte superior dele, faz um grande buraco aberto a todos os aspectos orientais e outros, e muito apropriado para essas suas artes, e ali presta culto em segredo, tendo antes guarnecido sua casa fúnebre com mobília conveniente, com toda espécie de especiarias, com placas de ferro com palavras estranhas nelas gravadas, com popas de navios naufragados e muito lamentados, e com diversos membros de cadáveres sepultados espalhados por toda parte: aqui narizes e dedos, ali as unhas carnudas dos enforcados, e noutro lugar o sangue dos assassinados e seus crânios dilacerados pelos dentes de feras; então oferece sacrifícios (jazendo palpitantes as entranhas encantadas) e os as-

perge com diversas espécies de líquidos: ora com água de fonte, ora com leite de vaca, ora com mel da montanha e hidromel. Depois ata aqueles pelos em nós e os põe no fogo, com diversos aromas, para serem queimados.

Então logo, pelo poder irresistível da Magia e pela força cega dos deuses, os corpos daqueles cujos pelos fumegavam e crepitavam assumem o espírito de um homem, e sentem, ouvem e andam, e vão aonde o fedor de seu pelo os conduz, e, em lugar do jovem Beócio, entram na casa saltando e pulando de alegria e de amor. Agostinho também relata que ouviu falar de algumas mulheres feiticeiras tão versadas nessas espécies de artes que, dando queijo aos homens, podiam logo transformá-los em bestas de carga e, terminado o trabalho, restituí-los de novo à forma humana.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XLII. DAS VIRTUDES MARAVILHOSAS DE ALGUMAS ESPÉCIES DE FEITIÇARIAS

✦

Agora vos mostrarei quais são algumas das feitiçarias, para que, pelo exemplo destas, se abra caminho à consideração de todo esse assunto. Destas, portanto, a primeira é o sangue menstrual, cujo poder na feitiçaria agora consideraremos; pois, como dizem, se ele cai sobre o vinho novo, torna-o azedo, e se apenas toca a videira, estraga-a para sempre, e com seu mero toque torna estéreis todas as plantas e árvores, e faz morrer as que foram recém-plantadas; queima todas as ervas do jardim e faz cair os frutos das árvores, escurece o brilho do espelho, embota o fio das facas e navalhas, ofusca a beleza do marfim e faz o ferro enferrujar de imediato, faz o bronze criar azinhavre e exalar um cheiro muito forte; enlouquece os cães, se apenas o provarem, e se, assim enlouquecidos, morderem alguém, essa ferida é incurável; mata colmeias inteiras de abelhas e as expulsa das colmeias que forem apenas tocadas por ele, enegrece o linho que é fervido, faz as éguas abortarem se apenas o tocarem, e faz as mulheres abortarem se forem untadas com ele; torna estéreis as jumentas enquanto comerem do grão que foi tocado por ele.

As cinzas dos panos menstruais, se lançadas sobre vestes de púrpura que vão ser lavadas, mudam-lhes a cor, e tiram as cores das flores.

Dizem que ele afasta as febres terçãs e quartãs, se for posto na lã de um carneiro preto e atado num bracelete de prata, como também se as plantas dos

pés do doente forem untadas com ele, e especialmente se isso for feito pela própria mulher, sem que o doente o saiba; além disso, cura os ataques da epilepsia.

Mas principalmente cura os que têm medo da água ou da bebida depois de mordidos por um cão raivoso, se apenas um pano menstrual for posto debaixo do copo. Além disso, relatam que, se mulheres menstruadas andarem nuas em volta da seara em pé, fazem cair do trigo todas as lagartas, vermes, besouros, moscas e todas as coisas nocivas; mas devem ter o cuidado de fazê-lo antes do nascer do Sol, senão farão o trigo murchar.

Dizem também que são capazes de afastar o granizo, as tempestades e os raios, do que Plínio faz mais menção. Sabei isto: que são um veneno maior se ocorrem no minguante da Lua, e ainda muito maior se ocorrem entre o minguante e a mudança da Lua; mas se ocorrem num eclipse da Lua ou do Sol, são um veneno incurável.

Têm, porém, a maior força de todas quando ocorrem nos primeiros anos, nos próprios anos da virgindade, pois se apenas tocarem os batentes da casa, nenhum malefício poderá ter efeito nela. Dizem também que os fios de qualquer veste tocados com ele não podem ser queimados, e que, se forem lançados ao fogo, este não se alastrará mais.

Diz-se também que a raiz de peônia, dada com castóreo e untada com um pano menstrual, cura a epilepsia. Além disso, se o estômago de um cervo for queimado ou assado, e a ele se juntar um perfume feito com um pano menstrual, tornará as bestas inúteis para matar qualquer caça.

Os cabelos de uma mulher menstruada postos debaixo de esterco geram serpentes, e se forem queimados, afastarão as serpentes com seu cheiro. Tão grande força venenosa há neles, que são veneno para as criaturas venenosas.

Há também o hipômanes, que entre as feitiçarias não é o menos notado: é um pedacinho de carne venenosa, do tamanho de um figo, e negro, que está na fronte do potro recém-nascido; se a própria égua não o comer logo, ela nunca mais amará sua cria nem a deixará mamar.

E por esta causa dizem que há nele um poder maravilhosíssimo para provocar o amor, se for reduzido a pó e bebido num copo com o sangue daquele que ama. Há também outra feitiçaria que se chama pelo mesmo nome, a saber, hipômanes, isto é, um humor venenoso que escorre da vulva da égua quando ela deseja o cavalo, do qual Virgílio faz menção quando canta:

Daí vem o veneno que os pastores chamam

Hipômanes, e que das virilhas das éguas cai,

Triste peçonha que as madrastas cruéis usam,

E com encanto entre drogas poderosas infundem.

Dele faz menção Juvenal, o satírico:

Hipômanes, venenos fervidos e encantos

São dados aos enteados, com males semelhantes.

Apolônio também, em suas Argonáuticas, menciona a erva de Prometeu, que, diz ele, nasce do sangue corrompido que gotejava sobre a terra enquanto o abutre roía o fígado de Prometeu no monte Cáucaso.

A flor desta erva, diz ele, é semelhante ao açafrão, tendo um caule duplo que se estende, um mais longo que o outro um côvado; a raiz, debaixo da terra, como carne recém-cortada, solta um suco escuro como o da faia; com o qual, diz ele, se alguém, depois de feita a sua devoção a Prosérpina, untar o corpo, não poderá ser ferido nem pela espada nem pelo fogo.

Também Saxo Gramático escreve que havia um certo homem chamado Froton, que tinha uma veste com a qual, quando vestida, não podia ser ferido pela ponta nem pelo fio de arma alguma.

A civeta também abunda em feitiçarias: pois, como relata Plínio, tocando-se com seu sangue os batentes de uma porta, as artes dos prestidigitadores e feiticeiros ficam tão sem valor que os deuses não podem ser invocados e de modo nenhum se deixam persuadir a falar com eles.

E também que os que forem ungidos com as cinzas do osso do tornozelo de seu pé esquerdo, cozidas com o sangue de uma doninha, tornar-se-ão odiosos a todos. O mesmo se faz com o olho, cozido.

Diz-se também que o intestino reto é aplicado contra a injustiça e a corrupção dos príncipes e dos grandes no poder, para o êxito das petições, e que contribui para o fim de pleitos e controvérsias, se alguém tiver consigo um pouquinho dele, por menor que seja; e que, se for atado ao braço esquerdo, é um encanto tão eficaz que, se um homem apenas olhar para uma mulher, fará que ela o siga imediatamente; e que a pele de sua fronte resiste aos enfeitiçamentos.

Dizem também que o sangue do basilisco, que chamam sangue de Saturno, tem tão grande força na feitiçaria que obtém para quem o traz con-

sigo bom êxito em suas petições aos grandes no poder, e em suas orações a Deus, e também remédio para as doenças e a concessão de qualquer privilégio.

Dizem também que um carrapato, se for arrancado da orelha esquerda de um cão, e se for todo negro, tem grande virtude no prognóstico da vida, pois se o doente responder àquele que o trouxe, o qual, de pé junto aos seus pés, lhe perguntar sobre a sua doença, há certa esperança de vida; e que ele morrerá se não der resposta.

Dizem também que uma pedra mordida por um cão raivoso tem o poder de causar discórdia, se for posta na bebida, e que não será ladrado pelos cães aquele que puser a língua de um cão no sapato, debaixo do dedão do pé, especialmente se a erva de mesmo nome, a saber, a língua-de-cão, for juntada a ela.

E que uma membrana das secundinas de uma cadela faz o mesmo; e que os cães fugirão daquele que tiver consigo o coração de um cão. E Plínio relata que há um sapo vermelho que vive entre as sarças e os espinheiros, cheio de feitiçarias, e que faz coisas maravilhosas: pois o ossinho que está em seu lado esquerdo, lançado em água fria, torna-a logo muito quente; e por ele também se refreia a raiva dos cães e se obtém o seu amor, se for posto na bebida; e se for atado a alguém, desperta a luxúria.

Ao contrário, o ossinho que está no lado direito torna fria a água quente, e esta nunca mais poderá aquecer-se, a menos que ele seja retirado; diz-se também que cura as quartãs, se for atado ao doente numa pele de cobra, como também todas as outras febres, e que refreia o amor e a luxúria. E que o baço e o coração são remédio eficaz contra os venenos do dito sapo.

Isto escreve Plínio. Diz-se também que a espada com que um homem foi morto tem poder maravilhoso nas feitiçarias: pois, se dela se fizer o bridão do freio ou as esporas, dizem que com eles qualquer cavalo, por mais selvagem que seja, pode ser domado e amansado; e que, se um cavalo for ferrado com ferraduras feitas dela, será velocíssimo e ligeiro, e nunca se cansará, por mais duramente que seja cavalgado.

Mas querem, contudo, que se escrevam nela alguns caracteres e nomes. Dizem também que, se alguém mergulhar no vinho uma espada com que homens foram decapitados, e o doente beber dele, ficará curado de sua quartã.

Dizem também que uma taça de licor feita com os miolos de um urso, e bebida no seu crânio, fará quem a beber tão feroz e furioso como um urso, e pensar que foi transformado em urso, e julgar que todas as coisas que vê são ursos, e assim continuar nessa loucura até que a força daquela poção se dissipe, sem que nenhum outro distúrbio se perceba nele durante todo esse tempo.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XLIII. DOS PERFUMES OU SUFUMIGAÇÕES, SEU MODO E PODER

✦

Algumas sufumigações também, ou perfumes, que são próprios das estrelas, têm grande força para receber oportunamente os dons celestes sob os raios das estrelas, visto que atuam fortemente sobre o ar e o hálito. Pois o nosso hálito é muito alterado por tais vapores, se ambos os vapores forem semelhantes um ao outro.

O ar também, sendo facilmente movido pelos ditos vapores, ou afetado pelas qualidades dos inferiores ou dos celestes, e penetrando diária e rapidamente nosso peito e órgãos vitais, reduz-nos maravilhosamente a qualidades semelhantes.

Por isso se costumam usar sufumigações para os que vão adivinhar, a fim de afetar a sua fantasia, as quais, quando devidamente apropriadas a certas divindades, nos dispõem a receber a inspiração divina. Assim dizem que os fumos feitos de linhaça, semente de pulicária, raízes de violetas e salsa fazem prever as coisas futuras e conduzem à profecia.

Ninguém se admire de quão grandes coisas as sufumigações podem fazer no ar, especialmente quando considerar, com Porfírio, que por certos vapores exalados de sufumigações apropriadas se levantam imediatamente espíritos aéreos, como também trovões, relâmpagos e coisas semelhantes.

Assim o fígado de um camaleão queimado no alto da casa, como é manifesto, levanta aguaceiros e relâmpagos. Do mesmo modo a cabeça e a gar-

ganta, se forem queimadas com lenha de carvalho, causam tempestades e relâmpagos.

Há também sufumigações, sob influências oportunas das estrelas, que fazem aparecer imediatamente imagens de espíritos no ar ou em outro lugar. Assim dizem que, se se fizer um fumo de coentro, aipo-bravo, meimendro e cicuta, os espíritos logo se reunirão; daí serem chamadas ervas dos espíritos.

Diz-se também que um fumo feito da raiz da erva caniçosa sagapeno, com o suco de cicuta e meimendro, e a erva tapsus barbatus, sândalo vermelho e papoula negra, faz aparecer espíritos e formas estranhas; e, se lhes for acrescentado aipo-bravo, afugenta os espíritos de qualquer lugar e destrói as suas visões.

Do mesmo modo, um fumo feito de calaminta, peônia, hortelã e palma-christi afasta todos os maus espíritos e as vãs imaginações. Além disso, diz-se que por certos fumos certos animais são reunidos e postos em fuga, como Plínio menciona a respeito da pedra lipáris, com cujo fumo todos os animais são chamados para fora; assim os ossos da parte superior da garganta de um cervo, queimados, reúnem todas as serpentes, mas o chifre do cervo, queimado, com seu fumo as afugenta todas. O mesmo faz o fumo das penas de pavão.

Também os pulmões de um asno queimados põem em fuga todas as coisas venenosas; o fumo do casco queimado de um cavalo afasta os ratos, o mesmo faz o casco de uma mula, com o qual, se for o casco do pé esquerdo, também se afastam as moscas.

E dizem que, se uma casa ou qualquer lugar for defumado com o fel de uma siba, preparado em confecção com estoraque vermelho, rosas e lignum-aloés, e se depois se lançar naquele lugar um pouco de água do mar ou sangue, a casa inteira parecerá cheia de água ou de sangue; e se se lançar ali um pouco de terra de campo lavrado, a terra parecerá tremer.

Ora, devemos conceber que tais vapores infectam qualquer corpo e lhe infundem uma virtude que perdura longamente, assim como qualquer vapor contagioso ou venenoso da peste, conservado por dois anos na parede de uma casa, infecta os moradores, e como o contágio da peste ou da lepra, escondido numa veste, infecta muito tempo depois aquele que a usa.

Por isso se usavam certas sufumigações em imagens, anéis e semelhantes instrumentos de magia, e em tesouros escondidos, e, como diz Porfírio, com muita eficácia.

Assim dizem que, se alguém esconder ouro, ou prata, ou qualquer outra coisa preciosa, estando a Lua em conjunção com o Sol, e defumar o lugar com coentro, açafrão, meimendro, aipo-bravo e papoula negra, de cada um igual quantidade, moídos juntos e temperados com o suco de cicuta, aquilo que assim foi escondido jamais será encontrado ou levado, e os espíritos o guardarão continuamente; e se alguém tentar levá-lo, será ferido por eles e cairá em frenesi.

E Hermes diz que nada há como o fumo do espermacete para levantar espíritos; por isso, se se fizer um fumo dele, com lignum-aloés, erva-pimenteira, almíscar, açafrão e estoraque vermelho temperados juntos com o sangue de um abibe, ele reunirá rapidamente os espíritos aéreos; e se for usado junto às sepulturas dos mortos, reúne os espíritos e os fantasmas dos mortos.

Assim, sempre que dirigirmos alguma obra ao Sol, devemos fazer sufumigações com coisas solares; se à Lua, com coisas lunares, e assim com as demais. E devemos saber que, assim como há contrariedade e inimizade entre as estrelas e os espíritos, assim também nas sufumigações a elas correspondentes.

Assim há também contrariedade entre o lignum-aloés e o enxofre, o incenso e o mercúrio, e os espíritos que são levantados pelo fumo do lignum-aloés são aplacados pela queima do enxofre.

Como Proclo dá o exemplo de um espírito que costumava aparecer em forma de leão, mas, ao pôr-se diante dele um galo, desvaneceu-se, porque há contrariedade entre o galo e o leão; e a mesma consideração e prática se deve observar acerca de coisas semelhantes.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XLIV. A COMPOSIÇÃO DE ALGUNS FUMOS APROPRIADOS AOS PLANETAS

✦

FAZEMOS uma sufumigação para o Sol desta maneira, a saber: de açafrão, âmbar-gris, almíscar, lignum-aloés, lignum-balsami, o fruto do loureiro, cravos, mirra e incenso, os quais, todos moídos e misturados em tal proporção que produzam um odor suave, devem ser incorporados com o cérebro de uma águia ou o sangue de um galo branco, à maneira de pílulas ou trociscos.

Para a Lua fazemos uma sufumigação da cabeça seca de uma rã, os olhos de um touro, a semente de papoula branca, incenso e cânfora, que devem ser incorporados com sangue menstrual ou com o sangue de um ganso.

Para Saturno tomai a semente de papoula negra, de meimendro, raiz de mandrágora, a pedra-ímã e mirra, e preparai-os com o cérebro de um gato ou o sangue de um morcego.

Para Júpiter tomai a semente de freixo, lignum-aloés, estoraque, a goma benjoim, a pedra-lazúli, as pontas das penas de um pavão, e incorporai-os com o sangue de uma cegonha, ou de uma andorinha, ou o cérebro de um cervo.

Para Marte tomai eufórbio, bdélio, goma amoníaca, as raízes de ambos os heléboros, a pedra-ímã e um pouco de enxofre, e incorporai tudo com o cérebro de um cervo, o sangue de um homem e o sangue de um gato preto.

Para Vênus tomai almíscar, âmbar-gris, lignum-aloés, rosas vermelhas e coral vermelho, e preparai-os com o cérebro de pardais e o sangue de pombos.

Para Mercúrio tomai almécega, incenso, cravos, a erva cinco-em-rama e a pedra ágata, e incorporai tudo com o cérebro de uma raposa ou doninha, e o sangue de uma pega.

Além disso, a Saturno são apropriadas para fumos todas as raízes odoríferas, como a raiz de erva-pimenteira etc., e a árvore do incenso; a Júpiter, os frutos odoríferos, como noz-moscada e cravos; a Marte, todas as madeiras odoríferas, como sândalo, cipreste, lignum-balsami e lignum-aloés; ao Sol, todas as gomas, incenso, almécega, benjoim, estoraque, ládano, âmbar-gris e almíscar; a Vênus, as flores, como rosas, violetas, açafrão e semelhantes; a Mercúrio, todas as cascas de madeira e de fruto, como canela, lignum cassia, macis, casca de cidra e bagas de louro, e quaisquer sementes odoríferas; à Lua, as folhas de todos os vegetais, como a folha indum, as folhas da murta e do loureiro.

Sabei também que, segundo a opinião dos magos, em toda matéria boa, como amor, benevolência e semelhantes, deve haver um fumo bom, odorífero e precioso; e em toda matéria má, como ódio, ira, miséria e semelhantes, deve haver um fumo fétido, que não tenha valor algum.

Os doze signos do Zodíaco também têm seus fumos próprios: Áries tem mirra; Touro, erva-pimenteira; Gêmeos, almécega; Câncer, cânfora; Leão, incenso; Virgem, sândalo; Libra, gálbano; Escorpião, opopânax; Sagitário, lignum-aloés; Capricórnio, benjoim; Aquário, eufórbio; Peixes, estoraque vermelho.

Mas Hermes descreve como o fumo mais poderoso aquele que é composto dos sete aromáticos, segundo os poderes dos sete planetas, pois recebe de Saturno a erva-pimenteira, de Júpiter a noz-moscada, de Marte o lignum-aloés, do Sol a almécega, de Vênus o açafrão, de Mercúrio a canela e da Lua a murta.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XLV. DOS COLÍRIOS, UNÇÕES, FILTROS DE AMOR E SUAS VIRTUDES

✦

Além disso, os colírios e unguentos, transmitindo ao nosso espírito as virtudes das coisas naturais e celestes, podem multiplicá-lo, transmutá-lo, transfigurá-lo e transformá-lo conforme elas, como também transpor para ele as virtudes que neles estão, de modo que ele não só possa agir sobre o seu próprio corpo, mas também sobre aquele que lhe está próximo, e afetá-lo com alguma qualidade semelhante, por raios visíveis, encantos e pelo toque.

Pois, como o nosso espírito é o vapor sutil, puro, lúcido, aéreo e untuoso do sangue, convém por isso fazer colírios de vapores semelhantes, que sejam mais conformes em substância ao nosso espírito, pois então, por causa da semelhança, mais o excitam, atraem e transformam. Virtudes semelhantes têm certos unguentos e outras confecções.

Daí que pelo toque às vezes se induzem doenças, envenenamentos e amor, estando untadas certas coisas, como as mãos ou as vestes; também pelos beijos, tendo-se certas coisas na boca, induz-se o amor, como lemos em Virgílio que Vênus pede a Cupido

Que quando a alegre Dido o aperte no regaço

Nos banquetes reais, coroada da uva que alegra,

Quando, abraçando-o, lhe der doces beijos,

Inspire chama oculta, engane com mortal peçonha,

Ele quisesse————————

Ora, a vista, por perceber mais pura e claramente que os outros sentidos, e por gravar em nós as marcas das coisas mais aguda e profundamente, concorda mais que todos, e antes dos outros, com o espírito fantástico, como se vê nos sonhos, quando as coisas vistas se nos apresentam mais vezes que as ouvidas ou qualquer coisa que cai sob os outros sentidos.

Portanto, quando os colírios transformam os espíritos visuais, esse espírito afeta facilmente a imaginação, a qual, estando provida de diversas espécies e formas, transmite-as pelo mesmo espírito ao sentido externo da vista, ocasião pela qual se causa nele uma percepção de tais espécies e formas, de modo como se fosse movido por objetos externos, de sorte que parecem ver-se imagens terríveis, espíritos e coisas semelhantes.

Assim se fazem colírios que nos fazem ver imediatamente as imagens dos espíritos no ar ou em outro lugar, como sei fazer do fel de um homem e dos olhos de um gato preto, e de algumas outras coisas.

O mesmo se faz também do sangue de um abibe, de um morcego e de um bode; e dizem que, se uma peça de aço lisa e reluzente for untada com o suco de artemísia e defumada, fará ver nela os espíritos invocados.

Assim também há algumas sufumigações ou unções que fazem os homens falar durante o sono, andar e fazer as coisas que fazem os homens acordados, e às vezes fazer coisas que os homens acordados não podem ou não ousam fazer.

Há algumas que nos fazem ouvir sons horríveis ou deleitosos, e coisas semelhantes. E esta é a causa por que os maníacos e melancólicos creem ver e ouvir fora de si as coisas que só a sua imaginação fantasia dentro; daí temerem o que não é de temer, caírem em suspeitas maravilhosas e falsíssimas, fugirem quando ninguém os persegue, irritarem-se e contenderem sem ninguém presente, e temerem onde não há temor.

Semelhantes paixões também podem induzir as confecções mágicas, por sufumigações, colírios, unguentos, poções, venenos, lâmpadas e luzes, espelhos, imagens, encantamentos, feitiços, sons e música. Também por diversos ritos, observâncias, cerimônias, religiões e superstições; tudo o que será tratado em seus lugares.

E não só por esta espécie de artes se induzem paixões, aparições e imagens, mas também as próprias coisas são realmente mudadas e transfiguradas em diversas formas, como o poeta relata de Proteu, Periclímeno, Aqueloo e Mestra, filha de Erisícton.

Assim também Circe transformou os companheiros de Ulisses; e antigamente, nos sacrifícios de Júpiter Liceu, os homens que provavam das entranhas das vítimas eram transformados em lobos, o que, diz Plínio, aconteceu a um certo homem chamado Demarco.

Da mesma opinião era Agostinho: pois diz que, estando na Itália, ouviu falar de algumas mulheres que, dando feitiçarias no queijo aos viajantes, os transformavam em animais de carga, e quando haviam feito o trabalho que elas queriam, transformavam-nos de novo em homens, e que isto aconteceu a um certo padre chamado Prestâncio.

As próprias Escrituras testemunham que os feiticeiros do Faraó transformaram suas varas em serpentes e a água em sangue, e fizeram coisas semelhantes.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XLVI. DAS LIGADURAS E SUSPENSÕES NATURAIS

✦

Quando a alma do mundo, por sua virtude, torna fecundas todas as coisas que são geradas naturalmente ou feitas artificialmente, infundindo-lhes propriedades celestes para a operação de alguns efeitos maravilhosos, então as próprias coisas, não só aplicadas por sufumigações, colírios, unguentos, poções ou qualquer outro modo semelhante, mas também quando, convenientemente envoltas, são atadas ou penduradas ao pescoço, ou aplicadas de qualquer outro modo, ainda que pelo mais leve contato, imprimem em nós a sua virtude.

Por estas ligaduras, por conseguinte, suspensões, envolturas, aplicações e contatos, os acidentes do corpo e da mente se mudam em doença, saúde, ousadia, medo, tristeza e alegria, e semelhantes; tornam os que os trazem graciosos ou terríveis, aceitos ou rejeitados, honrados e amados, ou odiosos e abomináveis.

Ora, concebe-se que estas espécies de paixões são infundidas pelos meios acima ditos não de outro modo do que se manifesta no enxerto das árvores, onde a virtude vital é enviada e comunicada do tronco ao ramo nele enxertado, por via de contato e ligadura; assim na palmeira fêmea, quando se aproxima do macho, seus ramos se inclinam para o macho e se curvam; o que os jardineiros vendo, atam cordas do macho à fêmea, a qual se endireita de novo, como se por esta continuação da corda tivesse recebido

a virtude do macho. Do mesmo modo vemos que o peixe-torpedo, sendo tocado de longe com uma vara comprida, entorpece imediatamente a mão de quem o toca. E se alguém tocar a lebre-do-mar com a mão ou com um bastão, logo perde o juízo.

Também, se o peixe chamado stella, como dizem, for pregado a uma porta com o sangue de uma raposa e um prego de bronze, os maus remédios não poderão causar dano.

Diz-se também que, se uma mulher tomar uma agulha e a sujar com esterco, e depois a envolver em terra na qual foi sepultado o cadáver de um homem, e a trouxer consigo num pano que foi usado no funeral, nenhum homem poderá deitar-se com ela enquanto a tiver consigo.

Ora, por estes exemplos vemos como, por certas ligaduras de certas coisas, como também por suspensões, ou por simples contato, ou pela continuação de qualquer fio, podemos receber delas algumas virtudes.

É necessário que conheçamos a regra certa da ligadura e da suspensão, e o modo que a Arte exige, a saber, que se façam sob uma constelação certa e conveniente, e que se façam com arame ou fios de seda, com cabelo ou tendões de certos animais.

E as coisas que devem ser envoltas devem sê-lo em folhas de ervas, ou peles de animais, ou panos finos e semelhantes, segundo a conveniência das coisas: assim, se quiserdes obter a virtude solar de alguma coisa, envolvei-a em folhas de louro ou na pele de um leão, e pendurai-a ao pescoço com um fio de ouro ou um fio de seda de cor amarela, enquanto o Sol domina no céu; assim sereis dotado da virtude solar daquela coisa.

Mas se desejares a virtude de alguma coisa saturnina, tomarás de igual modo essa coisa enquanto Saturno reina, e a envolverás na pele de um asno ou num pano usado num funeral, especialmente se a desejares para a tristeza, e com um fio negro a penderás ao pescoço. Do mesmo modo devemos conceber o restante.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XLVII. DOS ANÉIS E SUAS COMPOSIÇÕES

✦

Os anéis também, que sempre foram muito estimados pelos antigos, quando feitos oportunamente, imprimem de igual modo a sua virtude em nós, na medida em que afetam o espírito de quem os traz com alegria ou tristeza, e o tornam cortês ou terrível, ousado ou medroso, amável ou odioso; na medida em que nos fortificam contra doenças, venenos, inimigos, maus espíritos e toda sorte de coisas nocivas, ou, pelo menos, não permitem que fiquemos sujeitos a elas.

Ora, o modo de fazer estas espécies de anéis é este, a saber: quando alguma estrela ascende afortunadamente, com o aspecto ou conjunção afortunada da Lua, devemos tomar uma pedra e uma erva que estejam sob essa estrela, e fazer um anel do metal que convém a essa estrela, e nele fixar a pedra, pondo a erva ou a raiz debaixo dela; sem omitir as inscrições de imagens, nomes e caracteres, como também as sufumigações próprias; mas falaremos mais disto em outro lugar, onde trataremos das imagens e dos caracteres.

Assim lemos em Filóstrato que Iarcas, sábio príncipe dos indianos, deu a Apolônio sete anéis feitos desta maneira, marcados com as virtudes e os nomes dos sete planetas, dos quais ele usava um a cada dia, distinguindo-os segundo os nomes dos dias, por benefício dos quais viveu mais de cento e trinta anos, e também conservou sempre a beleza de sua juventude.

Do mesmo modo Moisés, o legislador e governante dos hebreus, versado na magia egípcia, segundo Josefo fez anéis de amor e de esquecimento. Ha-

via também, como diz Aristóteles, entre os cireneus um anel de Bato, que podia obter amor e honra. Lemos também que Eudamo, certo filósofo, fez anéis contra as mordidas das serpentes, os enfeitiçamentos e os maus espíritos.

O mesmo relata Josefo de Salomão. Lemos também em Platão que Giges, rei da Lídia, tinha um anel de virtudes maravilhosas e estranhas, cujo engaste, quando ele o voltava para a palma da mão, ninguém podia vê-lo, mas ele podia ver todas as coisas; e, valendo-se deste anel, violou a rainha, matou o rei seu senhor e matou todo aquele que julgava estar em seu caminho, e nestas vilanias ninguém o podia ver; e por fim, por benefício deste anel, tornou-se rei da Lídia.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XLVIII. DA VIRTUDE DOS LUGARES, E QUAIS LUGARES CONVÊM A CADA ESTRELA

✦

Há virtudes maravilhosas que acompanham os lugares, seja pelas coisas ali colocadas, seja pelas influências das estrelas, seja de qualquer outro modo. Pois, como Plínio relata do cuco, no lugar em que alguém o ouve pela primeira vez, se se marcar em volta a pegada do seu pé direito e se cavar essa pegada, não se criarão pulgas no lugar onde aquela terra for espalhada.

Assim dizem que o pó do rastro de uma cobra, recolhido e espalhado entre as abelhas, as faz voltar às colmeias. Assim também que o pó em que uma mula se espojou, lançado sobre o corpo, mitiga o ardor do amor, e que o pó em que um falcão se espojou, se for atado ao corpo num pano vermelho vivo, cura a quartã.

Assim a pedra tirada do ninho de uma andorinha, como dizem, alivia imediatamente os que sofrem de epilepsia, e, atada à pessoa, preserva-a continuamente, especialmente se for envolta no sangue ou no coração de uma andorinha.

E relata-se que, se alguém cortar uma veia e, estando em jejum, passar por um lugar onde alguém caiu recentemente com um ataque de epilepsia, cairá na mesma doença. E Plínio relata que cravar um prego de ferro no lugar onde aquele que caiu com um ataque de epilepsia bateu primeiro a cabeça o livrará de sua doença.

Assim dizem que uma erva que cresce sobre a cabeça de alguma imagem, colhida e atada em alguma parte da roupa com um fio vermelho, aliviará imediatamente a dor de cabeça; e que qualquer erva colhida dos regatos ou rios antes do nascer do Sol, sem que ninguém veja quem a colhe, curará a terçã, se for atada ao braço esquerdo, sem que o doente saiba o que se faz.

Mas, entre os lugares que são apropriados às estrelas, todos os lugares fétidos, escuros, subterrâneos, religiosos e lúgubres, como cemitérios, túmulos e casas não habitadas por homens, e casas velhas, vacilantes, obscuras e pavorosas, e covis solitários, cavernas e poços, também viveiros de peixes, águas estagnadas, pântanos e semelhantes, são apropriados a Saturno.

A Júpiter são atribuídos todos os lugares privilegiados, os consistórios dos nobres, os tribunais, as cátedras, os lugares de exercício, as escolas, e todos os lugares belos e limpos, borrifados ou aspergidos com diversos perfumes.

A Marte, os lugares ígneos e sangrentos, fornalhas, padarias, matadouros, lugares de execução, e os lugares onde se travaram grandes batalhas e se fizeram matanças, e semelhantes. Ao Sol, os lugares luminosos, o ar sereno, os palácios dos reis e as cortes dos príncipes, os púlpitos, os teatros, os tronos e todos os lugares régios e magníficos.

A Vênus, as fontes aprazíveis, os prados verdes, os jardins floridos, os leitos adornados, os bordéis (e, segundo Orfeu) o mar, a praia, os banhos, os lugares de dança e todos os lugares pertencentes às mulheres.

A Mercúrio, as lojas, as escolas, os armazéns, as bolsas de mercadores e semelhantes. À Lua, os desertos, os bosques, os rochedos, as colinas, os mon-

tes, as florestas, as fontes, as águas, os rios, os mares, as praias, os navios, os arvoredos, as estradas e os celeiros de trigo, e semelhantes.

Por esta razão, os que se empenham em obter amor costumam enterrar por certo tempo os instrumentos da sua arte, sejam anéis, imagens, espelhos ou qualquer outro, ou escondê-los num bordel, porque naquele lugar eles contrairão alguma faculdade venérea, não de outro modo que as coisas que ficam em lugares fétidos se tornam fétidas, e as que ficam num lugar aromático se tornam aromáticas e de sabor suave.

Os quatro cantos da Terra também pertencem a esta matéria. Por isso, os que vão colher uma erva saturnina, marcial ou jovial devem olhar para o oriente ou para o sul, em parte porque desejam ser orientais em relação ao Sol, e em parte por causa de suas casas principais, a saber, Aquário, Escorpião e Sagitário, que são signos meridionais, como também o são Capricórnio e Peixes.

Mas os que vão colher uma erva venérea, mercurial ou lunar devem olhar para o ocidente, porque elas se deleitam em ser ocidentais, ou então devem olhar para o norte, porque suas casas principais, a saber, Touro, Gêmeos, Câncer e Virgem, são signos setentrionais; assim, em qualquer obra solar, devemos olhar para o oriente ou para o sul, mas antes para o próprio corpo solar e sua luz.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XLIX. DA LUZ, DAS CORES, DAS VELAS E DAS LÂMPADAS, E A QUE ESTRELAS, CASAS E ELEMENTOS SE ATRIBUEM AS DIVERSAS CORES

✦

A luz também é uma qualidade que participa muito da forma, e é um ato simples e uma representação do entendimento: ela se difunde primeiro da Mente de Deus em todas as coisas; mas em Deus Pai, o Pai das Luzes, é a primeira luz verdadeira; depois, no Filho, um belo e transbordante resplendor, e no Espírito Santo um resplendor ardente, que excede todas as inteligências; sim, como diz Dionísio, as dos serafins.

Nos anjos, portanto, é uma inteligência resplandecente difundida, uma alegria abundante além de todos os limites da razão, contudo recebida em diversos graus, segundo a natureza da inteligência que a recebe. Depois desce aos corpos celestes, onde se torna um manancial de vida e uma propagação eficaz, um esplendor visível.

No fogo, uma certa vivacidade natural nele infundida pelos céus. E por fim, nos homens, é um claro discurso da razão, um conhecimento das coisas divinas, e todo o racional; mas este é múltiplo, seja por causa da disposição do corpo, como querem os peripatéticos, seja, o que é mais verdadeiro, por causa do beneplácito daquele que o concede, que o dá a cada um como lhe apraz.

Dali passa à fantasia, ainda acima do sentido, mas somente imaginável, e dali ao sentido, mas especialmente ao dos olhos; neles torna-se uma clari-

dade visível, e estende-se aos outros corpos transparentes, nos quais se torna cor e uma beleza resplandecente; mas nos corpos escuros é uma certa virtude benéfica e geradora, e penetra até o próprio centro, onde, recolhidos os seus raios num lugar estreito, torna-se um calor escuro, atormentador e abrasador, de modo que todas as coisas percebem o vigor da luz segundo a sua capacidade; e ela, unindo-as a si com um calor vivificante e passando através de todas as coisas, transmite as suas qualidades e virtudes a todas elas.

Por isso os magos proíbem que a urina de um doente seja aspergida na sombra de um doente, ou descoberta diante do Sol ou da Lua, porque os raios da luz, penetrando e trazendo subitamente consigo as qualidades nocivas dos corpos doentes, transmitem-nas ao corpo oposto e afetam-no com uma qualidade da mesma espécie.

Esta é a razão por que os encantadores têm o cuidado de cobrir os seus encantamentos com a sua sombra. Assim a civeta emudece todos os cães com o mero toque de sua sombra.

Também se fazem artificialmente algumas luzes, por lâmpadas, tochas, velas e coisas semelhantes, de certas coisas e licores escolhidos oportunamente, segundo a regra das estrelas, e compostos entre si segundo a sua congruência, as quais, quando acesas e brilhando sozinhas, costumam produzir alguns efeitos maravilhosos e celestes, de que os homens muitas vezes se admiram; como Plínio relata, a partir de Anaxilau, de um veneno das éguas depois do coito, o qual, aceso em tochas, representa monstruosamente uma visão de cabeças de cavalo; o mesmo se pode fazer com o dos asnos; e com moscas, que, temperadas com cera e acesas, produzem uma es-

tranha visão de moscas; e a pele de uma serpente, acesa numa lâmpada, faz aparecer serpentes.

E dizem que, quando as uvas estão em flor, se alguém atar a elas um frasco cheio de azeite e o deixar ali até que amadureçam, e depois esse azeite for aceso numa lâmpada, fará ver uvas. E assim com outros frutos.

Se a centáurea for misturada com mel e o sangue de um abibe, e posta numa lâmpada, os que estiverem em volta parecerão muito maiores do que costumam ser; e se for acesa numa noite clara, as estrelas parecerão espalhadas umas longe das outras. Tal força há também na tinta da siba, que, posta numa lâmpada, faz aparecer mouros negros.

Relata-se também que uma vela feita de certas coisas saturninas, se, acesa, for apagada na boca de um homem recém-morto, depois, sempre que brilhar sozinha, trará grande tristeza e medo aos que estiverem em volta dela. De tais tochas e lâmpadas fala mais Hermes, também Platão e Quirânides, e, dos escritores posteriores, Alberto, num certo tratado sobre este assunto particular.

As cores também são uma espécie de luzes, as quais, misturadas com as coisas, costumam expô-las às estrelas com que concordam. E depois falaremos de algumas cores que são as luzes dos planetas, pelas quais se entendem até as naturezas das próprias estrelas fixas, as quais também podem ser aplicadas às chamas de lâmpadas e velas.

Mas neste lugar relataremos como as cores das coisas mistas inferiores se distribuem pelos diversos planetas. Pois todas as cores negras, lúcidas, terrosas, plúmbeas e pardas têm relação com Saturno. As cores de safira e aé-

reas, e as que são sempre verdes, claras, purpúreas, escuras, douradas e mescladas de prata, pertencem a Júpiter.

As cores vermelhas e ardentes, ígneas, flamejantes, violetas, purpúreas, sanguíneas e férreas se assemelham a Marte. As douradas, cor de açafrão, purpúreas e brilhantes se assemelham ao Sol. Mas todas as brancas, belas, delicadas, verdes, rubras, entre o açafrão e a púrpura, se assemelham a Vênus, Mercúrio e à Lua.

Além disso, entre as casas do céu, a primeira e a sétima têm a cor branca; a segunda e a décima segunda, verde; a terceira e a décima primeira, açafrão; a quarta e a décima, vermelha; a quinta e a nona, cor de mel; a sexta e a oitava, negra. Os elementos também têm as suas cores, pelas quais os filósofos naturais julgam a compleição e a propriedade de sua natureza.

Pois a cor terrosa, causada pelo frio e pela secura, é parda e negra, e manifesta a bile negra e uma natureza saturnina; a azulada, tendendo para o branco, denota a fleuma, pois o frio faz branco, e a umidade e a secura fazem negro; a cor avermelhada mostra o sangue, mas as cores ígneas, flamejantes e ardentes mostram a bile, a qual, por sua sutileza e aptidão para misturar-se com outras, causa ainda mais cores diversas: pois, se for misturada com o sangue e o sangue predominar, faz um vermelho florido; se a bile predominar, faz uma cor avermelhada; se houver mistura igual, faz um vermelho sombrio.

Mas se a bile adusta for misturada com o sangue, faz uma cor de cânhamo, e vermelha se o sangue predominar, e algo vermelha se a bile prevalecer; mas se for misturada com o humor melancólico, faz uma cor negra; com a melancolia e a fleuma juntas, em igual proporção, faz uma cor de cânhamo;

se a fleuma abundar, uma cor de lodo; se a melancolia, uma azulada; mas se for misturada só com a fleuma, em igual proporção, faz uma cor citrina; se desigualmente, uma cor pálida ou palidíssima.

Ora, todas as cores são mais poderosas quando estão na seda, ou nos metais, ou nas substâncias transparentes, ou nas pedras preciosas; e nas coisas que se assemelham na cor aos corpos celestes, especialmente nos seres vivos.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

L. DA FASCINAÇÃO E DE SUA ARTE

✦

A fascinação é uma ligadura que procede do espírito do feiticeiro, através dos olhos daquele que é enfeitiçado, e entra em seu coração. Ora, o instrumento da fascinação é o espírito, a saber, um certo vapor puro, lúcido e sutil, gerado do sangue mais puro pelo calor do coração.

Este envia sempre, através dos olhos, raios semelhantes a si; esses raios, enviados, levam consigo um vapor espiritual, e esse vapor, um sangue, como se vê nos olhos remelentos e vermelhos, cujos raios, enviados aos olhos daquele que está em frente e olha para eles, levam consigo o vapor do sangue corrompido, por cujo contágio infectam os olhos de quem os contempla com doença semelhante.

Assim, o olho aberto e fixo em alguém com forte imaginação lança os seus raios, que são o veículo do espírito, aos olhos daquele que lhe está em frente; esse espírito delicado fere os olhos daquele que é enfeitiçado, excitado desde o coração daquele que fere, e apodera-se do peito daquele que é ferido, chaga-lhe o coração e infecta-lhe o espírito.

Por isso diz Apuleio: Teus olhos, deslizando por meus olhos até o íntimo do meu peito, despertam em minha medula um ardor veementíssimo.

Sabei, portanto, que os homens são mais enfeitiçados quando, olhando muitas vezes, dirigem o fio de sua vista para o fio da vista daqueles que os enfeitiçam, e quando os seus olhos estão reciprocamente fixos um no outro,

e quando os raios se unem aos raios e as luzes às luzes, pois então o espírito de um se une ao espírito do outro e fixa nele as suas centelhas.

Assim se fazem fortes ligaduras, e assim se inflamam amores veementíssimos só com os raios dos olhos, e até com um certo olhar súbito, como se fosse um dardo ou um golpe que penetra todo o corpo; donde então o espírito e o sangue amoroso, assim feridos, são levados ao amante e encantador, não de outro modo que o sangue e o espírito da vingança daquele que foi morto se lançam sobre aquele que o mata. Por isso Lucrécio cantou a respeito desses enfeitiçamentos amorosos:

O corpo é atingido, mas a mente, contudo,

É ferida pelos dardos do cego Cupido.

Todas as partes se compadecem da ferida, mas sabei:

O sangue aparece naquela que recebeu o golpe.

Tão grande é o poder da fascinação, especialmente quando os vapores dos olhos servem à afeição. Por isso as feiticeiras usam colírios, unguentos, ligaduras e coisas semelhantes, para afetar e corroborar o espírito desta ou daquela maneira. Para obter o amor, usam colírios venéreos, como o hipômanes, o sangue de pombas ou de pardais, e semelhantes.

Para induzir o medo, usam colírios marciais, como os de olhos de lobos, da civeta e semelhantes. Para causar miséria ou doença, usam os saturninos, e assim com os demais.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LI. DE CERTAS OBSERVÂNCIAS QUE PRODUZEM VIRTUDES MARAVILHOSAS

✦

Dizem que certos atos e observâncias têm um certo poder das coisas naturais, de modo que creem que as doenças podem ser expulsas ou provocadas deste ou daquele modo. Assim dizem que as quartãs podem ser afastadas se as aparas das unhas do doente forem atadas ao pescoço de uma enguia viva num trapo de linho, e ela for solta na água.

E Plínio diz que as aparas das unhas dos pés e das mãos do doente, misturadas com cera, curam a febre quartã, terçã e cotidiana, e se forem pregadas antes do nascer do Sol à porta de outro homem, curarão doenças semelhantes.

Do mesmo modo, ponham-se todas as aparas das unhas nos buracos das formigas, e dizem que aquela que primeiro começou a arrastar as unhas deve ser tomada e atada ao pescoço, e por este meio a doença será removida.

Dizem que com lenha atingida por um raio, lançada para trás das costas com as mãos, qualquer doença pode ser curada; e, nas quartãs, um pedaço de prego de uma forca, envolto em lã e pendurado ao pescoço, as cura; também uma corda tirada de uma forca, e escondida debaixo da terra onde o Sol não a possa alcançar, faz o mesmo.

Também a garganta de quem tem um inchaço duro ou abscesso, tocada com a mão de alguém que morreu de morte prematura, é por isso curada.

Dizem também que a mulher é imediatamente aliviada de um parto difícil, se alguém puser no leito onde está a parturiente uma pedra ou um dardo com que algum destes animais, a saber, um homem, um javali ou um urso, foi morto de um só golpe.

O mesmo faz, como dizem, uma lança arrancada do corpo de um homem, se não tocar primeiro o chão; dizem também que as flechas arrancadas do corpo de um homem, se não tiverem tocado a terra e forem postas debaixo de alguém deitado, provocarão o amor. Dizem também que a epilepsia se cura com comida feita da carne de um animal selvagem morto do mesmo modo que é morto um homem.

Dizem também que os olhos de um homem lavados três vezes com a água em que ele lavou os pés nunca ficarão doentes nem remelentos. Diz-se que alguns curam as doenças da virilha com fio tirado do tear do tecelão, atado em nove ou sete nós, nomeando-se a cada nó o nome de alguma viúva.

Também o baço do gado estendido sobre baços doloridos os cura, se aquele que o aplica disser que está aplicando um remédio ao baço para curá-lo e aliviá-lo; depois disso, dizem, o paciente deve ser fechado num quarto de dormir, selada a porta com um anel, e repetir-se sobre ele algum verso dezenove vezes.

A urina de um lagarto verde cura a mesma doença, se for pendurada num pote diante do quarto do paciente, de modo que ele, ao entrar e sair, a possa tocar com a mão.

Também um lagarto morto na urina de um bezerro, como dizem, refreia a luxúria daquele que o pôs ali; mas aquele que puser a sua própria urina na

urina de um cão, diz-se que se torna por isso fraco para os atos venéreos e sente um entorpecimento nos lombos. Dizem que, se alguém deixar cair a sua própria urina sobre o pé pela manhã, é remédio contra todos os maus remédios.

E uma rãzinha que sobe nas árvores, se alguém lhe cuspir na boca e depois a deixar escapar, diz-se que cura a tosse. É coisa maravilhosa, mas fácil de experimentar, o que Plínio diz: se alguém se arrepender de um golpe que deu em outro, de longe ou de perto, e cuspir logo no meio da mão com que deu o golpe, a pessoa atingida ficará logo livre da dor.

Isto foi comprovado num quadrúpede gravemente ferido. Há alguns que agravam o golpe antes de o dar. Do mesmo modo, a saliva levada na mão, ou cuspir no sapato do pé direito antes de calçá-lo, é bom quando alguém passa por um lugar perigoso.

Dizem que os lobos não chegarão a um campo se um deles for apanhado e se lhe tirar o sangue pouco a pouco das pernas, sem quebrá-las, com uma faca, e com ele se aspergir o contorno do campo, e ele mesmo for enterrado no lugar de onde foi arrastado primeiro.

Os metanenses, cidadãos de Trezena, tinham por remédio eficaz para preservar as vinhas do dano do vento sul, por tê-lo sempre verificado por experiência certíssima, o seguinte: enquanto o vento sopra, um galo branco deve ser despedaçado ao meio por dois homens, os quais, cada um guardando a sua parte, devem andar em volta da vinha, e, encontrando-se ambos no lugar de onde começaram o seu circuito, devem enterrar ali os pedaços do galo.

Dizem também que, se alguém segurar uma víbora sobre um vapor com um bastão, profetizará, e que o bastão com que se bateu numa cobra é bom contra as doenças das mulheres grávidas. Estas coisas relata Plínio.

Diz-se também que, ao colher raízes e ervas, devemos traçar três círculos em volta delas, primeiro com uma espada, e depois arrancá-las, tendo cuidado, entretanto, com o vento contrário.

Dizem também que, se alguém medir um morto com uma corda, primeiro do cotovelo até o dedo maior, depois do ombro até o mesmo dedo, e em seguida da cabeça aos pés, fazendo três vezes essas medições, se alguém depois for medido com a mesma corda da mesma maneira, não prosperará, mas será infeliz e cairá na miséria e na tristeza.

E Alberto, a partir de Quirânides, diz que, se alguma mulher te encantou para que a ames, toma o lençol em que ela se deita e urina através do seu capuz e da sua manga direita, fora de casa, e o encantamento será desfeito.

E Plínio diz que sentar-se junto a mulheres grávidas, ou quando se dá remédio a alguma delas, com os dedos entrelaçados como os dentes de um pente, é um feitiço. Isto se soube por experiência em Alcmena, quando gerava Hércules; e tanto pior se isso for feito em volta de um ou de ambos os joelhos.

Também sentar-se de pernas cruzadas é feitiçaria; por isso era proibido fazê-lo nos conselhos dos príncipes e governantes, como coisa que impedia todos os atos.

E diz-se que, se alguém, de pé diante da porta, chamar pelo nome o homem que está deitado com uma mulher, e ele responder, se então cravar uma

faca ou agulha na porta e a quebrar, com o fio para baixo, aquele que está na cama com a mulher não poderá unir-se a ela enquanto aquelas coisas ali estiverem.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LII. DO SEMBLANTE E DO GESTO, DO PORTE E DA FIGURA DO CORPO, E A QUE ASTROS CADA UM DELES CORRESPONDE; DE ONDE A FISIOGNOMONIA, A METOPOSCOPIA E A QUIROMANCIA, ARTES DE ADIVINHAÇÃO, TIRAM SEUS FUNDAMENTOS

✦

O semblante, o gesto, o movimento, a postura e a figura do corpo, sendo-nos acidentais, contribuem para receber os dons celestes, expõem-nos aos corpos superiores e produzem em nós certos efeitos, não de outro modo que no heléboro, o qual, quando o colhes, se puxas a folha para cima, atrai os humores para cima e provoca vômito; se para baixo, provoca purgação, puxando o humor para baixo.

Quanto também o semblante e o gesto afetam a vista, a imaginação e o espírito animal, ninguém ignora. Assim, os que se unem para a geração costumam, na maior parte das vezes, imprimir nos filhos então gerados aquele semblante que eles próprios então formam ou imaginam.

Assim, o semblante brando e alegre de um príncipe na cidade torna o povo alegre; mas o feroz e triste o aterroriza; assim, o gesto e o semblante de alguém que se lamenta facilmente movem à compaixão; assim, a figura de uma pessoa amável facilmente excita ao amor.

Deves saber que tais gestos e figuras, como harmonias do corpo, o expõem aos celestes não de outro modo que os odores, o espírito de um remédio e as paixões internas expõem a alma. Pois, assim como os remédios e as paixões da mente são aumentados por certas disposições do céu, assim também o gesto e o movimento do corpo adquirem eficácia por certas influências dos céus.

Pois há gestos semelhantes a Saturno, que são melancólicos e tristes, como bater no peito e golpear a cabeça; também os religiosos, como dobrar o joelho e fixar o olhar para baixo, como quem ora, e também o choro e coisas semelhantes, como os usa um homem austero e saturnino, tal como o satírico o descreve, dizendo:

De cabeça pendida, olhos fixos no chão,

Morde as palavras furiosas, e um som murmurante

Exprime com lábios amuados———

Um semblante alegre e honesto, um gesto venerável, o bater de palmas, como de quem se regozija e louva, e também o dobrar do joelho com a cabeça erguida, como de quem adora, são atribuídos a Júpiter. Um semblante e um gesto azedo, feroz, cruel, irado e áspero são atribuídos a Marte.

Solares são os gestos e semblantes honrados e corajosos; também os passeios ao ar livre e o dobrar do joelho, como de quem honra um rei com um só joelho. Venéreos são as danças, os abraços, os risos, os semblantes amáveis e alegres. Mercuriais são os gestos e semblantes inconstantes, rápidos, variáveis e semelhantes.

Lunares são os que são volúveis, venenosos e pueris, e coisas assim. E assim como falamos dos gestos, também as formas dos homens são distintas. Pois Saturno indica um homem de cor negra e amarelada, magro, curvado, de pele áspera, veias grossas, peludo por todo o corpo, olhos pequenos, de fronte carrancuda, barba rala, lábios grossos, olhos fitos no chão, de andar pesado, batendo os pés um no outro ao caminhar, astuto, engenhoso, sedutor e homicida.

Júpiter significa um homem de cor pálida, de um vermelho escuro, de corpo bem-feito, boa estatura, ousado, de olhos grandes, não de todo negros, pupila larga, narinas curtas, desiguais, dentes da frente grandes, cabelo encaracolado, de boa índole e bons costumes.

Marte faz o homem vermelho, de cabelo ruivo, rosto redondo, olhos amarelados, de olhar terrível e penetrante, ousado, jovial, soberbo, astuto.

O Sol faz o homem de cor trigueira, entre o amarelo e o negro, salpicada de vermelho, de baixa estatura, mas de corpo bem-feito, sem muito pelo, e encaracolado, de olhos amarelos, sábio, fiel, desejoso de louvor.

Vênus significa um homem que tende ao negro, contudo mais branco, com mistura de vermelho, de corpo bem-feito, rosto belo e redondo, cabelo bonito, olhos bonitos, cujo negro é mais intenso, de bons costumes e amor honesto, também bondoso, paciente e jovial.

Mercúrio significa um homem não muito branco nem negro, de rosto comprido, fronte alta, olhos bonitos, não negros, de nariz reto e comprido, barba rala, dedos longos, engenhoso, investigador sutil, vira-casaca e sujeito a muitas fortunas.

A Lua significa um homem de cor branca, mesclada com um pouco de vermelho, de boa estatura, rosto redondo, com algumas marcas, olhos não de todo negros, fronte carrancuda, também bondoso, gentil e sociável.

Os signos também, e as faces dos signos, têm suas figuras e formas, que quem quiser conhecer deve procurá-las nos livros de astrologia. Por fim, dessas figuras e gestos dependem a fisiognomonia e a metoposcopia, artes de adivinhação; e também a quiromancia, que prediz os acontecimentos futuros não como causas, mas como sinais, por efeitos semelhantes produzidos pela mesma causa.

E embora essas diversas espécies de adivinhação pareçam fazer-se por sinais inferiores e fracos, seus juízos não devem ser desprezados nem condenados, quando por eles se faz o prognóstico não por superstição, mas em razão da correspondência harmônica de todas as partes do corpo.

Quem quer que, por conseguinte, imite mais exatamente os corpos celestes, seja na natureza, no estudo, na ação, no movimento, no gesto, no semblante, nas paixões da mente e na oportunidade da estação, tanto mais se assemelha aos corpos celestes e pode receber deles dons maiores.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIII. DA ADIVINHAÇÃO E DE SUAS ESPÉCIES

✦

Há algumas outras espécies de adivinhação, dependentes de causas naturais, que cada um conhece em sua arte e experiência como existentes em diversas coisas; pelas quais médicos, lavradores, pastores, marinheiros e cada um destes prognosticam a partir de sinais prováveis. Muitas dessas espécies Aristóteles mencionou em seu Livro dos Tempos.

Entre elas, os augúrios e os auspícios são os principais, que em tempos antigos eram tidos em tal estima entre os romanos que nada faziam do que pertencesse aos negócios privados ou públicos sem o conselho dos áugures; Cícero também, em seu livro Da Adivinhação, declara amplamente que o povo da Túscia nada fazia sem esta arte.

Ora, há diversas espécies de auspícios: pois alguns se chamam pedestria, isto é, os tirados dos quadrúpedes; alguns se chamam auguria, os tirados das aves; alguns são celestes, tirados dos trovões e relâmpagos; alguns se chamam caduca, isto é, quando algo caía no templo ou em outro lugar; alguns eram sagrados, tirados dos sacrifícios.

Alguns destes se chamavam piacula, e auspícios tristes, como quando uma vítima escapava do altar, ou, ferida, dava um mugido, ou caía sobre outra parte do corpo que não a devida. A estes se acrescenta a exauguração, a saber, quando caía da mão do áugure a vara com que era costume observar e notar o auspício. Miguel Escoto menciona doze espécies de augúrios, a saber:

Seis à mão direita, cujos nomes, diz ele, são Fernova, Fervetus, Confert, Emponenthem, Sonnasarnova, Sonnasarvetus; e os outros seis à mão esquerda, cujos nomes são Confernova, Confervetus, Viaram, Herrenam, Scassarnova e Scassarvetus.

Depois, explicando seus nomes, diz: Fernova é um augúrio quando sais de tua casa para fazer algum negócio e, ao caminhar, vês um homem ou uma ave andando ou voando, de modo que um deles se ponha diante de ti à tua mão esquerda; isso é boa significação em relação ao teu negócio.

Fervetus é um augúrio quando saíres de tua casa para fazer algum negócio e, ao caminhar, encontras ou vês uma ave ou um homem descansando diante de ti, do teu lado esquerdo; isso é mau sinal em relação ao teu negócio.

Viaram é um augúrio quando um homem ou uma ave, em seu caminho ou voo, passa diante de ti vindo do teu lado direito e, dobrando para a esquerda, sai da tua vista; isso é bom sinal quanto ao teu negócio.

Confernova é um augúrio quando primeiro encontras um homem ou uma ave andando ou voando, e depois ele descansa diante de ti do teu lado direito, vendo-o tu; isso é bom sinal quanto ao teu negócio. Confervetus é um augúrio quando primeiro encontras ou vês um homem ou uma ave desviando-se do teu lado direito; é mau sinal quanto ao teu negócio.

Scimasarnova é um augúrio quando um homem ou uma ave vem atrás de ti e te ultrapassa, mas antes de chegar a ti descansa, vendo-o tu do teu lado direito; é para ti bom sinal. Scimasarvetus é um augúrio quando vês um homem ou ave atrás de ti, mas antes de chegar a ti descansa naquele lugar, vendo-o tu; é bom sinal.

Scassarvetus é quando vês um homem ou uma ave passando por ti e descansando num lugar do teu lado esquerdo; é para ti mau sinal. Emponenthem é quando um homem ou uma ave, vindo do teu lado esquerdo e passando para o teu direito, sai da tua vista sem descansar; é bom sinal.

Hartena é um augúrio se um homem ou uma ave, vindo da tua mão direita, passando por trás das tuas costas para a tua esquerda, e tu o vires descansando em algum lugar; isto é mau sinal. Até aqui Escoto.

Os antigos também prognosticavam pelos espirros, dos quais Homero faz menção no livro dezessete de sua Odisseia, porque pensavam que procediam de um lugar sagrado, a saber, a cabeça, na qual o intelecto é vigoroso e operante. Daí também qualquer palavra que viesse ao peito ou à mente de um homem, ao levantar-se de manhã, sem que ele esperasse, é tida por presságio e augúrio.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIV. DE DIVERSOS ANIMAIS E OUTRAS COISAS QUE TÊM SIGNIFICAÇÃO NOS AUGÚRIOS

✦

Todos os auspícios que acontecem primeiro no começo de qualquer empreendimento devem ser notados: como, se no começo da tua obra perceberes que os ratos roeram tuas vestes, desiste de teus empreendimentos; se, ao saíres, tropeçares na soleira, ou se no caminho bateres o pé contra alguma coisa, abstém-te da viagem; se algum mau presságio acontecer no começo do teu negócio, adia teus empreendimentos, para que tuas intenções não sejam de todo frustradas ou cumpridas sem proveito; mas espera e aguarda uma hora afortunada para despachar teus assuntos com melhor presságio.

Vemos que muitos animais são, por um poder natural neles inato, proféticos. Não te diz o galo diligentemente, com seu canto, as horas da noite e da manhã, e com as asas estendidas afugenta o leão? E muitas aves com seu canto e chilreio, e as moscas com suas picadas agudas predizem a chuva, e os golfinhos, saltando amiúde acima da água, anunciam as tempestades.

Seria longo demais relatar todas as coisas que os frígios, os cilícios, os árabes, os úmbrios, os toscanos e outros povos que seguem os augúrios aprenderam pelas aves. Estas coisas comprovaram por muitas experiências e exemplos. Pois em todas as coisas estão escondidos os oráculos das coisas futuras; mas os principais são os que as aves agoureiras predizem.

Estas são aquelas que os poetas contam terem sido transformadas de homens em aves. Portanto, o que a gralha declara, escuta e nota, observando a sua postura quando pousada e o seu modo de voar, se à mão direita ou à esquerda, se clamorosa ou silenciosa, se vai adiante ou segue atrás, se espera a aproximação de quem passa ou foge dele, e por que caminho vai; todas estas coisas devem ser diligentemente observadas.

Oro Apolo diz em seus Hieróglifos que as gralhas gêmeas significam casamento, porque este animal põe dois ovos, dos quais devem nascer macho e fêmea; mas se (o que raramente acontece) forem gerados dois machos ou duas fêmeas, os machos não se unirão a nenhuma outra fêmea, nem as fêmeas a nenhum outro macho, mas viverão sempre sem par e solitários.

Por isso, os que encontram uma gralha sozinha adivinham por isso que viverão vida solitária. O mesmo significa também a pomba fêmea negra, pois, após a morte de seu par, vive sempre só. Observarás com igual cuidado os corvos, que são tão significativos quanto as gralhas, e até em assuntos maiores.

Era juízo de Epicteto, o filósofo estoico, autor sábio, que, se um corvo crocitasse diante de alguém, isso pressagiava algum mal, seja ao seu corpo, fortuna, honra, esposa ou filhos.

Depois atentarás para os cisnes, que conhecem de antemão os segredos das águas, pois a sua alegria pressagia felizes sucessos não só aos marinheiros, mas a todos os outros viajantes, a menos que sejam vencidos pela chegada de uma ave mais forte, como a águia, que, pela potentíssima majestade de sua soberania, anula as predições de todas as outras aves, se disser o contrá-

rio; pois voa mais alto que todas as outras aves, tem a vista mais aguda e nunca é excluída dos segredos de Júpiter.

Ela pressagia elevação e vitória, mas com sangue, porque não bebe água, senão sangue. Uma águia voando sobre os lócrios, que combatiam contra os crotoniatas, deu-lhes a vitória. Uma águia pousando de improviso sobre o escudo de Hierão, quando ia à sua primeira guerra, significou que ele seria rei.

Duas águias pousadas o dia inteiro sobre a casa no nascimento de Alexandre da Macedônia pressagiaram-lhe dois reinos, a saber, a Ásia e a Europa. Também uma águia que tirou o chapéu de Lúcio Tarquínio Prisco, filho de Demarato, o coríntio (que fugia de casa por causa de alguma discórdia e, chegado à Etrúria, ia para Roma), e depois voou alto com ele e em seguida o pôs de novo em sua cabeça, pressagiou-lhe o reino dos romanos.

Os abutres significam dificuldade, dureza, rapacidade, o que se verificou no começo da construção das cidades. Também predizem os lugares de matança, chegando sete dias antes; e porque têm maior atenção ao lugar onde haverá a maior matança, como se ansiassem pelo maior número de mortos, por isso os antigos reis costumavam enviar espiões para notar a que lugar os abutres mais atentavam.

A fênix promete êxito singularmente bom; vista de novo, Roma foi edificada sob auspícios muito favoráveis. O pelicano, porque se arrisca por seus filhotes, significa que um homem deve, pelo zelo de seu amor, suportar muitas durezas. A ave pintada deu nome à cidade de Pictávia e prenunciou a brandura daquele povo pela sua cor e voz. A garça é augúrio de coisas duras.

A cegonha é ave de concórdia e produz concórdia. Os grous nos avisam da traição dos inimigos. A ave cacupha significa gratidão, pois só ela mostra amor à sua mãe quando gasta pela velhice. Ao contrário, o hipopótamo, que mata sua mãe, significa ingratidão pelo bem recebido, e também injustiça. A ave origis é invejosíssima e significa inveja.

Entre as aves menores, a pega é tagarela e prediz hóspedes. A ave albanellus, voando junto a alguém, se da esquerda para a direita, significa alegria no acolhimento; se ao contrário, significa o contrário.

A coruja-das-torres é sempre desgraçada, e assim também o bufo, que, porque vai a seus filhotes de noite sem ser percebido, como a morte vem sem ser percebida, por isso se diz que prediz a morte; contudo, às vezes, porque não é cega na escuridão da noite, significa diligência e vigilância, o que confirmou quando pousou sobre a lança de Hierão. Dido, ao ver a coruja agourenta, teve pena de Eneias, de onde o poeta cantou:

A coruja pousada no alto da casa, sozinha,

Solta suas tristes queixas em tom lamentoso.

E em outro lugar:

A coruja preguiçosa é pelos mortais tida

Por um presságio fatal ———————

A mesma ave cantou no Capitólio quando os negócios romanos iam mal em Numância, e quando Fregelas foi arrasada por uma conspiração feita contra os romanos. Almadel diz que as corujas e os corvos-noturnos, quando se desviam para terras ou casas estranhas, significam a morte dos

homens daquela terra e daquelas casas; pois essas aves se deleitam com cadáveres e os pressentem de antemão.

Pois os homens que estão morrendo têm estreita afinidade com os cadáveres. O falcão também é prenunciador de contenda, como canta Nasão:

Odiamos o falcão, porque entre as armas

Ele vive sempre ————————

Lélio, embaixador de Pompeu, foi morto na Espanha entre os forrageadores, desgraça que, diz-se, um falcão, voando sobre sua cabeça, predisse. E Almadel diz que estas espécies de aves, combatendo entre si, significam mudança de reino; mas, se aves de outra espécie combaterem com elas e nunca mais forem vistas juntas, isso pressagia uma nova condição e estado daquele país.

Também os passarinhos, por sua chegada ou partida, prenunciam que uma família será aumentada ou diminuída, e o seu voo, quanto mais sereno for, tanto mais louvável. De onde Melampo, o áugure, conjecturou a matança dos gregos pelo voo dos passarinhos, quando diz: Vês que nenhuma ave alça voo com bom tempo.

As andorinhas, porque, quando estão morrendo, providenciam um lugar seguro para seus filhotes, pressagiam um grande patrimônio ou legado após a morte de amigos. Um morcego que encontra alguém que foge significa escapada: pois, embora não tenha asas, voa.

O pardal é mau presságio para quem foge, pois foge do falcão e se apressa para a coruja, onde corre tão grande perigo; mas no amor é afortunado,

pois, incitado pela luxúria, une-se sete vezes numa hora. As abelhas são bom presságio para os reis, pois significam um povo obediente.

As moscas significam importunidade e impudência, porque, embora muitas vezes enxotadas, voltam continuamente.

⁂

Também as aves domésticas não são sem alguns augúrios, pois os galos, com seu canto, favorecem a esperança e a viagem de quem a empreende. Além disso, Lívia, mãe de Tibério, quando estava grávida dele, tomou um ovo de galinha e chocou-o em seu seio, e por fim saiu um pintinho macho com uma grande crista, o que os áugures interpretaram como sinal de que a criança que dela nasceria seria rei.

E Cícero escreve que em Tebas os galos, cantando a noite toda, pressagiaram que os beócios obteriam vitória contra os lacedemônios; e a razão, segundo as interpretações dos áugures, é que essa ave, quando é vencida, fica em silêncio, mas quando ela mesma vence, canta. Do mesmo modo também se tiram dos animais os presságios dos acontecimentos.

Pois o encontro de uma doninha é agourento, e o encontro de uma lebre é mau presságio para o viajante, a menos que ela seja apanhada. A mula também é má, porque é estéril. O porco é pernicioso, pois tal é a sua natureza, e por isso significa homens perniciosos. O cavalo significa querelas e combates; de onde Anquises, vendo cavalos brancos, exclama em Virgílio:

Para a guerra se armam os cavalos, e ameaçam guerra.

Mas quando estão unidos num carro, porque puxam sob um jugo igual, significam que se deve esperar a paz. O asno é uma criatura inútil, mas fez bem a Mário, que, quando foi declarado inimigo da pátria, viu um asno desdenhar a forragem que lhe ofereciam e correr para a água; por esse augúrio, supondo ver mostrado um caminho de salvação, pediu o auxílio de seus amigos, para que o conduzissem ao mar; o que lhe sendo concedido, foi posto num pequeno navio e assim escapou às ameaças de Sila, o vencedor.

Se o filhote de um asno encontrar alguém que vai a um augúrio, significa trabalho, paciência e impedimentos. Um lobo que encontra alguém é bom sinal, cujo efeito se viu em Hierão da Sicília, de quem um lobo, arrebatando-lhe um livro enquanto estava na escola, confirmou-lhe o êxito do reino; mas o lobo emudece aquele a quem vê primeiro. Um lobo despedaçou um sentinela de P.

Africano e de C. Fúlvio em Minturnas, quando o exército romano foi vencido pelos fugitivos na Sicília. Também significa homens pérfidos, em quem não se pode dar crédito, o que se conheceu na descendência dos romanos. Pois a fé que outrora sugaram de sua mãe, a loba, e guardaram para si desde o princípio, como por certa lei da natureza, passou à sua posteridade.

Encontrar um leão, visto ser ele entre os animais o mais forte e o que infunde terror a todos os outros, é bom.

Mas para uma mulher, encontrar uma leoa é mau, porque impede a concepção, pois a leoa dá cria uma só vez. Encontrar ovelhas e cabras é bom. Lê-se também no Ostentário dos toscanos que, se este animal trouxer al-

guma cor incomum, pressagia ao imperador abundância de todas as coisas, juntamente com muita felicidade. Por isso Virgílio canta assim a Polião:

Mas nos prados os carneiros trarão escarlate,

E, mudando, às vezes vestirão velos dourados.

É bom também encontrar bois debulhando o trigo, mas melhor encontrá-los arando, os quais, embora, rompendo o caminho, atrapalhem a tua viagem, pelo favor de seu auspício te recompensarão. O cão numa viagem é afortunado, porque Ciro, lançado nos bosques, foi nutrido por uma cadela até chegar ao reino; e também o anjo companheiro de Tobias não o desdenhou como companheiro.

O castor, porque arranca com os dentes os próprios testículos e os deixa aos caçadores, é mau presságio e pressagia que um homem fará mal a si mesmo. Também entre os animais pequenos, os ratos significam perigo. Pois no mesmo dia em que roeram ouro no Capitólio, ambos os cônsules foram interceptados por Aníbal numa emboscada perto de Tarento.

O gafanhoto, detendo-se em algum lugar ou queimando o lugar, impede alguém de seus desejos e é mau presságio; ao contrário, as cigarras favorecem a viagem e predizem bom sucesso das coisas. A aranha que tece um fio para baixo significa, diz-se, esperança de dinheiro por vir.

Também as formigas, porque sabem prover a si mesmas e preparar ninhos seguros, pressagiam segurança e riquezas, e um grande exército. Por isso, quando as formigas devoraram um dragão domesticado de Tibério César, foi-lhe aconselhado que se guardasse do tumulto de uma multidão.

Se uma serpente te encontrar, guarda-te de um inimigo de má língua, pois este animal não tem poder senão na boca. Uma serpente rastejando para dentro do palácio de Tibério pressagiou a sua queda.

Duas serpentes foram encontradas no leito de Semprônio Graco, pelo que um adivinho lhe disse que, se deixasse escapar o macho ou a fêmea, ou ele ou sua esposa morreria em breve; ele, preferindo a vida da esposa, matou o macho e deixou a fêmea escapar, e dentro de poucos dias morreu.

Assim, a víbora significa mulheres devassas e filhos perversos; e a enguia significa um homem descontente com todos, pois vive separada de todos os outros peixes e nunca é encontrada em companhia de nenhum. Mas entre todos os auspícios e presságios não há nenhum mais eficaz e potente que o homem, nenhum que signifique a verdade mais claramente.

Notarás, portanto, e observarás diligentemente a condição do homem que te encontra, sua idade, profissão, posição, gesto, movimento, exercício, compleição, traje, nome, palavras, fala e todas as coisas semelhantes.

Pois, visto haver em todos os outros animais tantas revelações de presságios, sem dúvida alguma são mais eficazes e claras as que estão infundidas na alma do homem; o que o próprio Túlio atesta, dizendo que há nas almas dos homens um certo auspício natural de sua eternidade, para conhecer todos os cursos e causas das coisas.

Na fundação da cidade de Roma foi encontrada a cabeça de um homem com o rosto inteiro, o que pressagiou a grandeza do império e deu nome ao monte do Capitólio. Os soldados de Bruto, combatendo contra Otávio e M.

Antônio, encontraram um etíope na porta de seu acampamento; e, embora o matassem como presságio de mau sucesso, foram porém infelizes na batalha, e Bruto e Cássio, ambos generais, foram mortos. O encontro de monges é comumente tido por mau presságio, e tanto mais se for de manhã cedo, porque esta espécie de homens vive, na maior parte, da morte súbita dos homens, como os abutres vivem das matanças.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LV. COMO OS AUSPÍCIOS SE VERIFICAM PELA LUZ DO INSTINTO NATURAL, E DE ALGUMAS REGRAS PARA DESCOBRI-LO

✦

Os auspícios e augúrios, que predizem as coisas futuras pelos animais e aves, o próprio divino Orfeu (como lemos) foi o primeiro de todos a ensiná-los e mostrá-los, e depois foram tidos em grande estima por todas as nações. Ora, eles se verificam pela luz do instinto natural, como se daí algumas luzes de adivinhação pudessem descer sobre os quadrúpedes, os alados e outros animais, pelas quais são capazes de nos pressagiar os acontecimentos das coisas; o que Virgílio parece perceber, quando canta:

Nem creio que o céu tal saber lhes conceda,

Nem que sua prudência esteja acima dos fados.

Ora, este instinto da natureza, como diz Guilherme de Paris, é mais sublime que toda a apreensão humana, e muito próximo e semelhantíssimo à profecia. Por este instinto há em alguns animais, naturalmente, uma certa luz maravilhosa de adivinhação, como manifestamente aparece em alguns cães, que por este instinto conhecem os ladrões e os homens, descobrem-nos e os apanham, lançando-se sobre eles de boca cheia.

Por semelhante instinto os abutres preveem as futuras matanças nas batalhas e se reúnem nos lugares onde elas se darão, como se previssem a carne

dos cadáveres. Pelo mesmo instinto as perdizes conhecem sua mãe, que nunca viram, e deixam a perdiz que furtou os ovos de sua mãe e os chocou.

Pelo mesmo instinto também se percebem certas coisas nocivas e terríveis (estando a alma dos homens completamente ignorante delas), de onde o terror e o horror se apoderam dos homens quando nada pensam dessas coisas.

Assim, um ladrão escondido em alguma casa, embora ninguém saiba nem pense que ele está ali, causa medo, terror e perturbação de ânimo nos moradores daquela casa, embora talvez não em todos, porque o brilho deste instinto não está em todos os homens, mas em alguns.

Assim, uma meretriz escondida em alguma casa muito grande é às vezes percebida ali por alguém que de todo ignora a sua presença.

Menciona-se nas histórias que Heraisco, certo egípcio, homem de natureza divina, sabia discernir as mulheres impuras não só pelos olhos, mas pela voz, ouvida de longe, e com isso caía numa gravíssima dor de cabeça. Guilherme de Paris também menciona certa mulher do seu tempo que, pelo mesmo instinto, percebia a duas milhas de distância um homem que ela amava vindo.

Também relata que em seu tempo houve certa cegonha convencida de impudicícia pelo olfato do macho, a qual, julgada culpada por uma multidão de cegonhas que o macho reunira, revelando-lhes a falta de sua companheira, foi, depois de arrancadas as penas, despedaçada por elas.

Menciona também certo cavalo que, não conhecendo sua mãe e cobrindo-a, quando depois entendeu o que fizera, arrancou com os dentes os pró-

prios testículos, vingando-se em si mesmo do incesto. O mesmo relatam Varrão, Aristóteles e Plínio acerca dos cavalos.

E Plínio menciona certa serpente, chamada áspide, que fez coisa semelhante, pois, vindo à mesa de certo homem no Egito, era ali alimentada diariamente; e tendo dado à luz alguns filhotes, por um dos quais foi morto um filho de seu hospedeiro, depois de sabê-lo matou aquele filhote e nunca mais voltou àquela casa.

Ora, por estes exemplos vês como as luzes do presságio podem descer sobre alguns animais, como sinais ou marcas das coisas, e estão postas em seu gesto, movimento, voz, voo, andar, alimento, cor e coisas semelhantes.

Pois, segundo a doutrina dos platônicos, há um certo poder posto nas coisas inferiores, pelo qual na maior parte concordam com as superiores; de onde também os tácitos consentimentos dos animais parecem concordar com os corpos divinos, e seus corpos e afetos ser afetados pelos poderes deles, em nome dos quais são atribuídos às divindades.

Devemos considerar, por conseguinte, que animais são saturninos, quais jupiterianos, quais marciais, e assim dos demais, e segundo as suas propriedades tirar os seus presságios.

Assim, as aves que se assemelham a Saturno e a Marte são todas chamadas terríveis e mortíferas, como a coruja-das-torres, o mocho e outras que mencionamos antes, e também o bufo, porque é ave saturnina e solitária, também noturna, e é tida pela mais infaustamente agourenta, da qual diz o poeta:

A feia coruja, que nenhuma ave bem acolhe,

Prediz desgraças e os mais tristes sucessos.

Mas o cisne é ave deliciosa, venérea e dedicada a Febo, e diz-se que é felicíssima em seus presságios, especialmente nos auspícios dos marinheiros, porque nunca se afoga na água; de onde canta Ovídio:

Felicíssimo é o cisne alegre e cantor

Em seus presságios——————————

Há também algumas aves que pressagiam pela boca e pelo canto, como o corvo, a pega, a gralha; de onde Virgílio:

————————Isto predisse

Muitas vezes, da azinheira oca, aquele corvo agourento.

Ora, as aves que pressagiam as coisas futuras pelo voo são, a saber, os bútios, os quebra-ossos, as águias, os abutres, os grous, os cisnes e semelhantes; pois devem ser consideradas no seu voo, se voam devagar ou depressa, se para a mão direita ou para a esquerda, quantas voam juntas. Por esta razão, se os grous voam depressa, significam tempestade; quando devagar, bom tempo.

Também, quando duas águias voam juntas, diz-se que pressagiam mal, porque esse é um número de confusão. Do mesmo modo investigarás a razão das demais, como isto se mostra quanto ao número. Ademais, cabe ao artista observar uma semelhança nestas conjecturas, como em Virgílio, quando Vênus, disfarçada, ensina a seu filho Eneias nestes versos:

————————Nada disto é em vão,

Ou em vão meus pais me ensinaram o augúrio:

Eis que duas vezes seis cisnes em alegre companhia

A ave de Jove perseguia pelo céu etéreo

Nas largas sendas do céu; agora a terra em longa fila

Parecem tomar, ou, tomada, desdenhá-la;

Ao voltarem com asas sonoras, brincam,

E cercam o céu num longo concerto.

Assim, digo, teus amigos e frota alcançaram

O porto, ou de velas cheias ganharam a baía.

⁂

Maravilhosíssima é aquela espécie de augúrio dos que ouvem e entendem as falas dos animais, na qual, entre os antigos, Melampo, Tirésias, Tales e Apolônio de Tiana, como lemos, se destacaram, e dos quais se conta que tinham excelente perícia na linguagem das aves; dos quais falam Filóstrato e Porfírio, dizendo que antigamente, quando Apolônio estava sentado em companhia de seus amigos, vendo pardais pousados numa árvore, e um pardal vindo de outra parte até eles, fazendo grande chilreio e barulho, e depois voando, seguindo-o todos os outros, disse a seus companheiros que aquele pardal contara aos outros que um asno carregado de trigo caíra num buraco perto da cidade e que o trigo se espalhara pelo chão; muitos, muito movidos por estas palavras, foram ver, e assim era, como Apolônio dissera, do que muito se admiraram.

Também Porfírio, o platônico, em seu terceiro livro Dos Sacrifícios, diz que havia uma andorinha; pois era certo, porque toda voz de qualquer animal é significativa de alguma paixão de sua alma, como alegria, tristeza, ira ou semelhante, vozes que não é coisa tão maravilhosa serem entendidas por homens que convivem com eles.

Mas o próprio Demócrito declarou esta arte, como diz Plínio, nomeando as aves de cujo sangue misturado se produzia uma serpente, da qual quem quer que comesse entenderia as vozes das aves.

E Hermes diz que, se alguém sair para apanhar aves num certo dia das calendas de novembro e cozer a primeira ave que apanhar com o coração de uma raposa, todos os que comerem dessa ave entenderão as vozes das aves e de todos os outros animais. Também os árabes dizem que podem entender o sentido dos brutos aqueles que comerem o coração e o fígado de dragões.

Proclo, o platônico, também acreditava e escreveu que o coração da toupeira contribui para os presságios. Havia também adivinhações e auspícios que se tiravam das entranhas dos sacrifícios, cujo inventor foi Tages, de quem cantou Lucano:

E se as entranhas não ganharam crédito,

E se esta arte de Tages foi só fingida.

A religião romana pensava que o fígado era a cabeça das entranhas. Por isso os adivinhos, ao indagarem as coisas futuras nas entranhas, olhavam primeiro o fígado, no qual havia duas cabeças, das quais uma se chamava a cabeça da cidade, a outra a do inimigo; e, comparadas entre si as cabeças desta ou de outra parte, pronunciavam a vitória, como lemos em Lucano que as

entranhas significaram a matança dos homens de Pompeu e a vitória dos de César, segundo estes versos:

Nas entranhas todos os defeitos são agourentos;

Uma parte e um ramo das vísceras crescem,

Outra parte jaz fraca e frouxa,

Bate e move com pulso rápido as artérias.

Depois, terminadas as vísceras, examinam o coração. Ora, se se achasse uma vítima sem coração, ou se faltasse uma cabeça no fígado, eram presságios mortíferos e se chamavam piacularia. Também, se uma vítima fugia do altar, ou, ferida, dava um mugido, ou caía sobre outra parte do corpo que não a devida, era igualmente agourento.

Lemos que, quando Júlio César certo dia saiu em procissão com seu manto de púrpura, sentado numa cadeira de ouro, e sacrificava, faltou por duas vezes o coração; e quando C. Mário sacrificava em Útica, faltou o fígado. Também, quando o príncipe Caio e M. Marcelo, C. Cláudio e L.

Petélio, cônsules, ofereciam sacrifícios, o fígado consumiu-se subitamente; e não muito depois um deles morreu de doença, outro foi morto pelos homens da Ligúria, tendo as entranhas predito tanto; o que se pensava ser feito pelo poder dos deuses ou com a ajuda do diabo.

Por isso era tido entre os antigos como coisa de grande importância sempre que se achava algo incomum nas entranhas: como quando Sila sacrificava em Laurento, apareceu a figura de uma coroa na cabeça do fígado, o que o adivinho Postúmio interpretou como presságio de vitória com reino, e por

isso aconselhou que Sila comesse ele mesmo aquelas entranhas. A cor das entranhas também deve ser considerada. Destas fez menção Lucano:

Feridos pela cor, os profetas tremeram,

Pois de manchas imundas as pálidas vísceras se tingiam,

Negras e azuladas, com pintas de sangue salpicado

Estavam————————

Houve em tempos passados tão venerável estima por estas artes que os homens mais poderosos e sábios as buscavam; sim, o senado e os reis nada faziam sem o conselho dos áugures. Mas todas estas coisas, nestes dias, em parte pela negligência dos homens, em parte pela autoridade dos Padres, estão abolidas.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LVI. DAS ADIVINHAÇÕES PELOS CLARÕES E RELÂMPAGOS, E DE COMO SE DEVEM INTERPRETAR AS COISAS MONSTRUOSAS E PRODIGIOSAS

✦

Ora, as adivinhações pelos clarões e relâmpagos, e pelas maravilhas, e de como se devem interpretar as coisas monstruosas e prodigiosas, os profetas e sacerdotes da Etrúria ensinaram a arte.

Pois estabeleceram dezesseis regiões dos céus e atribuíram deuses a cada uma delas; e, ademais, onze espécies de relâmpagos e nove deuses que os haveriam de lançar, mostrando regras para entender a sua significação. Mas sempre que acontecem coisas monstruosas, prodigiosas e maravilhosas, pressagiam, como é certíssimo, algum grande acontecimento.

Ora, o seu intérprete deve ser algum excelente conjecturador de semelhanças, e também algum investigador cuidadoso, e dos que naquele tempo se ocupam dos negócios dos príncipes e das províncias.

Pois os celestes cuidam tanto só dos príncipes, povos e províncias, que antes dos demais sejam prefigurados e advertidos pelas estrelas, pelas constelações, pelas maravilhas e pelos prodígios.

Ora, se a mesma coisa, ou semelhante, foi vista em épocas passadas, devemos considerar essa mesma coisa e o que aconteceu depois dela, e segundo

isso predizer o mesmo ou o semelhante, porque os mesmos sinais são para as mesmas coisas, e os semelhantes para as semelhantes.

Assim, prodígios precederam o nascimento e a morte de muitos homens eminentes e reis; como Cícero menciona Midas menino, em cuja boca, enquanto dormia, a formiga pôs grãos de trigo, o que foi presságio de grandes riquezas. Assim, abelhas pousaram na boca de Platão quando dormia no berço, pelo que se predisse a doçura de sua fala.

Hécuba, quando estava dando à luz Páris, viu uma tocha ardente, que haveria de incendiar Troia e toda a Ásia. Apareceu à mãe de Fálaris a imagem de Mercúrio derramando sangue sobre a terra, com o qual a casa inteira foi inundada. A mãe de Dionísio sonhou que dava à luz um sátiro, sonhos prodigiosos que o acontecimento que se seguiu confirmou.

A esposa de Tarquínio Prisco, vendo uma chama lamber a cabeça de Sérvio Túlio, predisse que ele teria o reino. Do mesmo modo, depois de tomada Troia, discutindo Eneias com Anquises, seu pai, acerca da fuga, apareceu uma chama lambendo o alto da cabeça de Ascânio, sem lhe fazer mal algum; o que, visto pressagiar o reino a Ascânio, persuadiu-o a partir; pois prodígios monstruosos precediam uma grande e notável destruição.

Assim lemos em Plínio que, sendo cônsules M. Atílio e C. Pórcio, choveu leite e sangue, o que pressagiou que uma grandíssima peste se espalharia por Roma no ano seguinte. Também na Lucânia choveu ferro esponjoso, no ano antes de Marco Crasso ser morto na Pártia; com o qual também foram mortos todos os soldados da Lucânia, que eram um exército muito numeroso.

Também, sendo cônsules L. Paulo e C. Marcelo, choveu lã ao redor do castelo de Corisano, perto do qual lugar, um ano depois, T. Ânio foi morto por Milão. E nas guerras da Dinamarca ouviu-se no ar o ruído de armas e o som de uma trombeta. E Lívio, acerca das guerras macedônicas, diz que no ano em que Aníbal morreu choveu sangue por dois dias.

Também acerca da segunda guerra púnica diz que água misturada com sangue desceu do céu como chuva, no tempo em que Aníbal devastava a Itália. Pouco antes da derrota de Leuctra, os lacedemônios ouviram um ruído de armas no templo de Hércules, e ao mesmo tempo, no templo de Hércules, as portas que estavam fechadas com trancas abriram-se sozinhas, e as armas que estavam penduradas na parede foram achadas no chão.

Acontecimentos semelhantes podem ser prognosticados de outras coisas semelhantes, como muitas vezes nos tempos passados algo foi predito por elas. Mas também acerca destas coisas não se devem negligenciar os juízos das influências celestes, dos quais trataremos mais amplamente nos capítulos seguintes.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LVII. DA GEOMANCIA, HIDROMANCIA, AEROMANCIA E PIROMANCIA, QUATRO ADIVINHAÇÕES DOS ELEMENTOS

✦

Além disso, os próprios elementos nos ensinam os acontecimentos fatais; de onde aquelas quatro famosas espécies de adivinhação, a geomancia, a hidromancia, a aeromancia e a piromancia, tiraram os seus nomes, das quais aquela feiticeira de Lucano parece gabar-se, quando diz:

A terra, o ar, o caos e o céu,

Os mares, os campos, as rochas e os montes altos

Predizem a verdade———

A primeira, por conseguinte, é a geomancia, que prenuncia as coisas futuras pelos movimentos da terra, e também pelo ruído, pelo inchaço, pelo tremor, pelas fendas, pelas covas e pela exalação, e por outras impressões, cuja arte expõe Almadel, o árabe. Mas há outra espécie de geomancia, que adivinha por pontos escritos na terra, por um certo poder na sua queda, a qual não é da presente especulação; mas dela falaremos mais adiante.

Ora, a hidromancia faz os seus presságios pelas impressões da água, seu fluxo e refluxo, suas cheias e baixas, suas tempestades e cores, e coisas semelhantes; a que se acrescentam também as visões que se fazem nas águas.

Uma espécie de adivinhação achada pelos persas, como relata Varrão: um menino viu na água a efígie de Mercúrio, que predisse em cento e cinquenta versos todo o desfecho da guerra de Mitrídates. Lemos também que Numa Pompílio praticou a hidromancia, pois na água evocava os deuses e aprendia deles as coisas futuras.

Arte que também Pitágoras, muito tempo depois de Numa, praticou. Havia antigamente uma espécie de hidromancia, tida em grande estima entre os assírios, e chamava-se lecanomancia, de um odre cheio de água, sobre a qual punham lâminas de ouro e de prata e pedras preciosas, inscritas com certas imagens, nomes e caracteres.

A isto se pode referir aquela arte pela qual o chumbo e a cera, derretidos e lançados na água, expressam marcas manifestas de imagens daquilo que desejamos saber.

Houve também em anos passados fontes que prediziam as coisas futuras, como a Fonte dos Pais na Acaia e a que se chamava a água de Juno em Epidauro; mas delas falaremos mais nos capítulos seguintes, onde trataremos dos oráculos.

Aqui também se pode referir a adivinhação pelos peixes, da qual faziam uso os lícios num certo lugar chamado Dina, junto ao mar, num bosque dedicado a Apolo, escavado na areia seca, no qual quem ia consultar sobre as coisas futuras baixava carne assada, e logo aquele lugar se enchia de águas, e aparecia uma grande multidão de peixes, de formas estranhas, desconhecidas dos homens, por cujas formas o profeta predizia o que havia de acontecer. Estas coisas Ateneu relata mais amplamente a partir de Policarmo, na História dos Lícios.

Da mesma maneira a aeromancia adivinha pelas impressões aéreas, pelo sopro dos ventos, pelos arco-íris, pelos halos em torno da Lua e das estrelas, pelas névoas e nuvens, e pelas imagens nas nuvens e visões no ar.

Assim também a piromancia adivinha pelas impressões ígneas, e pelas estrelas de longas caudas, pelas cores do fogo, pelas visões e imagens no fogo. Assim a esposa de Cícero predisse que ele seria cônsul no ano seguinte, porque, quando certo homem, terminado o sacrifício, quis olhar nas cinzas, irrompeu subitamente uma chama.

Desta espécie são as que Plínio menciona: que os fogos terrosos, pálidos e zumbidores pressagiam tempestades; que os círculos em torno dos pavios das velas significam chuva; se a chama voa girando e serpenteando, pressagia vento. Também as tochas, quando batem o fogo diante de si e não se acendem.

Também quando um carvão se pega às panelas tiradas do fogo, e quando o fogo lança fora as cinzas e faíscas, ou quando as cinzas se endurecem juntas na lareira, e quando um carvão é muito brilhante.

A estas se acrescenta a capnomancia, assim chamada da fumaça, porque investiga a chama e a fumaça, e as cores tênues, os sons e os movimentos, quando sobem retos, ou para um lado, ou em círculo, o que lemos nestes versos de Estácio:

Seja a Piedade atada e posta sobre o altar,

Imploremos aos deuses o auxílio divino.

Ela faz chamas agudas, rubras, rugidoras e brilhantes,

Aumentadas pelo ar, sendo branco o meio;

E então ele faz as chamas sem limite algum

Serpentearem para dentro e para fora e correrem em roda,

Como uma serpente———

Também nas cavernas do Etna e nos Campos das Ninfas em Apolônia tomavam-se augúrios dos fogos e das chamas: alegres, se recebiam o que neles se lançava, e tristes, se o rejeitavam. Mas destas coisas falaremos nos capítulos seguintes, entre as respostas dos oráculos.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LVIII. DA RESSURREIÇÃO DOS MORTOS, E DE DORMIR E FICAR SEM ALIMENTO MUITOS ANOS SEGUIDOS

✦

Os filósofos árabes concordam que alguns homens podem elevar-se acima das potências do seu corpo e acima das suas potências sensitivas, e, superadas estas, receber em si, pela perfeição dos céus e das inteligências, um vigor divino.

Visto, portanto, que todas as almas dos homens são perpétuas, e também que todos os espíritos obedecem às almas perfeitas, os magos pensam que os homens perfeitos podem, pelas potências de sua alma, restaurar seus corpos moribundos com outras almas inferiores recém-separadas e insuflar-lhes de novo a vida; assim como a doninha morta é revivida pelo hálito e pelo grito de sua mãe, e os leões fazem reviver seus filhotes mortos soprando sobre eles.

E porque, como dizem, todas as coisas semelhantes, aplicadas a suas semelhantes, se tornam da mesma natureza; e todo paciente, e toda coisa que recebe em si o ato de algum agente, é dotado da natureza desse agente e torna-se conatural.

Por isso pensam que para esta vivificação, ou ressurreição, contribuem muito algumas ervas e confecções mágicas, como as que dizem ser feitas das cinzas da fênix e da pele mudada da serpente; o que, de fato, a muitos

parece fabuloso, e a alguns impossível, a menos que se pudesse tê-lo por comprovado pela fé histórica.

Pois lemos de alguns que foram afogados na água, outros lançados ao fogo e postos sobre o fogo, outros mortos na guerra, outros provados de outro modo, e depois de poucos dias tornaram a viver, como Plínio atesta de Avíola, homem ligado ao cônsul, de L.

Lâmia, Célio, Tuberão, Corfídio, Gabieno e muitos outros. Também lemos que Esopo, o fabulista, Tíndaro, Hércules e os Palicos, filhos de Júpiter e de Tália, estando mortos, foram ressuscitados; e também que muitos foram ressuscitados da morte por médicos e magos, como os historiadores relatam de Esculápio; e mencionamos acima, segundo Juba, Xanto e Filóstrato, o caso de Tilo, de certo árabe e de Apolônio de Tiana.

Também lemos que Glauco, certo homem que estava morto, foi, dizem, contra toda expectativa, quando os médicos vieram vê-lo, restituído à vida pela erva serpentária. Alguns dizem que reviveu pela introdução em seu corpo de um remédio feito de mel, de onde o provérbio: Glauco foi ressuscitado da morte tomando mel em seu corpo.

Apuleio também, relatando a maneira destas espécies de restituições à vida, diz de Zaclas, o profeta egípcio: O profeta, assim favorável, põe certa erva sobre a boca do corpo de um jovem que estava morto, e outra sobre seu peito; depois, voltando-se para o Oriente, ou para o nascer do Sol propício, orando em silêncio (uma grande multidão de povo esforçando-se para vê-lo), primeiro ergueu-lhe o peito, depois fez bater-lhe as veias, depois encheu-lhe o corpo de fôlego, após o que o cadáver se levanta e o jovem fala.

Se estas coisas são verdadeiras, as almas moribundas devem às vezes, jazendo escondidas em seus corpos, ser oprimidas por êxtases veementes e ficar livres de toda ação corporal, de modo que a vida, o sentido e o movimento abandonam o corpo, e assim o homem ainda não está verdadeiramente morto, mas jaz atônito e como que morto por certo tempo.

E isto se acha muitas vezes: que em tempos de peste muitos que são levados por mortos às sepulturas para serem enterrados revivem. O mesmo também sucedeu muitas vezes a mulheres por causa de ataques de histeria.

E o rabino Moisés, a partir do livro de Galeno que Patriarcha traduziu, menciona um homem que esteve sufocado seis dias e não comeu nem bebeu, e suas artérias endureceram. E diz-se no mesmo livro que certo homem, por estar cheio de água, perdeu o pulso de todo o corpo, de modo que não se percebia o coração mover-se, e ficou como um morto.

Também se diz que um homem, por causa de uma queda de lugar alto, ou de grande ruído, ou de longa permanência debaixo d'água, pode cair num desmaio que pode durar quarenta e oito horas, e assim jazer como se estivesse morto, com o rosto muito esverdeado.

E no mesmo lugar menciona-se um homem que enterrou outro que parecia morto setenta e duas horas depois de seu aparente falecimento, e assim o matou, porque o enterrou vivo; e dão-se sinais pelos quais se pode conhecer quem está vivo, embora pareça morto, e de fato morrerá, a menos que se usem alguns meios para recobrá-lo, como a flebotomia ou alguma outra cura.

E estes são casos que muito raramente acontecem. Esta é a maneira pela qual entendemos que os magos e os médicos ressuscitam os mortos, como os que tinham sido provados pela picada de serpentes eram restituídos à vida pela nação dos marsos e pelos psilos.

Ora, podemos conceber que tais espécies de êxtases possam durar muito tempo, embora o homem não esteja verdadeiramente morto, como acontece com os arganazes, os crocodilos e muitas outras serpentes, que dormem todo o inverno e estão em sono tão mortal que mal podem ser despertados com fogo.

E eu muitas vezes vi um arganaz dissecado continuar imóvel, como se estivesse morto, até ser fervido, e logo, ao ferver a água, os membros dissecados mostraram vida.

Também, embora seja difícil de crer, lemos em alguns historiadores aprovados que alguns homens dormiram muitos anos seguidos, e durante o sono, até despertarem, não houve neles alteração alguma que os fizesse parecer mais velhos. O mesmo atesta Plínio de certo menino que, diz ele, cansado do calor e da caminhada, dormiu cinquenta e sete anos numa caverna.

Lemos também que Epimênides de Cnossos dormiu cinquenta e sete anos numa caverna. Daí surgiu o provérbio: Dormir mais que Epimênides. M. Damasceno conta que em seu tempo certo camponês, cansado, na Alemanha, dormiu durante todo um outono e o inverno seguinte debaixo de um monte de feno, até o verão, quando o feno começou a ser consumido; então foi encontrado desperto, como um homem meio morto e fora de si.

As histórias eclesiásticas confirmam esta opinião acerca dos sete dormentes, que, dizem, dormiram 196 anos. Havia na Noruega uma caverna num alto litoral, onde, como escrevem Paulo Diácono e Metódio, o mártir, sete homens jaziam dormindo longo tempo sem corrupção, e as pessoas que entravam para incomodá-los ficavam contraídas, ou encolhidas, de modo que depois de algum tempo, advertidas por aquele castigo, não ousavam fazer-lhes mal.

Ora, Xenócrates, homem de não pequena reputação entre os filósofos, era de opinião que este longo sono era imposto por Deus como castigo por certos pecados. Mas Marco Damasceno prova por muitas razões que é possível e natural, nem julga irracional que alguns possam, sem comida nem bebida, e sem expelir excrementos, sem se consumirem nem se corromperem, dormir muitos meses.

E isto pode suceder a um homem por causa de alguma poção venenosa, ou doença soporífera, ou causas semelhantes, por certos dias, meses ou anos, segundo a intensidade ou remissão da força do remédio, ou das paixões de sua mente.

E os médicos dizem que há alguns antídotos dos quais, quem tomar uma dose muito grande, poderá suportar a fome por longo tempo; como Elias, em tempos antigos, alimentado por um anjo com certo alimento, caminhou e jejuou na força daquele alimento quarenta dias. E João Boccaccio menciona um homem de seu tempo, em Veneza, que todos os anos jejuava quatro dias sem comida alguma.

Mas maior maravilha foi haver ao mesmo tempo uma mulher na Baixa Alemanha que não tomou alimento até o décimo terceiro ano de sua idade,

o que a nós pode parecer incrível, não fosse ele tê-lo confirmado recentemente; como também conta de um milagre da nossa época, que seu irmão Nicolau Stone, helvécio de nação, viveu vinte anos no deserto sem comida, até morrer.

Também é maravilhoso o que Teofrasto menciona acerca de certo homem chamado Filino, que não usava comida nem bebida além do leite. E há autores graves que descrevem certa erva de Esparta com a qual, dizem, os citas podem suportar doze dias de fome, sem comida nem bebida, se apenas a provarem ou a segurarem na boca.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIX. DA ADIVINHAÇÃO PELOS SONHOS

✦

Há também certa espécie de adivinhação pelos sonhos, confirmada pelas tradições dos filósofos, pelas autoridades dos teólogos, pelos exemplos das histórias e pela experiência diária. Chamo aqui sonho não aos sonhos vãos ou imaginações ociosas, pois esses são vãos e não têm adivinhação neles, mas surgem dos restos da vigília e da perturbação do corpo.

Pois, conforme a mente está ocupada e cansada com cuidados, apresenta-se ela mesma a quem dorme. Chamo aqui sonho àquele que é causado pelas influências celestes no espírito fantástico, na mente ou no corpo, estando todos bem dispostos.

A regra para interpretá-lo encontra-se entre os astrólogos, naquela parte que se escreve acerca das questões; mas isso, contudo, não é suficiente, porque estas espécies de sonhos vêm, pelo uso, a diversos homens de diversas maneiras, segundo a diversa qualidade e disposição do espírito fantástico; por isso não se pode dar uma regra comum a todos para a interpretação dos sonhos.

Mas, segundo a opinião de Sinésio, uma vez que às coisas sucedem os mesmos acidentes e aos semelhantes os semelhantes, assim aquele que muitas vezes deparou com a mesma coisa visível atribuiu a si a mesma opinião, paixão, fortuna, ação e acontecimento; e, como diz Aristóteles, a memória é confirmada pelo sentido, e guardando na memória a mesma coisa obtém-se

o conhecimento, assim como pelo conhecimento de muitas experiências, pouco a pouco, se obtêm as artes e as ciências.

Da mesma maneira deves conceber os sonhos. Por isso Sinésio manda que cada um observe os seus sonhos e os seus desfechos, e regras semelhantes, a saber, que confie à memória todas as coisas que vê e os acidentes que lhe sucedem, tanto no sono como na vigília, e com diligente observação considere consigo as regras pelas quais estas coisas devem ser examinadas; pois por este meio poderá o adivinho, pouco a pouco, interpretar os seus sonhos, contanto que nada lhe escape da memória.

Ora, os sonhos são mais eficazes quando a Lua percorre aquele signo que estava no nono número da natividade, ou da revolução daquele ano, ou no nono signo a partir do signo da perfeição. Pois é adivinhação verdadeiríssima e certa, e não procede da natureza nem das artes humanas, mas das mentes purificadas, por inspiração divina. Agora discutiremos e examinaremos o que pertence às profecias e aos oráculos.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LX. DA LOUCURA E DAS ADIVINHAÇÕES QUE SE FAZEM QUANDO OS HOMENS ESTÃO ACORDADOS, E DO PODER DO HUMOR MELANCÓLICO, PELO QUAL OS ESPÍRITOS ÀS VEZES SÃO INDUZIDOS NOS CORPOS DOS HOMENS

✦

Acontece também às vezes que não só os que dormem, mas também os que estão despertos, adivinham por uma espécie de instigação da mente; a essa adivinhação Aristóteles chama arrebatamento, ou uma espécie de loucura, e ensina que procede de um humor melancólico, dizendo em seu Tratado da adivinhação: Os homens melancólicos, por causa de sua intensidade, conjecturam muito melhor, adquirem depressa um hábito e recebem com grande facilidade a impressão dos corpos celestes.

E em seus Problemas diz que as Sibilas, as Bacantes, Nicerato de Siracusa e Amon foram, por sua natural compleição melancólica, profetas e poetas. A causa, pois, dessa loucura, se for algo dentro do corpo, é um humor melancólico; não aquele a que chamam bílis negra, que é coisa tão obstinada e terrível que os médicos e os filósofos naturais dizem que sua violência, além da loucura que provoca, também atrai os espíritos maus a se apoderarem dos corpos dos homens.

Por humor melancólico entendemos aqui, portanto, uma bílis natural e branca. Pois esta, quando é agitada, arde e desperta uma loucura que con-

duz ao conhecimento e à adivinhação, sobretudo se for ajudada por algum influxo celeste, principalmente de Saturno, o qual, sendo frio e seco como o humor melancólico, exerce sobre ele sua influência, o aumenta e o conserva.

Além disso, sendo ele o autor da contemplação secreta, alheio a todos os negócios públicos e o mais alto de todos os planetas, sempre afasta a mente das ocupações exteriores, como que a chamando, e assim também a faz subir mais alto e lhe concede o conhecimento e o curso das coisas futuras. E esse é o sentido de Aristóteles em seu livro dos Problemas.

Pela melancolia, diz ele, alguns homens se tornam como que divinos, predizendo as coisas por vir, e alguns se tornam poetas. Diz também que todos os homens que foram excelentes em alguma ciência eram, na maior parte, melancólicos.

Demócrito e Platão atestam o mesmo, dizendo que houve alguns melancólicos de engenho tão excelente que eram tidos e pareciam ser mais divinos do que humanos. Assim também houve muitos melancólicos a princípio rudes, ignorantes e intratáveis, como dizem que foram Hesíodo, Íon, Tínico, Calcinenses, Homero e Lucrécio, que subitamente foram tomados de loucura, tornaram-se poetas e profetizaram coisas maravilhosas e divinas que eles mesmos mal entendiam.

Por isso o divino Platão, no Íon, diz que muitos profetas, depois de abatida a violência de sua loucura, não entendem bem o que escreveram; contudo, em sua loucura, trataram com exatidão de cada arte, como julgam todos os artífices ao lê-los.

Dizem também que é tão grande o poder da melancolia que, por sua força, até espíritos celestes são às vezes atraídos aos corpos dos homens; por cuja presença e instinto, testemunha a antiguidade, os homens ficaram como embriagados e disseram coisas maravilhosíssimas.

E pensam que isso acontece segundo uma tríplice diferença, conforme a tríplice apreensão da alma, a saber, imaginativa, racional e mental. Dizem, pois, que quando a mente é impelida por um humor melancólico, sem que nada modere o poder do corpo, e ultrapassando os limites dos membros, é toda levada para a imaginação e logo se torna morada de espíritos inferiores, dos quais muitas vezes recebe maneiras e formas maravilhosas das artes manuais.

Assim vemos que um homem ignorantíssimo se torna subitamente um excelente pintor, ou construtor de edifícios, e mestre em alguma arte semelhante. Mas quando essa espécie de espíritos nos anuncia coisas futuras, mostra as que pertencem à perturbação dos elementos e às mudanças dos tempos, como chuvas, tempestades, inundações, terremotos, grande mortandade, fome, matança e coisas semelhantes.

Como lemos em Aulo Gélio que Cornélio Pátaro, seu sacerdote, no tempo em que César e Pompeu iam combater na Tessália, tomado de loucura, predisse o momento, a ordem e o desfecho da batalha. Mas quando a mente se volta toda para a razão, torna-se receptáculo de espíritos intermediários. Daí obtém o conhecimento e a compreensão das coisas naturais e humanas.

Assim vemos que um homem às vezes se torna de repente filósofo, médico ou excelente orador, e prediz mudanças de reinos e restaurações de eras, e as coisas que lhes pertencem, como fez a Sibila aos romanos; mas quando a

mente é toda elevada ao entendimento, torna-se receptáculo de espíritos sublimes e aprende deles os segredos das coisas divinas, como a lei de Deus, as ordens dos anjos e as coisas que pertencem ao conhecimento das realidades eternas e à salvação das almas.

Prevê as coisas que estão determinadas pela predestinação especial de Deus, como prodígios futuros ou milagres, o profeta que há de vir e a mudança da lei. Assim as Sibilas profetizaram sobre Cristo muito tempo antes de sua vinda. Assim Virgílio, compreendendo que Cristo estava próximo, e lembrando-se do que dissera a Sibila de Cumas, cantou assim a Polião:

Chegaram os últimos tempos, a profecia de Cumas;

Agora do alto céu brota uma nova progênie,

E a grande ordem dos tempos de novo nasce,

A Virgem retorna, retornam os reinos de Saturno.

E um pouco depois, insinuando que o pecado original ficará sem efeito, diz:

Se restarem vestígios de nosso antigo vício,

Por ti serão anulados, e o medo deixará a terra;

Ele terá a vida de um deus, e verá entre os deuses

Heróis misturados, e ele mesmo será por eles visto,

Regerá com poder paterno a terra pacificada.

Ele há de——————————

Depois acrescenta que então a queda da serpente e o veneno da árvore da morte, ou do conhecimento do bem e do mal, serão anulados, dizendo:

————————A serpente há de cair,

E a erva enganosa do veneno também.

Contudo, insinua que algumas centelhas do pecado original permanecerão, quando diz:

Alguns vestígios da antiga fraude ainda se acharão.

E por fim, com uma grandíssima hipérbole, clama a seu menino, como à descendência de Deus, adorando-o com estas palavras:

Querida raça dos deuses, grande estirpe de Júpiter,

Olha! o mundo estremece em seu pesado eixo,

Vê a terra, os céus imensos e as extensões do Oceano,

Como todas as coisas se alegram com a era que se aproxima!

Oh! se minha vida durasse tanto, e minha voz,

Quanto bastasse para narrar teus feitos.

Há também alguns prognósticos que estão no meio, entre a adivinhação natural e a sobrenatural, como nos que estão perto da morte e, enfraquecidos pela velhice, às vezes preveem as coisas por vir; porque, como diz Platão, quanto menos os homens são estorvados pelos sentidos, tanto mais exatamente entendem; e porque estão mais perto do lugar para onde hão

de ir, e, estando seus laços como que um pouco soltos, já não sujeitos ao corpo, percebem facilmente a luz da revelação divina.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LXI. DA FORMAÇÃO DO HOMEM, DOS SENTIDOS EXTERNOS E TAMBÉM DOS INTERNOS, E DA MENTE; DO TRÍPLICE APETITE DA ALMA E DAS PAIXÕES DA VONTADE

✦

É opinião de alguns teólogos que Deus não criou imediatamente o corpo do homem, mas que o compôs e formou com a ajuda dos espíritos celestes; opinião que Alcínoo e Platão favorecem, pensando que Deus é o criador principal de todo o mundo e dos espíritos, tanto bons como maus, e por isso os fez imortais; mas que todas as espécies de animais mortais foram feitas por ordem de Deus, pois, se ele as tivesse criado, teriam de ser imortais.

Os espíritos, pois, misturando terra, fogo, ar e água, fizeram de todos eles juntos um só corpo, que sujeitaram ao serviço da alma, atribuindo nele diversas províncias a cada uma de suas potências: às mais baixas, lugares baixos e humildes, como à ira o diafragma, à concupiscência o ventre; mas aos sentidos mais nobres a cabeça, como torre de todo o corpo, e depois os múltiplos órgãos da fala.

Dividem o sentido em externo e interno. Os externos dividem-se em cinco, conhecidos de todos, aos quais são atribuídos cinco órgãos, ou sujeitos, como que fundamentos; dispostos de tal modo que os que estão colocados na parte mais eminente do corpo têm maior grau de pureza.

Pois os olhos, colocados no lugar mais alto, são os mais puros e têm afinidade com a natureza do fogo e da luz; depois os ouvidos têm a segunda ordem de lugar e de pureza, e são comparados ao ar; as narinas têm a terceira ordem e uma natureza intermediária entre o ar e a água; depois o órgão do paladar, que é mais grosseiro e muito semelhante à natureza da água; por último, o tato está difundido por todo o corpo e é comparado à grosseria da terra.

Os sentidos mais puros são os que percebem seus objetos mais de longe, como a vista e o ouvido; depois o olfato, depois o paladar, que só percebe o que está próximo. Mas o tato percebe de ambos os modos, pois percebe os corpos próximos; e assim como a vista discerne por meio do ar, assim o tato percebe, por meio de um bastão ou vara, os corpos duros, moles e úmidos.

Ora, só o tato é comum a todos os animais. Pois é certíssimo que o homem tem esse sentido, e nele e no paladar supera todos os outros animais; mas nos outros três é superado por alguns animais, como pelo cão, que ouve, vê e cheira mais agudamente que o homem; e o lince e as águias veem mais agudamente que todos os outros animais e que o homem.

Ora, os sentidos interiores, segundo Averróis, dividem-se em quatro, dos quais o primeiro se chama senso comum, porque é o primeiro a reunir e aperfeiçoar todas as representações trazidas pelos sentidos externos.

O segundo é a potência imaginativa, cujo ofício, visto que nada representa, é reter as representações recebidas pelos sentidos anteriores e apresentá-las à terceira faculdade do sentido interno, que é a fantasia, ou potência de julgar, cuja obra é também perceber e julgar, pelas representações recebidas, o

que é, ou de que espécie é, a coisa de que são as representações, e confiar à memória, para serem guardadas, as coisas assim discernidas e julgadas.

Pois suas virtudes em geral são o discurso, as disposições, as perseguições e as fugas, e os estímulos à ação; mas em particular, a compreensão das coisas intelectuais, as virtudes, o modo da disciplina, o conselho, a eleição. E é esta que nos mostra as coisas futuras pelos sonhos; por isso a fantasia às vezes é chamada intelecto fantástico.

Pois ela é a última impressão do entendimento; a qual, como diz Jâmblico, pertence a todas as potências da mente, forma todas as figuras, semelhanças das espécies e operações, e as coisas vistas, e envia as impressões de umas potências às outras; e as coisas que aparecem pelo sentido, ela as eleva à opinião, mas as que aparecem pelo intelecto, oferece-as em segundo lugar à opinião; mas por si mesma recebe imagens de todas e, por sua propriedade, as distribui convenientemente segundo sua semelhança, forma todas as ações da alma, acomoda o externo ao interno e imprime no corpo a sua impressão.

Ora, esses sentidos têm seus órgãos na cabeça: pois o senso comum e a imaginação ocupam as duas primeiras células do cérebro, embora Aristóteles coloque o órgão do senso comum no coração; mas a potência cogitativa ocupa a parte mais alta e média da cabeça; e por último a memória, a parte posterior dela.

Além disso, os órgãos da voz e da fala são muitos, como os músculos internos do peito entre as costelas, o peito, os pulmões, as artérias, a traqueia, a curvatura da língua e todas as partes e músculos que servem à respiração.

Mas o órgão próprio da fala é a boca, na qual se formam as palavras e os discursos: a língua, os dentes, os lábios, o palato etc.

Acima da alma sensível, que exerce suas potências pelos órgãos do corpo, a mente incorpórea ocupa o lugar mais alto, e tem uma natureza dupla: uma, que investiga as causas, propriedades e progresso das coisas contidas na ordem da natureza e se contenta na contemplação da verdade, e por isso se chama intelecto contemplativo.

A outra é uma potência da mente que, discernindo por deliberação o que se deve fazer e o que se deve evitar, ocupa-se toda em deliberar e agir, e por isso se chama intelecto ativo.

Esta ordem de potências, pois, a natureza estabeleceu no homem, para que pelos sentidos externos conhecêssemos as coisas corpóreas; pelos internos, as representações dos corpos, e também as coisas abstraídas pela mente e pelo intelecto, que não são corpos nem coisa alguma semelhante a eles.

E segundo esta tríplice ordem das potências da alma, há três apetites na alma: o primeiro é natural, que é uma inclinação da natureza para seu fim, como a da pedra para baixo, que há em todas as pedras; outro é animal, que segue o sentido, e divide-se em irascível e concupiscível; o terceiro é intelectivo, que se chama vontade, e difere do sensitivo nisto: o sensitivo é, por si mesmo, das coisas que podem ser apresentadas aos sentidos, nada desejando que não seja de algum modo compreendido.

Mas a vontade, embora seja por si mesma de todas as coisas possíveis, contudo, por ser livre por sua essência, pode também ser de coisas impossíveis, como foi no Diabo, que desejou ser igual a Deus; e por isso é alterada e de-

pravada pelo prazer e pela angústia contínua, enquanto consente às potências inferiores.

Daí, de seu apetite depravado, nascem nela quatro paixões, pelas quais de modo semelhante o corpo às vezes é afetado. A primeira delas chama-se deleitação, que é certa quietude ou assentimento da mente ou da vontade, porque obedece e consente, não de bom grado, àquela suavidade que os sentidos oferecem; por isso é definida como inclinação da mente a um prazer efeminado.

A segunda chama-se efusão, que é uma remissão ou dissolução da potência, a saber, quando, além da deleitação, toda a força da mente e a atenção ao bem presente se derrete e se difunde para gozá-lo. A terceira é a jactância e altivez, que se julga ter alcançado algum grande bem, em cujo gozo se envaidece e se gloria.

A quarta e última é a inveja, ou certa espécie de prazer ou deleite no mal alheio, sem nenhum proveito para si. Diz-se sem nenhum proveito para si porque, se alguém se alegrasse do mal alheio por seu próprio proveito, isso seria antes por amor de si mesmo do que por má vontade para com outro.

E estas quatro paixões nascem de um apetite depravado de prazer; a própria dor ou perplexidade gera também muitas paixões contrárias, como o horror, a tristeza, o medo e o pesar pelo bem alheio sem dano próprio, a que chamamos inveja, isto é, tristeza pela prosperidade, assim como a piedade é certa espécie de tristeza pela miséria alheia.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LXII. DAS PAIXÕES DA MENTE, SUA ORIGEM, DIFERENÇA E ESPÉCIES

✦

As paixões da mente não são outra coisa senão certos movimentos ou inclinações que procedem da apreensão de alguma coisa como boa ou má, conveniente ou inconveniente. Ora, essas apreensões são de três sortes, a saber, sensual, racional e intelectual. E segundo essas três há três sortes de paixões na alma.

Pois quando seguem a apreensão sensitiva, então consideram um bem ou mal temporal, sob a noção de proveitoso ou inútil, deleitoso ou ofensivo, e chamam-se paixões naturais ou animais.

Quando seguem a apreensão racional, e assim consideram o bem ou o mal sob as noções de virtude ou vício, louvor ou desonra, proveitoso ou inútil, honesto ou desonesto, chamam-se paixões racionais ou voluntárias. Quando seguem a apreensão intelectual e consideram o bem ou o mal sob a noção de justo ou injusto, verdadeiro ou falso, chamam-se paixões intelectuais, ou sindérese.

Ora, o sujeito das paixões da alma é a potência apetitiva da alma, que se divide em concupiscível e irascível, e ambas consideram o bem e o mal, mas sob noções diferentes.

Pois quando a potência concupiscível considera o bem e o mal absolutamente, causa-se o amor ou desejo, ou, ao contrário, o ódio. Quando considera o bem como ausente, causa-se o desejo; ou o mal como ausente ou imi-

nente, e assim se causa o horror, a fuga ou a repugnância; ou, se considera o bem como presente, causa-se o deleite, a alegria ou o prazer; mas se o mal como presente, então a tristeza, a ansiedade, a dor.

Mas a potência irascível considera o bem ou o mal sob a noção de alguma dificuldade, para obter um ou evitar o outro, e isso às vezes com confiança, e então se causa a esperança ou a ousadia; mas quando com desconfiança, então o desespero e o medo.

Mas quando essa potência irascível se ergue para a vingança, e isso só a respeito de algum mal passado, como de injúria ou dano sofrido, causa-se a ira. E assim encontramos onze paixões na mente, que são: amor, ódio, desejo, horror, alegria, dor, esperança, desespero, ousadia, medo e ira.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LXIII. COMO AS PAIXÕES DA MENTE MUDAM O PRÓPRIO CORPO, MUDANDO OS ACIDENTES E MOVENDO O ESPÍRITO

✦

A fantasia, ou potência imaginativa, tem poder de governo sobre as paixões da alma quando estas seguem a apreensão sensual. Pois ela, por seu próprio poder, segundo a diversidade das paixões, primeiramente muda o próprio corpo com uma transmutação sensível, mudando os acidentes no corpo, movendo o espírito para cima ou para baixo, para dentro ou para fora, e produzindo diversas qualidades nos membros.

Assim, na alegria os espíritos são impelidos para fora; no medo, recolhidos; na vergonha, movidos ao cérebro. Assim, na alegria o coração se dilata para fora pouco a pouco; na tristeza se contrai pouco a pouco para dentro; do mesmo modo na ira ou no medo, mas subitamente. Além disso, a ira, ou desejo de vingança, produz calor, vermelhidão, gosto amargo e soltura do ventre.

O medo induz frio, tremor do coração, mudez e palidez. A tristeza causa suor e uma brancura azulada. A piedade, que é uma espécie de tristeza, muitas vezes afeta tanto o corpo de quem se compadece que parece ser o corpo do outro homem que é afetado. Também é manifesto que entre alguns amantes há um laço de amor tão forte que o que um sofre o outro sofre.

A ansiedade induz secura e negrura. E quão grandes calores o amor desperta no fígado e no pulso, os médicos sabem, descobrindo por esse tipo de juízo o nome daquela que é amada, numa paixão heroica. Assim Naustrato soube que Antíoco estava tomado do amor de Estratonice.

É também manifesto que tais paixões, quando são veementíssimas, podem causar a morte. E isto é manifesto a todos: que por excesso de alegria, tristeza, amor, ódio, os homens muitas vezes morrem, e às vezes se livram de uma doença. Assim lemos que Sófocles e Dionísio, o tirano da Sicília, morreram ambos subitamente à notícia de uma vitória trágica.

Assim certa mulher, vendo seu filho voltar da batalha de Canas, morreu subitamente. Ora, o que a tristeza pode fazer, todos sabem. Sabemos que os cães muitas vezes morrem de tristeza pela morte de seus donos. Às vezes também, por causa de paixões semelhantes, seguem-se longas doenças, e às vezes são curadas.

Assim também alguns homens, olhando de um lugar alto, por causa de grande medo, tremem, ficam com a vista turva e enfraquecidos, e às vezes perdem os sentidos. Assim os medos e a epilepsia às vezes se seguem aos soluços.

Às vezes produzem-se efeitos maravilhosos, como no filho de Creso, que sua mãe deu à luz mudo; porém, um medo veemente e um ardente afeto o fizeram falar, o que por natureza jamais pudera fazer. Assim, numa queda súbita, muitas vezes a vida, o sentido e o movimento abandonam de repente os membros, e às vezes logo retornam.

E quanto pode a ira veemente, unida a grande audácia, mostra-o Alexandre Magno, que, estando cercado numa batalha na Índia, foi visto lançar de si relâmpagos e fogo.

Diz-se que o pai de Teodorico lançava de seu corpo centelhas de fogo, de modo que chamas faiscantes saltavam com estrondo. E coisas semelhantes às vezes aparecem nos animais, como no cavalo de Tibério, que, segundo se diz, lançava uma chama pela boca.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LXIV. COMO AS PAIXÕES DA MENTE MUDAM O CORPO POR VIA DE IMITAÇÃO A PARTIR DE ALGUMA SEMELHANÇA; TAMBÉM DA TRANSFORMAÇÃO E TRANSPORTE DOS HOMENS, E QUE FORÇA TEM A POTÊNCIA IMAGINATIVA NÃO SÓ SOBRE O CORPO, MAS SOBRE A ALMA

✦

As referidas paixões às vezes alteram o corpo por via de imitação, por causa da virtude que a semelhança da coisa tem para mudá-lo, poder que a imaginação veemente põe em movimento; como no arrepio dos dentes à vista ou ao ouvir alguma coisa, ou porque vemos ou imaginamos outro a comer coisas acres ou azedas.

Assim, quem vê outro bocejar boceja também; e alguns, ao ouvirem alguém nomear coisas azedas, sentem a língua ácida. Também a vista de alguma coisa imunda causa náusea. Muitos, à vista do sangue humano, desmaiam. Alguns, quando veem dar a alguém comida amarga, sentem saliva amarga na boca.

E Guilherme de Paris diz que viu um homem que, à vista de um remédio, evacuava tantas vezes quantas quisesse, sem que a substância do remédio,

nem o odor, nem o sabor chegassem a ele, mas apenas uma espécie de semelhança era por ele apreendida.

Por essa razão alguns, em sonho, pensam que ardem e estão no fogo, e são terrivelmente atormentados, como se de fato ardessem, quando a substância do fogo não está perto deles, mas só uma semelhança apreendida por sua imaginação.

E às vezes os corpos dos homens são transformados, transfigurados e também transportados, e isto muitas vezes quando estão em sonho, e às vezes quando estão acordados.

Assim Cipo, depois de eleito rei da Itália, muito se admirou e meditou sobre a visão e a vitória dos touros, e com esse pensamento dormiu uma noite inteira, mas de manhã foi achado com chifres, não de outro modo senão pela potência vegetativa, despertada por uma imaginação veemente, que elevou humores cornígeros à sua cabeça e produziu chifres.

Pois uma cogitação veemente, enquanto move veementemente as espécies, pinta a figura da coisa pensada, que elas representam no sangue, e o sangue imprime de si nos membros que são por ele nutridos, tanto nos do mesmo corpo como nos de outro.

Assim a imaginação da mulher grávida imprime no filho a marca da coisa desejada, e a imaginação do homem mordido por um cão raivoso imprime em sua urina a imagem de cães. Assim os homens podem encanecer de repente. E alguns, pelo sonho de uma só noite, passaram de meninos a homens feitos.

A isto podem referir-se as muitas cicatrizes do rei Dagoberto e as marcas de Francisco, que receberam, um enquanto temia o castigo, o outro enquanto meditava maravilhosamente nas chagas de Cristo.

Assim muitos são transportados de um lugar a outro, passando por rios, fogos e lugares intransponíveis, a saber, quando as espécies de algum desejo veemente, ou medo, ou ousadia, são impressas em seus espíritos e, misturadas com vapores, movem o órgão do tato em sua origem, junto com a fantasia, que é a origem do movimento local.

Daí incitam os membros e órgãos do movimento a se moverem, e são movidos sem nenhum erro ao lugar imaginado, não pela vista, mas pela fantasia interior. Tão grande é o poder da alma sobre o corpo que, para onde quer que ela imagine e sonhe que vai, para lá conduz o corpo.

Lemos muitos outros exemplos pelos quais o poder da alma sobre o corpo é maravilhosamente explicado, como o que Avicena descreve de certo homem que, quando queria, podia afetar seu corpo com paralisia. Contam de Galo Víbio que caiu em loucura, não por acaso, mas de propósito: pois, enquanto imitava os loucos, assimilou a si a loucura deles e enlouqueceu de verdade.

E Agostinho faz menção de alguns homens que moviam as orelhas à vontade, e de alguns que moviam o alto da cabeça até a testa e podiam puxá-lo de volta quando queriam; e de outro que podia suar à vontade.

E é bem sabido que alguns podem chorar à vontade e derramar abundância de lágrimas; e que há alguns que podem trazer de volta o que engoliram, quando querem, como de um saco, aos poucos. E vemos que nestes

dias há muitos que podem imitar e exprimir as vozes de aves, gado, cães e de alguns homens, de tal modo que mal se podem distinguir.

Também Plínio relata, por diversos exemplos, que mulheres foram transformadas em homens. Pontano testemunha que em seu tempo certa mulher chamada Caietava, e outra chamada Emília, depois de muitos anos de casadas, foram mudadas em homens.

Ora, quanto pode a imaginação sobre a alma, ninguém ignora: pois está mais perto da substância da alma do que o sentido; por isso age mais sobre a alma do que o sentido. Assim as mulheres, por certas fortes imaginações, sonhos e sugestões introduzidos por certas artes mágicas, muitas vezes as prendem num forte amor por alguém.

Assim dizem que Medeia, só por um sonho, ardeu de amor por Jasão. Assim a alma às vezes, por uma imaginação ou especulação veemente, é totalmente abstraída do corpo, como Celso relata de certo presbítero que, sempre que queria, podia tornar-se insensível e jazer como morto, de modo que, quando alguém o picava ou queimava, não sentia dor, mas jazia sem nenhum movimento nem respiração; contudo podia, como dizia, ouvir as vozes dos homens como que de longe, se gritassem alto.

Mas dessas abstrações discorreremos mais plenamente nos capítulos seguintes.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LXV. COMO AS PAIXÕES DA MENTE PODEM AGIR FORA DE SI SOBRE O CORPO DE OUTREM

✦

As paixões da alma que seguem a fantasia, quando são veementíssimas, não só podem mudar o próprio corpo, mas também podem transcender a ponto de agir sobre outro corpo, de modo que daí se produzem algumas impressões maravilhosas nos elementos e nas coisas exteriores, e também podem assim tirar ou trazer alguma doença da mente ou do corpo.

Pois as paixões da alma são a causa principal do temperamento de seu próprio corpo. Assim a alma, fortemente elevada e inflamada por uma forte imaginação, envia saúde ou doença, não só a seu próprio corpo, mas também a outros corpos. Assim Avicena é da opinião de que um camelo pode cair pela imaginação de alguém.

Assim quem é mordido por um cão raivoso logo cai em loucura, e aparecem em sua urina as formas de cães. Assim o desejo da mulher grávida age sobre o corpo de outrem, quando marca o feto no ventre com o sinal da coisa desejada.

Assim muitas gerações monstruosas procedem de imaginações monstruosas de mulheres grávidas, como Marcos Damasceno relata que em Pietrasanta, cidade situada no território de Pisa, houve uma moça apresentada a Carlos, rei da Boêmia, que era áspera e peluda por todo o corpo, como um animal selvagem; sua mãe, tomada de uma espécie de horror religioso di-

ante da imagem de João Batista, que estava junto de sua cama no tempo da concepção, depois a deu à luz dessa maneira.

E isto vemos que não só se dá nos homens, mas também entre os animais brutos. Assim lemos que o patriarca Jacó, com suas varas listradas postas nos bebedouros, mudou a cor das ovelhas de Labão. Assim as potências imaginativas dos pavões e de outras aves, enquanto se acasalam, imprimem uma cor em suas asas.

Por isso produzimos pavões brancos pendurando panos brancos ao redor dos lugares onde se acasalam. Ora, por esses exemplos fica claro como a afecção da fantasia, quando se aplica com veemência, não só afeta seu próprio corpo, mas também o de outrem. Assim também o desejo das bruxas de fazer mal enfeitiça os homens perniciosissimamente com olhares fixos.

Com estas coisas concordam Avicena, Aristóteles, Algazel e Galeno. Pois é manifesto que um corpo pode ser muito facilmente afetado pelo vapor do corpo doente de outrem, o que vemos claramente na peste e na lepra. Ademais, nos vapores dos olhos há tão grande poder que podem enfeitiçar e infectar os que estão perto, como o basilisco, que mata os homens com o olhar.

E certas mulheres na Cítia, entre os ilírios e os tribálios, matavam qualquer um para quem olhassem com ira. Portanto, ninguém se admire de que o corpo e a alma de alguém possam ser semelhantemente afetados pela mente de outro, visto que a mente é muito mais poderosa, forte, fervorosa e mais eficaz em seu movimento do que os vapores que exalam dos corpos; nem faltam meios pelos quais ela opere, nem o corpo de outrem está menos sujeito à mente de outro do que ao corpo de outro.

Por essa razão dizem que um homem, só por sua afecção e hábito, pode agir sobre outro. Por isso os filósofos aconselham que se evite a companhia dos homens maus e malfazejos, pois sua alma, cheia de raios nocivos, infecta os que estão perto com um contágio danoso.

Ao contrário, aconselham que se procure a companhia dos homens bons e afortunados, porque por sua proximidade nos fazem muito bem. Pois assim como do cheiro da assa-fétida ou do almíscar, assim do mau algo de mau, e do bom algo de bom, se transmite aos que estão perto, e às vezes dura muito tempo.

Ora, se as referidas paixões têm tão grande poder na fantasia, certamente têm maior poder na razão, porquanto a razão é mais excelente que a fantasia; e por fim, têm muito maior poder na mente, pois esta, quando se fixa em Deus para algum bem com toda a sua intenção, muitas vezes afeta o corpo de outrem, tanto quanto o seu, com algum dom divino.

Por este meio lemos que muitos milagres foram feitos por Apolônio, Pitágoras, Empédocles, Filolau e muitos profetas e santos homens da nossa religião.

Mas disto trataremos mais plenamente nos capítulos seguintes, onde discorreremos sobre a religião.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LXVI. QUE AS PAIXÕES DA MENTE SÃO AJUDADAS POR UMA ESTAÇÃO CELESTE, E QUÃO NECESSÁRIA É A CONSTÂNCIA DA MENTE EM TODA OBRA

✦

As paixões da mente são muito ajudadas, e ajudam, e se tornam poderosíssimas pela virtude do céu, quando concordam com o céu, seja por alguma concordância natural, seja por eleição voluntária. Pois, como diz Ptolomeu, quem escolhe o que é melhor parece em nada diferir daquele que o tem por natureza.

Contribui muito, portanto, para receber o benefício dos céus em qualquer obra, que pelo céu nos tornemos conformes a ele em nossos pensamentos, afetos, imaginações, eleições, deliberações, contemplações e coisas semelhantes.

Pois tais paixões incitam veementemente nosso espírito à sua semelhança e subitamente nos expõem, a nós e aos nossos, aos significadores superiores de tais paixões; e também, por causa de sua dignidade e proximidade com os superiores, participam muito mais das coisas celestes do que quaisquer coisas materiais.

Pois nossa mente pode, por imaginações ou pela razão, por uma espécie de imitação, conformar-se de tal modo a uma estrela que subitamente se en-

che das virtudes dessa estrela, como se fosse receptáculo próprio de sua influência.

Ora, a mente contemplativa, enquanto se retira de todo sentido, imaginação, natureza e deliberação, e se chama de volta às coisas separadas, a menos que se exponha a Saturno, não é de presente consideração ou investigação.

Pois nossa mente efetua diversas coisas pela fé, que é uma firme adesão, uma intenção fixa e uma aplicação veemente do operador, ou do receptor, àquele que coopera em alguma coisa, e dá poder à obra que pretendemos fazer. De modo que se faz como que em nós a imagem da virtude a ser recebida e da coisa a ser feita em nós ou por nós.

Devemos, pois, em toda obra e aplicação das coisas, desejar veementemente, imaginar, esperar e crer firmemente, pois isso será de grande ajuda. E está comprovado entre os médicos que uma crença forte, uma esperança indubitável e o amor ao médico e ao remédio contribuem muito para a saúde, sim, às vezes mais do que o próprio remédio.

Pois o mesmo que a eficácia e virtude do remédio opera, opera-o a forte imaginação do médico, capaz de mudar as qualidades no corpo do doente, principalmente quando o paciente deposita muita confiança no médico, dispondo-se assim para receber a virtude do médico e da medicina.

Portanto, quem opera na magia deve ter uma crença constante, ser crédulo e de modo algum duvidar de obter o efeito.

Pois assim como uma crença firme e forte opera coisas maravilhosas, ainda que seja em obras falsas, assim a desconfiança e a dúvida dissipam e quebram a virtude da mente do operador, que é o meio entre os dois extremos;

donde acontece que ele se vê frustrado da desejada influência dos superiores, a qual não poderia juntar-se e unir-se aos nossos trabalhos sem uma virtude firme e sólida de nossa mente.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LXVII. COMO A MENTE DO HOMEM PODE UNIR-SE À MENTE E ÀS INTELIGÊNCIAS DOS CORPOS CELESTES E, JUNTO COM ELAS, IMPRIMIR CERTAS VIRTUDES MARAVILHOSAS NAS COISAS INFERIORES

✦

Os filósofos, principalmente os árabes, dizem que a mente do homem, quando está muito aplicada a alguma obra, por sua paixão e seus efeitos, une-se à mente das estrelas e das inteligências, e, assim unida, é causa de que alguma virtude maravilhosa seja infundida em nossas obras e coisas; e isto tanto porque há nela uma apreensão e um poder sobre todas as coisas, como porque todas as coisas lhe têm uma obediência natural e, por necessidade, uma eficácia, e mais ainda para aquilo que as deseja com forte desejo.

E segundo isto se comprova a arte dos caracteres, das imagens, dos encantamentos e de algumas palavras, e muitas outras experiências maravilhosas, em tudo aquilo que a mente deseja. Por este meio, tudo aquilo que deseja a mente de quem está em amor veemente tem eficácia para causar amor; e tudo o que dita a mente de quem odeia fortemente tem eficácia para ferir e destruir.

O mesmo se dá nas outras coisas que a mente deseja com forte desejo. Pois todas as coisas que a mente faz e dita por caracteres, figuras, palavras, discursos, gestos e semelhantes ajudam o apetite da alma e adquirem certas virtudes maravilhosas, tanto da parte do operador, naquela hora em que tal

apetite o invade, como da oportunidade e da influência celeste que move a mente daquela maneira.

Pois nossa mente, quando é levada a um grande excesso de alguma paixão ou virtude, muitas vezes toma logo por si mesma uma hora ou oportunidade forte, melhor e mais conveniente. O que Tomás de Aquino, em seu terceiro livro contra os gentios, reconhece.

Assim muitas virtudes maravilhosas tanto causam como acompanham certas operações admiráveis, por grandes afetos, naquelas coisas que a alma lhes dita naquela hora. Mas sabe que tais coisas nada conferem, ou muito pouco, senão ao seu autor e àquele que está inclinado a elas, como se fosse o autor delas. E este é o modo pelo qual se descobre sua eficácia.

E é regra geral nelas que toda mente mais excelente em seu desejo e afeto torna tais coisas mais aptas para si mesma, como também eficazes para aquilo que deseja. Todo aquele, pois, que quiser operar na magia deve conhecer a virtude, a medida, a ordem e o grau de sua própria alma no poder do universo.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LXVIII. COMO NOSSA MENTE PODE MUDAR E LIGAR AS COISAS INFERIORES ÀQUILO QUE DESEJA

✦

Há também nas mentes dos homens certa virtude de mudar, atrair, impedir e ligar àquilo que desejam, e todas as coisas lhes obedecem quando são levadas a um grande excesso de alguma paixão ou virtude, a ponto de excederem as coisas que ligam.

Pois o superior liga o que é inferior e o converte a si, e o inferior, pela mesma razão, é convertido ao superior, ou é de outro modo afetado e trabalhado. Por esta razão, as coisas que recebem um grau superior de alguma estrela ligam, atraem ou impedem as coisas que têm um grau inferior, conforme concordam ou discordam entre si.

Por isso o leão tem medo do galo, porque a presença da virtude solar é mais conforme ao galo do que ao leão; assim o ímã atrai o ferro, porque na ordem tem um grau superior da Ursa celeste.

Assim o diamante impede o ímã, porque na ordem de Marte lhe é superior. Do mesmo modo, qualquer homem, quando oportunamente exposto às influências celestes, tanto pelos afetos de sua mente como pelas devidas aplicações das coisas naturais, se se tornar mais forte numa virtude solar, liga e atrai o inferior à admiração e à obediência; na ordem da Lua, à servidão ou às enfermidades; numa ordem saturnina, à quietude ou à tristeza; na ordem de Júpiter, à veneração; na ordem de Marte, ao medo e à discór-

dia; na ordem de Vênus, ao amor e à alegria; numa ordem mercurial, à persuasão e à obsequiosidade, e assim por diante.

Ora, o fundamento dessa espécie de ligação é o afeto veementíssimo e sem limites das almas, com o concurso da ordem celeste. Mas as dissoluções ou impedimentos de tal ligação fazem-se por um efeito contrário, e este mais excelente ou forte; pois, assim como o maior excesso da mente liga, assim também solta e impede.

E por fim, quando temes Vênus, opõe Saturno; quando Saturno ou Marte, opõe Vênus ou Júpiter; pois os astrólogos dizem que estes são os mais inimigos e contrários uns aos outros, isto é, causando efeitos contrários nestes corpos inferiores; pois no céu, onde nada falta e onde todas as coisas são governadas com amor, de modo algum pode haver ódio ou inimizade.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LXIX. DA FALA E DA VIRTUDE DAS PALAVRAS

✦

Tendo-se mostrado que há grande poder nos afetos da alma, deves saber, além disso, que não há menor virtude nas palavras e nos nomes das coisas, mas a maior de todas nos discursos e movimentos, pelos quais principalmente diferimos dos brutos e somos chamados racionais; não pela razão que se toma por aquela parte da alma que contém os afetos, a qual, diz Galeno, é também comum aos brutos, embora em menor grau; mas somos chamados racionais por aquela razão que, segundo a voz, se entende nas palavras e no discurso, e que se chama razão declarativa, pela qual parte principalmente superamos todos os outros animais.

Pois λόγος em grego significa razão, discurso e palavra. Ora, a palavra é dupla, a saber, interna e proferida. A palavra interna é uma concepção da mente e um movimento da alma que se faz sem voz, como nos sonhos parecemos falar e disputar conosco mesmos, e, enquanto estamos acordados, percorremos em silêncio um discurso inteiro.

Mas a palavra proferida tem certo ato na voz e nas propriedades da locução, e é produzida com o sopro do homem, com a abertura da boca e com a fala da língua, na qual a natureza uniu a voz corpórea e a fala à mente e ao entendimento, fazendo daquela a declaradora e intérprete da concepção de nosso intelecto aos ouvintes. E é desta que agora falamos.

As palavras, pois, são o meio mais apto entre o que fala e o que ouve, levando consigo não só a concepção da mente, mas também a virtude do que

fala, com certa eficácia, até os ouvintes, e isto muitas vezes com tão grande poder que mudam não só os ouvintes, mas também outros corpos e coisas que não têm vida.

Ora, são de maior eficácia que as outras as palavras que representam coisas maiores, como as intelectuais, celestes e sobrenaturais, tanto mais expressamente quanto mais misteriosamente.

Também as que vêm de uma língua mais digna, ou de alguém de ordem mais santa; pois estas, como certos sinais e representações, recebem um poder das coisas celestes e supracelestes, tanto pela virtude das coisas explicadas, das quais são os veículos, como por um poder nelas posto pela virtude do que fala.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LXX. DA VIRTUDE DOS NOMES PRÓPRIOS

✦

Que os nomes próprios das coisas são muito necessários nas operações mágicas, quase todos o testemunham. Pois o poder natural das coisas procede primeiro dos objetos aos sentidos, depois destes à imaginação, e desta à mente, na qual é primeiro concebido, e depois é expresso por vozes e palavras.

Os platônicos, pois, dizem que nesta mesma voz, ou palavra, ou nome formado com seus artigos, o poder da coisa, como uma espécie de vida, jaz sob a forma da significação: primeiro concebido na mente como que por certas sementes das coisas, depois, por vozes ou palavras, como um parto dado à luz, e por fim guardado nos escritos.

Por isso os magos dizem que os nomes próprios das coisas são certos raios das coisas, presentes em toda parte e em todo tempo, conservando o poder das coisas, pois a essência da coisa significada rege e é discernida neles, e conhecem as coisas por eles, como por imagens próprias e vivas.

Pois assim como o grande operador produz diversas espécies e coisas particulares pelas influências dos céus e pelos elementos, junto com as virtudes dos planetas, assim, segundo as propriedades das influências, resultam nomes próprios para as coisas, e lhes são postos por aquele que conta a multidão das estrelas, chamando-as todas por seus nomes; desses nomes Cristo, em outro lugar, fala, dizendo: Vossos nomes estão escritos no céu.

Adão, pois, que deu os primeiros nomes às coisas, conhecendo as influências dos céus e as propriedades de todas as coisas, deu-lhes a todas nomes segundo suas naturezas, como está escrito no Gênesis, onde Deus trouxe diante de Adão todas as coisas que havia criado, para que ele lhes desse nome, e como ele nomeava cada coisa, assim era o seu nome; nomes que de fato contêm em si poderes maravilhosos das coisas significadas.

Toda voz significativa, pois, significa primeiramente pela influência da harmonia celeste; em segundo lugar, pela imposição do homem, embora muitas vezes de modo diferente por esta do que por aquela.

Mas quando ambas as significações se encontram em alguma voz ou nome, postas pela dita harmonia ou pelos homens, então esse nome, com dupla virtude, a saber, natural e arbitrária, torna-se eficacíssimo para agir, sempre que for proferido em lugar e tempo devidos, e seriamente, com uma intenção exercida sobre a matéria corretamente disposta e que possa naturalmente ser trabalhada por ele.

Assim lemos em Filóstrato que, quando uma donzela em Roma morreu no mesmo dia em que se casara e foi apresentada a Apolônio, ele indagou cuidadosamente seu nome, e, conhecido este, pronunciou algo oculto, pelo qual ela reviveu.

Era observância entre os romanos, em seus ritos sagrados, que, quando sitiavam alguma cidade, indagavam diligentemente o nome próprio e verdadeiro dela e o nome do deus sob cuja proteção estava; o qual, conhecido, chamavam então para fora, com algum verso, os deuses protetores daquela cidade e amaldiçoavam os habitantes dela; e assim, por fim, estando ausentes seus deuses, os venciam, como canta Virgílio:

——— Os deuses que guardavam este reino

Abandonaram seus altares e suas moradas benditas.

Ora, o verso com que os deuses eram chamados para fora e os inimigos amaldiçoados, quando a cidade era assaltada ao redor, quem quiser conhecê-lo, procure-o em Lívio e em Macróbio; mas também Sereno Samônico, em seu livro das coisas secretas, faz menção de muitos destes.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LXXI. DE MUITAS PALAVRAS JUNTAS, COMO EM SENTENÇAS E VERSOS, E DAS VIRTUDES E LIGADURAS DOS ENCANTAMENTOS

✦

Além das virtudes das palavras e dos nomes, há também uma virtude maior nas sentenças, pela verdade nelas contida, que tem grandíssimo poder de imprimir, mudar, ligar e firmar, de modo que, quando usada, resplandece mais, e, quando resistida, mais se confirma e consolida; virtude que não está nas palavras simples, mas nas sentenças, pelas quais algo é afirmado ou negado; desta sorte são os versos, encantamentos, imprecações, deprecações, orações, invocações, obtestações, adjurações, conjurações e semelhantes. Por conseguinte, ao compor versos e orações para atrair a virtude de alguma estrela ou divindade, deves considerar diligentemente que virtudes contém cada estrela, e também que efeitos e operações, e inseri-los nos versos, louvando, exaltando, ampliando e enaltecendo as coisas que tal estrela costuma causar por via de sua influência, e vilipendiando e depreciando as coisas que ela costuma destruir e impedir, e suplicando e pedindo aquilo que desejamos obter, e condenando e detestando aquilo que queremos ver destruído e impedido; e, da mesma maneira, compor uma oração elegante, devidamente distinta por artigos, com números e proporções convenientes.

Ademais, os magos mandam que invoquemos e roguemos, pelos nomes da mesma estrela ou nome, àqueles a quem pertence tal verso, por suas coisas

maravilhosas ou milagres, por seus cursos e caminhos em sua esfera, por sua luz, pela dignidade de seu reino, pela beleza e brilho que nele há, por suas virtudes fortes e poderosas, e por coisas semelhantes a estas.

Como Psique, em Apuleio, roga a Ceres, dizendo: Suplico-te por tua mão direita fecunda, rogo-te pelas alegres cerimônias das colheitas, pelo quieto silêncio de teus cestos, pelos carros alados dos dragões teus servos, pela terra, pelo carro devorador, pela terra pegajosa, pelo lugar da descida aos subterrâneos nas núpcias luminosas de Prosérpina, e pelos retornos nas luminosas descobertas de tua filha, e por outras coisas que estão ocultas em teu templo na cidade de Elêusis, na Ática.

Além disso, com as diversas sortes de nomes das estrelas, mandam-nos invocá-las pelos nomes das inteligências que regem as próprias estrelas, das quais falaremos mais largamente em seu lugar próprio.

Os que desejarem mais exemplos destes, busquem-nos nos hinos de Orfeu, que nada é mais eficaz na magia natural, se, com suas circunstâncias, que os sábios conhecem, forem usados segundo a devida harmonia, com toda atenção. Mas voltemos ao nosso propósito.

Tais versos, feitos apta e devidamente segundo a regra das estrelas, cheios de significação e sentido, e pronunciados oportunamente com afeto veemente, tanto segundo o número e a proporção de seus artigos como segundo a forma que resulta dos artigos, e pela violência da imaginação, conferem grandíssimo poder ao encantador, e às vezes o transferem para a coisa encantada, para ligá-la e dirigi-la ao mesmo fim a que se destinam os afetos e as palavras do encantador.

Ora, o instrumento dos encantadores é um espírito harmônico puríssimo, quente, que respira, vivo, que traz consigo movimento, afeto e significação, composto de suas partes, dotado de sentido e concebido pela razão.

Pela qualidade, pois, deste espírito e por sua semelhança celeste, além das coisas já ditas, os versos também, pela oportunidade do tempo, recebem do alto virtudes excelentíssimas, e de fato mais sublimes e eficazes do que os espíritos e vapores que exalam da vida vegetal, das ervas, raízes, gomas, coisas aromáticas, fumigações e semelhantes.

Por isso os magos, ao encantarem as coisas, costumam soprar e exalar sobre elas as palavras do verso, ou insuflar a virtude com o espírito, para que toda a virtude da alma seja dirigida à coisa encantada, disposta para receber a dita virtude.

E aqui se deve notar que toda oração, escrita e palavras, assim como induzem movimentos costumeiros por seus números, proporções e forma costumeiros, assim também, fora de sua ordem habitual, sendo pronunciadas ou escritas de trás para diante, movem a efeitos inusitados.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LXXII. DO MARAVILHOSO PODER DOS ENCANTAMENTOS

✦

Dizem que o poder dos encantamentos e dos versos é tão grande que se crê serem capazes de subverter quase toda a natureza, como diz Apuleio: que com um sussurro mágico os rios velozes voltam atrás, o mar lento é atado, os ventos são exalados de comum acordo, o sol é detido, a lua é clareada, as estrelas são arrancadas, o dia é retido, a noite é prolongada; e destas coisas canta Lucano:

Os cursos de todas as coisas cessaram; a noite

Prolongou-se, tardou muito a vir a luz;

Atônito ficou o mundo precipitado, e tudo isto

Pelo ouvir de um verso————

E um pouco antes:

O verso tessálio fluiu-lhe tanto ao coração

Que lhe acendeu um calor de amor maior.

E em outro lugar:

Sem ter bebido borra alguma de veneno,

Decai-lhe o juízo, encantado———

Também Virgílio, em Damon:

Os encantos podem fazer descer a lua do céu,

Os encantos de Circe mudaram os companheiros de Ulisses.

A fria serpente, encantada, rebenta nos prados.

————

E em outro lugar:

Os encantos levam o trigo em pé da lavoura alheia.

E Ovídio, em seu livro sine Titulo, diz:

Com encantos murcha Ceres e morre,

Secam-se todas as fontes,

As bolotas dos carvalhos, as uvas encantadas

E as maçãs caem das árvores.

Se estas coisas não fossem verdadeiras, não haveria leis penais tão severas feitas contra os que encantassem os frutos. E Tibulo diz de certa encantadora:

Eu a vi com encantos tirar estrelas do céu

E desviar o curso dos rios;

Ela fende a terra, e dos sepulcros os fantasmas

Faz subir, e tira os ossos das fogueiras,

E a seu bel-prazer dispersa as nuvens no ar,

E faz nevar no verão quente e sereno.

De tudo isso aquela encantadora parece gabar-se em Ovídio, quando diz:

——À vontade, faço os rios velozes recuarem

Às suas fontes, enquanto as margens se admiram;

Agito e acalmo o mar; desfaço nuvens, com nuvens deformo o céu claro.

Com feitiços e encantos quebro a mandíbula da víbora,

Fendo rochas sólidas, arranco carvalhos de seus assentos,

Removo bosques inteiros, abalo os montes aéreos,

Faço a terra gemer e desperto os fantasmas das sepulturas,

E a ti, ó Lua, faço descer——

Além disso, todos os poetas cantam, e os filósofos não negam, que por versos muitas coisas maravilhosas se podem fazer, como remover o trigo, comandar os relâmpagos, curar as doenças e coisas semelhantes. Pois o próprio Catão, nos assuntos do campo, usava alguns encantamentos contra as doenças dos animais, que ainda existem em seus escritos.

Também Josefo testemunha que Salomão era versado nesse tipo de encantamentos. Também Celso Africano relata, segundo a doutrina egípcia, que o corpo do homem, conforme o número das faces dos signos do Zodíaco, era cuidado por outros tantos, a saber, trinta e seis espíritos, cada um dos quais toma a seu cargo e defende sua parte própria; cujos nomes chamam

com uma voz peculiar, e eles, sendo invocados, restituem a saúde com seus encantamentos às partes doentes do corpo.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LXXIII. DA VIRTUDE DA ESCRITA, E DE FAZER IMPRECAÇÕES E INSCRIÇÕES

✦

O uso das palavras e da fala é exprimir o íntimo da mente, e daí tirar os segredos dos pensamentos e declarar a vontade de quem fala. Ora, a escrita é a última expressão da mente, e é o número da fala e da voz, como também sua coleção, estado, fim, continuação e repetição, criando um hábito que não se aperfeiçoa com o ato da voz.

E tudo o que está na mente, na voz, na palavra, na oração e no discurso, tudo isso inteiro está também na escrita. E assim como nada do que se concebe na mente deixa de ser expresso pela voz, assim nada do que se exprime deixa de ser também escrito.

Por isso os magos mandam que em toda obra se façam imprecações e inscrições, pelas quais o operador possa exprimir seu afeto: que, se colher uma erva ou uma pedra, declare para que uso o faz; se fizer uma imagem, diga e escreva com que fim a faz; imprecações e inscrições que também Alberto, em seu livro chamado Speculum, não desaprova, sem as quais nenhuma de nossas obras chegaria jamais a efeito, visto que não é a disposição que causa o efeito, mas o ato da disposição.

Achamos também que o mesmo tipo de preceitos estava em uso entre os antigos, como Virgílio testemunha quando canta:

———Primeiro te cerco

Com estes fios, que em número são três,

E ao redor dos altares levo três vezes tua imagem.

E um pouco depois:

Ata, Amarílis, os nós de três cores!

E dize então: estes laços eu ato para Vênus.

E no mesmo lugar:

Como com um só fogo este barro endurece

E a cera amolece, assim Dáfnis com o nosso amor.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LXXIV. DA PROPORÇÃO, CORRESPONDÊNCIA E REDUÇÃO DAS LETRAS AOS SIGNOS CELESTES E AOS PLANETAS, SEGUNDO VÁRIAS LÍNGUAS, COM UMA TABELA QUE O MOSTRA

✦

Deus deu ao homem a mente e a fala, que (como diz Mercúrio Trismegisto) se julgam ser dom da mesma virtude, poder e imortalidade. O Deus onipotente, por sua providência, dividiu a fala dos homens em diversas línguas; as quais línguas, segundo sua diversidade, receberam diversos e próprios caracteres de escrita, que consistem em sua certa ordem, número e figura, não dispostos e formados por acaso ou sorte, nem pelo fraco juízo do homem, mas do alto, pelo que concordam com os corpos e virtudes celestes e divinos.

Mas, antes de todas as notas das línguas, a escrita dos hebreus é de todas a mais sagrada nas figuras dos caracteres, nos pontos das vogais e nos ápices dos acentos, como consistindo em matéria, forma e espírito.

Estando a posição das estrelas feita primeiro na sede de Deus, que é o céu, segundo a figura delas (como testemunham os mestres dos hebreus) foram formadas plenissimamente as letras dos mistérios celestes, tanto por sua figura, forma e significação como pelos números por elas significados, e também pela vária harmonia de sua conjunção.

Por isso os mais curiosos mecubais dos hebreus empreendem, pela figura de suas letras, pelas formas dos caracteres e sua assinatura, simplicidade, composição, separação, curvatura, retidão, falta, excesso, grandeza, pequenez, coroamento, abertura, fechamento, ordem, transmutação, junção, revolução das letras, e dos pontos e ápices, e pelo cômputo dos números pelas letras das coisas significadas, explicar todas as coisas: como procedem da causa primeira e hão de ser de novo reduzidas a ela.

Além disso, dividem as letras de seu alfabeto hebraico em doze simples, sete duplas e três mães, que, dizem, significam, como caracteres das coisas, os doze signos, os sete planetas e os três elementos, a saber, fogo, água e terra; pois não contam o ar como elemento, mas como a cola e o espírito dos elementos.

A estas também atribuem pontos e ápices. Assim, pois, como pelos aspectos dos planetas e dos signos, junto com os elementos, o espírito operante e a verdade, todas as coisas foram e são produzidas, assim, por estes caracteres de letras e pontos, que significam as coisas produzidas, são designados os nomes de todas as coisas, como certos sinais e veículos das coisas explicadas, levando consigo por toda parte sua essência e virtudes.

Os sentidos profundos e os sinais são inerentes a esses caracteres e às suas figuras, como também os números, o lugar, a ordem e a revolução; de modo que Orígenes pensou, por isso, que esses nomes, traduzidos para outro idioma, não conservam sua virtude própria. Pois só os nomes originais, corretamente impostos, porque significam naturalmente, têm uma atividade natural.

Não é assim com os que significam por convenção, que não têm atividade enquanto significantes, mas enquanto são em si mesmos certas coisas naturais. Ora, se há alguma língua original cujas palavras tenham significação natural, é manifesto que é a hebraica; cuja ordem quem observar profunda e radicalmente, e souber resolver proporcionalmente suas letras, terá uma regra para descobrir exatamente qualquer idioma.

Há, pois, vinte e duas letras, que são o fundamento do mundo e das criaturas que existem e são nomeadas nele; e todo dito e toda criatura são feitos delas, e por suas revoluções recebem seu nome, seu ser e sua virtude.

Quem, pois, quiser descobri-las deve examiná-las por cada junção das letras, até que a voz de Deus se manifeste e a estrutura das letras sacratíssimas seja aberta e descoberta. Pois daí as vozes e as palavras têm eficácia nas obras mágicas: porque aquilo em que a natureza primeiro exerce a eficácia mágica é a voz de Deus.

Mas estas coisas são de especulação mais profunda do que se possa tratar neste livro. Mas voltemos à divisão das letras. Destas, entre os hebreus, há três mães, a saber, א ו י; sete duplas, a saber, ב ג ד כ פ ר ת. As outras 12, a saber, ה ז ח ט ל מ נ ס ע צ ק ש, são simples.

A mesma regra há entre os caldeus; e, à imitação destas, também as letras das outras línguas são distribuídas aos signos, planetas e elementos, segundo sua ordem.

Pois as vogais na língua grega, a saber, Α Ε Η Ι Ο Υ Ω, correspondem aos sete planetas. Β Γ Δ Ζ Κ Λ Μ Ν Π Ρ Σ Τ são atribuídas aos doze signos do

Zodíaco; as outras cinco, Θ Ξ Φ X Ψ, representam os quatro elementos e o espírito do mundo. Entre os latinos há a mesma significação delas.

Pois as cinco vogais A E I O U, e o J e o V consoantes, são atribuídas aos sete planetas; e as consoantes B C D F G L M N P R S T correspondem aos doze signos. As restantes, a saber, K Q X Z, formam os quatro elementos. O H, a aspiração, representa o espírito do mundo. O Y, por ser caractere grego e não latino, e servindo só às palavras gregas, segue a natureza de seu idioma.

Mas não deves ignorar isto: que é observado por todos os sábios que as letras hebraicas são as mais eficazes de todas, porque têm a maior semelhança com os corpos celestes e com o mundo, e que as letras das outras línguas não têm tão grande eficácia, porque estão mais distantes deles. Ora, a disposição destas a tabela seguinte explicará.

Também todas as letras têm números duplos de sua ordem, a saber, extensos, que exprimem simplesmente que número são as letras segundo sua ordem; e coletivos, que reúnem consigo os números de todas as letras precedentes. Têm também números integrais, que resultam dos nomes das letras, segundo suas várias maneiras de numerar.

Quem conhecer as virtudes desses números poderá, em toda língua, tirar por suas letras mistérios maravilhosos, como também dizer as coisas que se passaram e predizer as coisas por vir. Há também outras junções misteriosas de letras com números; mas de todas estas discorreremos abundantemente nos livros seguintes. Por isso poremos agora fim a este primeiro livro.

O Pentáculo

♈ | ב | ה | B | B

♉ | ו | ז | Γ | C

♊ | ד | ח | Δ | D

♋ | ה | ט | Z | F

♌ | כ | ל | K | G

♍ | ך | מ | Λ | L

♎ | ן | נ | M | M

♏ | ס | ס | N | N

♐ | ר | ע | Π | P

♑ | ש | צ | P | R

♒ | ת | ק | C | S

♓ | ש | · | T | T

☿ | ב | ב | A | A

♃ | ל | ג | E | E

♂ | ה | ד | H | I

☉ | ש | כ | I | O

♀ | ת | פ | O | V

☿ | ר | · | ϒ | Icons.

☽ | ת | ת | Ω | Vcōs.

Terra | ܐ | א | Θ | K

Aqua | ܘ | ו | Ξ | Q

Aer | · | · | Φ | X

Ignis | ܝ | י | X | Z

Spūs | · | · | Ψ | H

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0